

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

**A Mão de Obra Ocupada na Atividade Industrial de
São José dos Campos e Jacareí:
Movimentos Migratórios e Movimentos Pendulares**

Dissertação de Mestrado

Léa Francesconi

Orientadora: Profa. Dra. Léa Goldenstein

São Paulo - 1978

Agradecimentos

À professora Léa, orientadora deste trabalho, pelo longo voto de confiança e pela postura científica aberta.

Às muitas outras pessoas que auxiliaram na elaboração deste trabalho, entre as quais cito Ana Maria C. Marangoni e Claudete B. Junqueira do Laboratório de Geografia Humana (IGEOG-USP) pelo acompanhamento em várias de suas etapas.

ÍNDICE

	página
INTRODUÇÃO	4
Capítulo I - A ATIVIDADE INDUSTRIAL EM SÃO JOSÉ DOS E JACAREÍ	9
1. Os municípios de São José dos Campos e Jacareí	9
2. Objetivos e técnicas de pesquisa	11
3. O crescimento da atividade industrial	12
3.1. A evolução da implantação industrial	12
3.2. O crescimento recente e as características atuais.	20
4. A concentração da atividade industrial em São José dos Campos	36
Capítulo II - A MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	41
1. A proposta inicial da pesquisa e sua ampliação poste rior	41
2. Considerações sobre o estudo das migrações	42
3. O levantamento de campo: necessidade, amplitude e amos tragem	46
4. A mão-de-obra industrial	48
4.1. Estrutura demográfica interna e nível de escolari dade	48
4.2. Características de emprego: função, salários e ou tros aspectos	52
5. A participação dos migrantes na mão-de-obra industrial.	63
5.1. A origem dos fluxos migratórios	63
5.2. As motivações para a migração	73
Capítulo III - OS MOVIMENTOS PENDULARES PARA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	80
1. Considerações sobre o estudo dos movimentos pendulares	80
2. Os fluxos de migração diária	84
3. Caracterização da mão-de-obra flutuante	86
3.1. A participação dos migrantes nos fluxos dos movi mentos pendulares	86
3.2. A composição do grupo quanto a aspectos demográfi cos	88
3.3. Particularidades relativas à função	88
3.4. O percurso domicílio-emprego	93
3.5. As condições de habitação	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
ANEXOS: Tabelas	104
Modelos dos questionários	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre a atividade industrial, com ênfase nos movimentos migratórios de sua mão-de-obra, considerados em duas dimensões espaço-temporais, a primeira, de caráter permanente ou semipermanente e em escala regional, a segunda, de caráter diário e em escala local. A busca de respostas a questões sobre a problemática das cidades médias em processo de industrialização, assim como a preocupação com a investigação das transformações em curso no Médio Vale do Paraíba Paulista, em função de sua inclusão na área de expansão do capitalismo industrial brasileiro, tal como ele tem se caracterizado nos últimos anos, levou-me à escolha de dois municípios ali localizados e, particularmente, a seus espaços urbanos, como área de pesquisa. Não pretendo explicar o processo de acumulação capitalista em si mesmo. Limito-me às modificações decorrentes de sua expansão na distribuição espacial da mão-de-obra industrial e à investigação de possíveis correlações, embora ao longo de sua elaboração estivesse presente a preocupação de não perder de vista o processo global do desenvolvimento e suas especificidades na área escolhida.

As preocupações específicas em relação ao espaço, tomado como objeto amplo da Geografia, também estiveram presentes ao longo de toda elaboração do trabalho, principalmente em relação ao espaço urbano - sede da industrialização - lugar onde se realiza mais intensamente a produção. Para ali se dirigem os fluxos migratórios mais intensos, responsáveis pela formação de uma reserva de força de trabalho indispensável à produção e à acumulação.

O processo de industrialização gera a concentração de atividades e conseqüentes alterações na utilização do es

paço e é responsável por mudanças consideráveis em termos de ocupação e dinamismo de troca de populações.

As migrações atuam como redistribuidoras de população, cuja concentração nas áreas de maior expressão da atividade industrial assume importante papel de "acumulação" de reserva de força de trabalho. Elas dirigem-se, portanto, ao espaço onde a produção/acumulação se realiza. As implicações espaciais da concentração industrial serão consideradas desde se ponto de vista,

A presença de indústrias no Brasil remonta a meados do século passado, porém, ainda que o processo de industrialização iniciado em fins desse século tenha sido significativo mesmo antes de 1930, como demonstra, entre outros, o recente trabalho de Melo (1), tem-se dado grande destaque à atividade industrial nos programas econômicos adotados pelo Brasil em busca do desenvolvimento, recentemente.

Desde 1930 no Brasil, "o Estado opera continuamente transferindo recursos e ganhos para a empresa industrial, fazendo dela o centro do sistema" conforme Oliveira (2). Desde então, atravessando diferentes fases, a industrialização é a tônica da economia até o atual modelo econômico, centrado na grande empresa, seja de capital particular ou estatal. A acumulação capitalista no Brasil atribui, portanto, grande importância ao crescimento industrial e estabelece incentivos e legislação estimuladores da economia, com as consequentes transformações espaciais.

O Vale do Paraíba (3), parte da região brasileira onde é mais acentuado o processo de industrialização, o Sudeste, responde a essa tendência e apresenta-se como alternativa para a descentralização industrial da Grande São Paulo, o que representa a expansão da atividade industrial para outros espaços. Região de alguma tradição industrial, o Vale do Paraíba apresenta características particulares quanto a alguns aspectos, entre eles o da urbanização, se compa

(1) J.M. CARDOSO DE MELLO refere-se ao "nascimento e consolidação do capital industrial" a propósito do período 1888-1933, em *O capitalismo tardio*.

(2) FRANCISCO DE OLIVEIRA, *A economia brasileira: crítica à razão dualista*, p. 14.

(3) Assim será citado, neste trabalho, o Médio Vale do Paraíba Paulista, compreendendo os municípios da micro-região homogênea 259 Vale do Paraíba, definida pelo IBGE em 1968.

rado a outras áreas do Estado de São Paulo. O grande crescimento das cidades, particularmente as maiores, e sua localização entre Rio de Janeiro e São Paulo, além das vantagens econômicas quanto à infra-estrutura para indústria, existente em várias cidades, tornam o Vale particularmente atraente para a implantação industrial.

Já na década de 60, apresentava atividade industrial significativa. Müller (4) observava, então, que sua "moderna industrialização está intimamente ligada ao crescimento do parque fabril da "Grande São Paulo"" e destacava o caráter de extravasamento industrial da Metrópole para o Vale. Um dos fatos que comprovam esse caráter é a própria estrutura industrial do Vale, marcada pelo predomínio dos setores de indústria dinâmico e intermediário sobre o setor tradicional, semelhante à da Grande São Paulo e diversa do restante do Estado, como será examinado adiante. A par desse fato, na Grande São Paulo estão os centros de decisão de suas indústrias, além de entidades de suporte financeiro, fundamentais para a atividade industrial.

O extravasamento da indústria da aglomeração paulistana representa a expansão dos problemas de habitação, de transporte e da aceleração da mobilidade de população e outros que se inscrevem no espaço e constituem questões que justificam estudo específico.

Os municípios nos quais se centrou o presente trabalho foram selecionados mediante observação empírica e pela análise de algumas informações estatísticas. Localizados a pequena distância da cidade de São Paulo, cerca de 90 e 75km respectivamente, contíguos, seus centros urbanos distam cerca de 17km (15 minutos pela rodovia). A ligação intensa entre as cidades de São José dos Campos e Jacareí, evidente pela procura de serviço escolar, comércio, emprego nos diferentes setores de São José por parte dos moradores em Jacareí, levou à verificação de que ambos constituíam campo propício ao estudo da vida de relações interurbanas, objetivo primeiro deste trabalho.

Os municípios de São José dos Campos e Jacareí, colocam-se entre os mais populosos do Vale do Paraíba. Ambos

(4) NICE L. MULLER, *O fato urbano na bacia do rio Paraíba*, p.83.

vêm apresentando grande crescimento econômico, destacam-se quanto ao valor da produção, em especial no que tange à atividade industrial. Apresentam altas taxas de urbanização e de crescimento demográfico, que correspondem não apenas ao crescimento vegetativo, mas também ao afluxo de correntes migratórias de outras regiões do país e de outras áreas do próprio Sudeste, caracterizando-os como áreas de grande mobilidade de população.

São José dos Campos colocava-se como "grande centro industrial" ao lado de Taubaté, por ocasião da pesquisa de Müller (5), realizada em 1964/65. Desde aí começa a se destacar e o processo de industrialização se intensifica no fim da década, com a implantação efetiva de novas e maiores indústrias e com a ampliação de outras já existentes, resultando em grande aumento do pessoal ocupado nessa atividade. Jacareí, que na pesquisa citada se situava como "meio centro industrial", cresce mais lentamente.

A primeira idéia do trabalho colocava como problema central da pesquisa, o estudo dos movimentos pendulares, que comporiam um dos aspectos da "intensa vida de relações" entre São José dos Campos e Jacareí, esta última enviando grande contingente de pessoas para trabalhar e estudar em São José. Posteriormente, o centro de interesse foi modificado, porém mantida a área e, em parte, a temática. A verificação, já na fase inicial da pesquisa, de que os movimentos pendulares constituíam aspecto menor das transformações trazidas pela industrialização e urbanização levou-me a empreender também o estudo das migrações inter e intra-regionais, já que o contingente populacional deslocado em caráter mais permanente se apresentou como muito mais significativo. A limitação à atividade industrial surgiu por sua maior significância como fornecedora de empregos nos dois municípios. Ao colocar a mão-de-obra efetivamente ocupada na atividade industrial como objeto de estudo, pretende explicar alguns problemas relativos à população local através do estudo dos problemas relativos ao pessoal ocupado no setor de maior absorção de mão-de-obra.

(5) Nice Müller, op. cit. p. 120

Não se trata, portanto, de um estudo sobre as migrações, mas de um trabalho sobre a mão-de-obra industrial, centrando aí o aspecto migratório ou partindo de um enfoque migratório. O trabalho propõe-se demonstrar o encadeamento da industrialização-urbanização-migração e para isso destaca a atividade industrial e suas peculiaridades na área estudada, as características da mão-de-obra industrial quanto à sua estrutura interna e alguns aspectos sócio-econômicos e os movimentos migratórios, tentando manter na análise as relações recíprocas entre eles, principalmente a medida com que a concentração industrial colabora para alterar o uso do espaço urbano e alterar o arranjo da distribuição espacial da população.

A idéia de estudar as duas cidades atende ao interesse em identificar situações diferentes quanto à migração. Um estudo sobre movimentos migratórios seria completo com a análise da área de destino do migrante, como também da área de saída, o que foi possível apenas quanto aos movimentos pendulares, na impossibilidade de levantar dados referentes às áreas de origem dos fluxos migratórios intra e inter-regionais, por limitações de tempo e de custos.

Procurei colocar aqui as principais linhas da pesquisa, sendo que farei referências ao instrumental de apoio teórico a cada momento do trabalho em que se fizer necessário.

A principal fonte de informações foi o levantamento de campo, efetuado através da aplicação de questionários dirigidos aos estabelecimentos industriais (Questionário-1) e a parte do pessoal ocupado nesses estabelecimentos definida por amostragem (Questionário-2) e que recolheram os dados primários nos quais se baseia a pesquisa, ao lado de algumas fontes secundárias que serão oportunamente citadas (modelos dos questionários em Anexo). O tratamento estatístico desses dados limitou-se ao cálculo das frequências e à elaboração de tabelas de contingência, Embora contasse com recursos materiais que permitiriam o uso de técnicas mais sofisticadas (6). Outros detalhes relativos às técnicas de pesquisa irão sendo explicitados no trabalho.

(6) Os recursos materiais citados foram oferecidos pelo Centro de Computação Eletrônica da Universidade de São Paulo, como parte de programa de bolsa para pós-graduação e do qual participei durante o ano de 1977.

Capítulo I

A ATIVIDADE INDUSTRIAL EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

1. Os municípios de São José dos Campos e Jacareí

A área pesquisada incorpora-se espacialmente à região industrializada do Sudeste brasileiro. Os municípios de São José dos Campos e Jacareí, com 126.572 e 53.022 habitantes respectivamente, de acordo com os dados censitários de 1970, colocam-se entre os mais populosos do Vale do Paraíba. A população de ambos corresponde a 23% do total do Vale. Em 1976, segundo estimativas oficiais do Estado de São Paulo, a população de São José dos Campos atingiu 208.527 habitantes e a de Jacareí, 79.300. Ambos os municípios têm atingido nível alto de crescimento econômico, considerando-se critérios de produção industrial e arrecadação de impostos. A arrecadação de ICM do município de São José é a maior do Vale paulista: em 1971, o total foi quatro vezes superior ao do segundo colocado, que foi Jacareí (N). A produção industrial de ambos correspondia, em 1970, a 54,4% do total do Vale do Paraíba, sendo 42,6% e 11,8% os percentuais que cabem, respectivamente, a São José dos Campos e Jacareí. A proximidade da Grande São Paulo e a localização junto ao eixo de circulação Rio-São Paulo são aspectos que colaboraram para sua inserção no Sudeste industrializado e para seu crescimento.

Com uma população urbana, em 1970, de 113.362 e 42.397 pessoas, correspondendo a 89,6% e 80,0% da população municipal, São José dos Campos e Jacareí apresentam altas taxas de crescimento demográfico e de urbanização (2). Cres

(1) SÃO PAULO (ESTADO), *Finanças Públicas e Estaduais - 1971*, nov/72.

(2) Taxa de urbanização: proporção de população urbana em relação a população total.

cimento demográfico que corresponde não apenas às taxas de crescimento natural, mas se deve ao afluxo de migrantes, caracterizando-os como área de grande mobilidade de população, dirigida principalmente às áreas urbanas, e, em boa parte, constituindo mão-de-obra ocupada na atividade industrial. É a atividade que absorve a maior parte da população ocupada:

Tabela I-1

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
PESSOAL OCUPADO POR SETOR DE ATIVIDADE - 1970

SETOR DE ATIVIDADE	PESSOAL OCUPADO			
	S. J. Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Primário	4.746	18,3	2.600	26,5
Secundário	17.866	69,1	5.847	59,1
Terciário	3.243	12,5	1.353	13,8
TOTAL	25.855	100,0	9.800	100,0

Fonte: Censos Agropecuario, Industrial e Comercial, 1970, IBGE.

O crescimento da atividade industrial intensificou toda a situação de mobilidade da população e atrai populações de áreas vizinhas, predominantemente rurais, ou áreas com alta densidade demográfica, como, por exemplo, o Alto Vale do Paraíba, o Sul de Minas, a Zona da Mata mineira e mesmo de áreas muito urbanizadas como a Grande São Paulo e o próprio Médio Vale do Paraíba Paulista.

Conforme análise de dados censitários efetuada pela Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo para base do Projeto Macro-eixo, os gêneros industriais que mais cresceram no Vale foram os de "Material de Transporte" (58,1% entre 1960 e 1970), "Produtos Químicos" (37,0%, no mesmo período), e "Metalurgia", sendo que grande parte desse aumento é explicado pelo crescimento das indústrias localizadas em São José dos Campos e Jacareí (3).

(3) Calculado pela equipe do Projeto Macro-Eixo, da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, utilizando dados censitários.

2. Objetivos e técnicas da pesquisa industrial

Com o objetivo de caracterizar a atividade industrial e testar a premissa de que seu crescimento seria responsável pela intensificação dos fluxos migratórios para a área e pela gênese dos movimentos pendulares, foi levantada uma série de informações sobre cada estabelecimento industrial.

Os dados que constituem suporte para as observações e análises deste capítulo foram levantados através de pesquisa direta, necessária ante a insuficiência de informações estatísticas básicas que cobrissem todas as indústrias de São José dos Campos e Jacareí. Insuficiência que não se refere ao volume de informações e pesquisas sobre a atividade industrial local (principalmente em São José dos Campos, onde havia vários levantamentos), mas sim de critérios abrangentes e confiáveis na sua obtenção. Ao mesmo tempo em que realizava o levantamento para esta pesquisa, outros semelhantes eram realizados nas mesmas indústrias por parte de órgãos tais como o SENAI, a Secretaria de Planejamento, o IBGE, a Prefeitura de São José dos Campos e outros, cuja origem não foi identificada. Houve, portanto, uma superposição de levantamentos, o que, além do problema já citado, provoca indisposição das empresas contra os pesquisadores, circunstância que elas utilizam como justificativa para o mau atendimento ou o fornecimento incompleto das informações solicitadas, quando elas não são pura e simplesmente negadas.

Foram aplicados questionários (Questionário-1, modelo em Anexo), diretamente ao universo das indústrias de transformação de São José dos Campos e Jacareí, solicitando informações relativas à discriminação da atividade principal, ao porte do estabelecimento avaliado através do dimensionamento físico (área total e construída), ao elemento humano (volume de pessoal ocupado) e à produção (valor da produção, energia consumida), assim como a discriminação dos benefícios proporcionados ao pessoal ocupado, sob a forma de assistência médica, social e outras. Previamente não foram consideradas as padarias e olarias, além das indústrias com menos de 5 pessoas ocupadas em 1973, segundo várias fontes estatísticas, sendo básica a Relação dos 2/3 (4) para São José dos Campos e um

(4) Relação enviada anualmente ao Ministério do Trabalho por todas as empresas urbanas, de onde constam, entre outras, informações sobre a naturalidade, função e salário mensal dos empregados registrados.

levantamento direto prévio para Jacareí. Essa restrição deveu-se ao fato de que os estabelecimentos com menos de cinco pessoas ocupadas, embora sejam em grande número e muito disseminados, ocupem no conjunto pequena parte do pessoal total ocupado nas indústrias de ambos os municípios e, portanto, alongariam demais a pesquisa de campo na obtenção de dados não muito significativos para o estudo proposto. Houve restrição às olarias e panificadoras, inclusive aquelas que estivessem no limite de pessoal ocupado aceito, porque o regime de trabalho familiar nas olarias as colocam à parte da indústria moderna e a associação à atividade comercial, no caso das panificadoras - de mercearia ou bar - dificulta o isolamento dos aspectos relativos à atividade industrial especificamente. Optei pela exclusão desses estabelecimentos na pesquisa, tendo em vista também que não alteraria de modo significativo o número total do pessoal ocupado. A aplicação dos questionários foi realizada entre abril e setembro de 1974, juntamente com a aplicação dos questionários à mão-de-obra ocupada nessas indústrias (Questionário-2, modelo em Anexo) e que serão analisados nos capítulos II e III. O resultado final foi um total de 56 indústrias pesquisadas em São José dos Campos e 51 em Jacareí, totais que correspondem a uma ausência de resposta de 15,1% e 12,1% em relação ao número de indústrias previsto.

3. O crescimento da atividade industrial

3.1. A evolução da implantação industrial

A evolução da implantação industrial em São José dos Campos e Jacareí reflete a orientação da economia brasileira durante as últimas décadas relativa à atividade industrial, conforme se torna perceptível ao analisar as indústrias que permaneceram até 1974. A periodização elaborada para essa parte fundamenta-se no próprio ritmo de instalação dessas indústrias, marcando fases de maior ou menor intensidade de novas implantações e também no tipo de estabelecimento (ver, para esta parte, as tabelas I-2, I-3 e I-4). Entretanto, os períodos definidos são facilmente comparáveis aos da evolução da atividade industrial no Brasil e notadamente no Sudeste.

As indústrias instaladas até 1945 pertencem ao setor tradicional (5): são têxteis, alimentícia, de minerais não metálicos ou editorial-gráfica e provêm de um período historicamente marcado pela presença de indústrias têxteis e alimentícias no Estado de São Paulo. Entre as dez instaladas até essa data, duas de Jacareí são anteriores a 1914: Malharia N.S. Conceição, fabricante de meias, cuja data de início de funcionamento declarada foi 1909, porém é provável que seja mais antiga (6), e a fábrica de Biscoitos Jacareí, de 1899. Num período de rápida expansão do parque industrial do Estado de São Paulo, conforme Dean (7). O mesmo autor menciona o aumento do número de indústrias de tecelagem, "durante os primeiros trinta anos da República", e a presença de "umas poucas malharias, destinadas principalmente a produzir meias" (8), das quais algumas localizadas naquele município.

Outros quatro estabelecimentos industriais instalaram-se após 1914 e ainda antes de 1930: são duas têxteis - Tecelagem Paraíba, em São José (1925), e Avante (fábrica de meias em Jacareí, 1922) - uma cerâmica em São José (Paulo Becker, 1921) e um jornal ("Diário de São José dos Campos", em 1924).

Os fatores locacionais declarados por essas indústrias restringem-se à facilidade de obtenção de matérias-primas e a condições familiares; empregam entre 5 e 500 pessoas por estabelecimento e localizam-se no centro de suas cidades ou próximo a ele, com exceção da Tecelagem que emprega mais de 1.200 pessoas e da Cerâmica que está afastada da parte central de São José.

A partir de 1946 até 1954 surgem as primeiras representantes do setor chamado intermediário: três em Jacareí - fogos de artifício (Caramuru, hoje extinta) - tintas e sol

(5) O agrupamento por setores foi baseado em Pastore & Lopes, *A mão de obra especializada na indústria paulista*, alterado em parte pela inclusão do gênero industrial "minerais não metálicos" no Setor Tradicional em lugar do Setor Intermediário, dadas as características dos estabelecimentos desse gênero nos municípios em questão. Ver, a respeito, La Corte e Chery.

(6) A informação é de que existiria há mais tempo com outra razão social, embora Müller cite a data de 1918, Op. cit., p.150.

(7) WARREN DEAN, *A industrialização de São Paulo*, p.115.

(8) Idem, p. 91.

Tabela I - 2

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

INDÚSTRIAS POR SETORES, SEGUNDO DATA
DE INÍCIO DE FUNCIONAMENTO, 1974

São José dos Campos

DATA	SETOR									
	TRADICIONAL		INTERMEDIÁRIO		DINÂMICO		DIVERSAS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1945	6 (100,0%)	28,6	-	-	-	-	-	-	6 (100,0%)	10,7
1954	3 (75,0%)	14,3	1 (25,0%)	7,1	-	-	-	-	4 (100,0%)	7,1
1963	3 (21,4%)	14,3	4 (28,6%)	28,6	7 (50,0%)	36,8	-	-	14 (100,0%)	25,0
1967	2 (22,2%)	9,5	3 (33,3%)	21,4	4 (44,4%)	21,1	-	-	9 (100,0%)	16,1
1974	6 (30,0%)	28,6	6 (30,0%)	28,6	6 (30,0%)	31,6	2 (10,0%)	100,0	20 (100,0%)	35,7
	1 (33,3%)	4,7	-	-	2 (66,6%)	10,5	-	-	3 (100,0%)	5,4
AL	21 (37,5%)	100,0	14 (25,0%)	100,0	19 (33,9%)	100,0	2 (3,6%)	100,0	56 (100,0%)	100,0

Jacareí

DATA	SETOR									
	TRADICIONAL		INTERMEDIÁRIO		DINÂMICO		DIVERSAS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1945	4 (100,0%)	12,9	-	-	-	-	-	-	4 (100,0%)	7,8
1954	8 (72,7%)	25,8	3 (27,3%)	18,8	-	-	-	-	11 (100,0%)	21,6
1963	6 (40,0%)	19,3	7 (46,7%)	43,8	2 (13,3%)	66,7	-	-	15 (100,0%)	29,5
1967	1 (50,0%)	3,2	-	-	1 (50,0%)	33,3	-	-	2 (100,0%)	3,9
1974	11 (61,1%)	35,5	6 (33,3%)	37,5	-	-	1 (100,0%)	100,0	18 (100,0%)	35,3
c	1 (100,0%)	3,2	-	-	-	-	-	-	1 (100,0%)	1,9
AL	31 (60,8%)	100,0	16 (31,4%)	100,0	3 (5,9%)	100,0	1 (1,9%)	100,0	51 (100,0%)	100,0

Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

Tabela I-3
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO CLASSES DE PESSOAL OCUPADO,
POR PERÍODO DE INÍCIO DE FUNCIONAMENTO

S. José dos Campos

PESSOAL OCUPADO														
PERÍODO	Até 50		51 a 100		101 a 220		221 a 500		501 a 1200		1201 a mais		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até 1945	2	7,7 (33,3%)	1	11,1 (16,7%)	1	33,3 (16,7%)	1	33,3 (16,7%)	-	-	1	14,3 (16,7%)	6	11,3 (100,0%)
1946 a 1954	2	7,7 (50,0%)	1	11,1 (25,0%)	-	-	-	-	-	-	1	14,3 (25,0%)	4	7,5 (100,0%)
1955 a 1963	3	11,5 (21,4%)	3	33,3 (21,4%)	1	33,3 (7,1%)	-	-	4	80,0 (26,6%)	3	42,9 (21,4%)	14	26,4 (100,0%)
1964 a 1967	6	23,1 (66,7%)	2	22,2 (22,2%)	1	33,3 (11,1%)	-	-	-	-	-	-	9	17,0 (100,0%)
1968 a 1974	13	50,0 (65,0%)	2	22,2 (10,0%)	-	-	2	66,7 (10,0%)	1	20,0 (5,0%)	2	28,6 (10,0%)	20	37,7 (100,0%)
TOTAL	26	100,0 (49,1%)	9	100,0 (17,0%)	3	100,0 (5,7%)	3	100,0 (5,7%)	5	100,0 (9,4%)	7	100,0 (13,2%)	53	100,0 (100,0%)

Jacareí

PESSOAL OCUPADO														
PERÍODO	Até 50		51 a 100		101 a 220		221 a 500		501 a 1200		1201 a mais		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até 1945	1	4,0 (25,0%)	1	33,3 (25,0%)	-	-	2	20,0 (50,0%)	-	-	-	-	4	8,0 (100,0%)
1946 a 1954	4	16,0 (36,4%)	-	-	5	50,0 (45,5%)	1	10,0 (9,1%)	1	100,0 (9,1%)	-	-	11	22,0 (100,0%)
1955 a 1963	5	20,0 (33,3%)	1	33,3 (6,7%)	4	40,0 (26,7%)	4	40,0 (26,7%)	-	-	1	100,0 (6,7%)	15	30,0 (100,0%)
1964 a 1967	2	8,0 (100,0%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,0 (100,0%)
1968 a 1974	13	52,0 (72,2%)	1	33,3 (5,6%)	1	10,0 (5,6%)	3	30,0 (16,7%)	-	-	-	-	18	36,0 (100,0%)
TOTAL	25	100,0 (50,0%)	3	100,0 (6,0%)	10	100,0 (20,0%)	10	100,0 (20,0%)	1	100,0 (2,0%)	1	100,0 (2,0%)	50	100,0 (100,0%)

Fonte: Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

Tabela I-4

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO O PERÍODO DE INÍCIO DE FUNCIONAMENTO POR PRINCIPAL
MOTIVO PARA A INSTALAÇÃO - 1974

São José dos Campos

MOTIVO	INÍCIO DE FUNCIONAMENTO													
	Até 1945		1946 a 1954		1955 a 1963		1964 a 1967		1968 a 1974		Não informa		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Situação geográfica	-	-	-	-	4	30,8	-	-	2	9,5	-	-	6	10,0
					(66,7%)			(33,3%)					(100,0%)	
Localização geográfica	-	-	-	-	4	30,8	3	33,3	5	23,8	1	23,3	13	23,3
					(30,8%)		(23,1%)		(38,5%)		(7,7%)		(100,0%)	
Condições familiares	1	16,7	2	50,0	2	15,4	2	22,2	5	23,8	1	33,3	13	23,3
	(7,7%)		(15,4%)		(15,4%)		(15,4%)		(38,5%)		(7,7%)		(100,0%)	
Fornecer a ind. próxima	-	-	-	-	-	-	1	11,1	-	-	-	-	1	1,7
							(100,0%)						(100,0%)	
Facilidade mat. prima	3	50,0	1	25,0	-	-	-	-	-	-	-	-	4	7,3
	(75,0%)		(25,0%)										(100,0%)	
Sair de São Paulo	-	-	-	-	1	7,7	1	11,1	1	4,8	-	-	3	5,4
					(33,3%)		(33,3%)		(33,3%)				(100,0%)	
Condições físicas	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,8	1	33,3	2	3,6
									(50,0%)		(50,0%)		(100,0%)	
Outro	1	16,7	-	-	-	-	1	11,1	4	19,0	-	-	6	10,9
	(16,7%)						(16,7%)		(66,7%)				(100,0%)	
Não informa	1	16,7	1	25,0	2	15,4	1	11,1	3	14,3	-	-	8	14,5
	(12,5%)		(12,5%)		(25,0%)		(12,5%)		(37,5%)				(100,0%)	
TOTAL	6	100,0	4	100,0	13	100,0	9	100,0	21	100,0	3	100,0	56	100,0
	(10,7%)		(7,1%)		(23,2%)		(16,1%)		(37,5%)		(5,4%)		(100,0%)	

Jacareí

MOTIVO	INÍCIO DE FUNCIONAMENTO													
	Até 1945		1946 a 1954		1955 a 1963		1964 a 1967		1968 a 1974		Não informa		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Situação geográfica	1	25,0	3	27,3	5	33,3	-	-	2	11,1	-	-	11	21,3
	(9,1%)		(27,3%)		(45,5%)			(18,2%)					(100,0%)	
Localização geográfica	-	-	-	-	1	6,7	1	50,0	2	11,1	-	-	4	7,7
					(25,0%)		(25,0%)		(50,0%)				(100,0%)	
Condições familiares	1	25,0	2	18,2	2	13,3	1	50,0	4	22,2	-	-	10	19,3
	(11,1%)		(22,2%)		(22,2%)		(11,1%)		(44,4%)				(100,0%)	
Fornecer a ind. próxima	-	-	1	9,1	1	6,7	-	-	-	-	-	-	2	3,8
			(50,0%)		(50,0%)								(100,0%)	
Facilidade mat. prima	1	25,0	-	-	-	-	-	-	1	5,6	-	-	2	3,8
	(50,0%)								(50,0%)				(100,0%)	
Sair de São Paulo	-	-	-	-	1	6,7	-	-	1	5,6	-	-	2	3,8
					(50,0%)				(50,0%)				(100,0%)	
Mão-de-obra	-	-	2	18,2	2	13,3	-	-	2	11,1	-	-	6	11,3
			(33,3%)		(33,3%)				(33,3%)				(100,0%)	
Incentivos fiscais	-	-	1	9,1	2	13,3	-	-	1	5,6	-	-	4	7,7
			(25,0%)		(50,0%)				(25,0%)				(100,0%)	
Outro	-	-	2	18,2	1	6,7	-	-	3	16,7	1	100,0	7	13,3
			(28,6%)		(14,3%)				(42,8%)		(14,3%)		(100,0%)	
Não informa	1	25,0	-	-	-	-	-	-	2	11,1	-	-	3	5,6
	(33,3%)								(66,7%)				(100,0%)	
TOTAL	4	100,0	11	100,0	15	100,0	2	100,0	18	100,0	1	100,0	51	100,0
	(7,8%)		(21,6%)		(29,4%)		(3,9%)		(35,3%)		(2,0%)		(100,0%)	

Fonte: Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

ventes (Castelo, Filibra, hoje Rohm & Haas) e uma indústria química em São José dos Campos (Rhodia). Entretanto o setor tradicional predomina entre as novas indústrias (75% das de São José e 72,7% de Jacareí). Dessa fase, permanecem 15 estabelecimentos industriais, sendo quatro em São José (7,5% do total do município) e onze em Jacareí (22,0%), indicando aumento do número de instalações de novas indústrias, em relação ao período anterior.

Para Jacareí, essa fase apresenta um aumento do número de novas instalações industriais, possuindo em média maior número de pessoas ocupadas por unidade e explicando sua presença no município por outros motivos, além da presença de matérias-primas ou das condições familiares: explicam-se pela situação geográfica do município, pela facilidade de obtenção de mão-de-obra, por incentivos fiscais - que, até onde foi possível pesquisar, se referem a incentivos locais, do município - ou outros motivos menos frequentes. Corresponde portanto a um período de expansão da atividade industrial, assim como de diversificação de gêneros industriais. A escolha de sítios mais distantes do centro da cidade para sua instalação, explicável pelo próprio tipo de indústria, pode ser notada na fase em questão.

Para São José dos Campos é um período fraco. Dos quatro estabelecimentos remanescentes, apenas um emprega hoje grande quantidade de pessoal: a Rhodia, com mais de 1.200 empregados; e explicam sua presença no município pelos mesmos motivos que os estabelecimentos instalados no período anterior ou seja, condições familiares e facilidade de obtenção de matérias-primas, com exceção da mesma empresa, que não os revelou. Também em São José surge a tendência à localização a maior distância do centro da cidade, embora ainda próximo ao perímetro urbano, e o início da diversificação quanto ao gênero industrial.

Entre 1955 e 1963, período de aceleração do processo de industrialização brasileiro, as primeiras indústrias do setor dinâmico instalam-se nos dois municípios. Os gêneros "Metalurgia", "Material Elétrico e de Comunicação" e "Material de Transporte e Mecânica" fazem-se presentes através de empresas tais como Winding, Ericsson e General Motors, em São José dos Campos, e Schrader, em Jacareí (ligada à produção de componentes para a indústria de pneus), todas com evidente li

gação com a indústria automobilística. Essa fase engloba o período desenvolvimentista, marcado pelo incentivo à produção de bens de consumo duráveis e pela prioridade à indústria automobilística. Inclui também o início da depressão econômica que finda em 1967 (9). É nesse período que a indústria aeronáutica se inicia em São José.

Alguns novos gêneros, componentes do setor tradicional, como "Madeira e Mobiliário", "Artefatos de tecidos, confecções e Calçados", passam a ser implantados nos dois municípios, e "Papel e papelão", do setor intermediário, é implantado em Jacareí.

Nesse período, tem início a entrada, em grande quantidade, de indústrias transnacionais na área ligadas à produção dos novos gêneros, sejam dinâmicos (a maioria) ou tradicionais. As indústrias desse período são de grande porte, em termos de pessoal ocupado: metade das indústrias que empregam mais de 500 pessoas nos dois municípios (58,3% de São José dos Campos e 50,0% de Jacareí).

Essa fase coincide com a ampliação da área de localização industrial. Os eixos rodoviários passam a atrair mais as indústrias, como resultado da opção nacional de ampliação do transporte rodoviário e implantação da indústria automobilística. A boa situação geográfica é o motivo principal para escolha do local pelas indústrias, declarado pelos estabelecimentos ali chegados nessa fase. Sair da Grande São Paulo aparece como um motivo para tanto, indício da preocupação com as deseconomias de aglomeração geradas na Metrópole e que mais tarde transpareceria na propensão governamental de descentralizar a atividade industrial.

Tem início o crescimento industrial mais acentuado de São José dos Campos, de modo a caracterizá-lo, já em 1960, como centro industrial diversificado (10). Nesse ponto, abre-se a diferenciação dos gêneros industriais entre os dois municípios, com a instalação sucessiva de 17 indústrias dinâmicas em São José (desde 1955 até 1974) e apenas 3 em Jacareí. Sobre esse aspecto são feitas observações mais adiante, quando

(9) PAUL SINGER, "Evolução da economia brasileira: 1955 - 1975" in: *A Crise do "Milagre"*, p. 99.

(10) "Grande centro poli-industrial, sem predominância de qualquer setor industrial", conforme Nice L. Müller, Op. Cit. p. 133.

me detenho na estrutura industrial de ambos.

Parte das indústrias que perduraram até hoje são resultantes dessa época. A presença de matérias-primas deixa de ser motivo para a localização industrial nos dois municípios, o que parece ligado não só ao aspecto transporte, que facilita a busca de materiais em zonas mais distanciadas, mas também ao próprio tipo de indústrias que requerem matérias-primas já industrializadas e cuja fonte principal estaria então localizada nos grandes centros industriais do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Isso não acontecia com relação às mais antigas - minerais não metálicos, alimentícia e têxtil - muito mais ligadas à produção agrícola e mineral da região.

O breve período de 1964 a 1967 corresponde à recessão econômica e caracteriza-se pelo pequeno número verificado de novas implantações, sendo estas de pequenas indústrias que empregavam no máximo cerca de 200 pessoas por unidade na ocasião da pesquisa.

O período seguinte foi de auge da atividade industrial em São José dos Campos, correspondente a um grande número de novas implantações e à ampliação de unidades já existentes em período relativamente curto. Coincide com a "inflexão para cima" da economia nacional iniciada em 1968 (11). Entre 1970 e 1974 instalaram-se 37,7% do total de estabelecimentos industriais pesquisados. A maioria é constituída de pequenos estabelecimentos (65% empregam até 50 pessoas por unidade), porém os maiores são responsáveis pela maior oferta de empregos. Nesse período predominam as novas indústrias metalúrgicas em São José e Jacareí e de material elétrico em São José dos Campos; instalam-se pela situação geográfica ou por condições familiares, ou, então, por outros motivos diversos que mostram múltiplas tendências para explicar a escolha de São José dos Campos e Jacareí para implantação industrial, do ponto de vista das empresas entrevistadas.

Algumas indústrias deixaram de fornecer informações sobre vários itens do questionário, até mesmo sobre uma questão simples como é a data de início de funcionamento de esta

(11) Paul Singer, op. cit. p. 112.

belecimento pesquisado, ou então deram informações contraditórias. Um exemplo é o da Johnson, que não declara a data de início de funcionamento no questionário, afirma em entrevista telefônica posterior a data de 1972 e é citada em obra editada em 1969 (12).

3.2. O crescimento recente e as características atuais

O número de pessoas ocupadas na atividade industrial em São José dos Campos aumentou entre 1970 e 1973 em 74,3%, o que em números absolutos representa aumento superior a 12.000 pessoas em 3 anos, conforme a tabela I-5. Trata-se de aumento extraordinário, o que se deve não só às novas indústrias, mas também à ampliação dos estabelecimentos industriais já existentes. Ao mesmo tempo, o aumento de pessoal ocupado nas indústrias de Jacareí correspondeu a 24,2%. Essa defasagem entre São José e Jacareí explica em parte a movimentação diária de mão-de-obra que se verifica entre ambos, assunto que é tratado no último capítulo e outros problemas de utilização do espaço urbano.

Tabela I-5

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
EVOLUÇÃO DO TOTAL DE PESSOAS OCUPADAS NA
ATIVIDADE INDUSTRIAL - 1940/1973

DATA	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº de pessoas	% de aumento	Nº de pessoas	% de aumento
1940	2.034		1.620	
1950	3.515	72,8	1.719	6,1
1960	6.003	70,8	2.873	67,1
1970	17.886	197,6	5.847	104,5
1973	31.151	74,3	7.265	24,2

Fonte: Censos Industriais de 1940, 1950, 1960 e 1970.
Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

A estrutura industrial, ou seja, a composição das

(12) Nice L. Müller aponta a data de 1953 para sua instalação no município, op. cit. p.138.

indústrias por gêneros constitui indicador do estágio de crescimento industrial. A estrutura industrial do Vale do Paraíba, revela, em 1968, o predomínio dos gêneros de indústria pertencentes aos setores dinâmico e intermediário. A proporção de 33,1% de indústrias "dinâmicas" é semelhante à registrada na Grande São Paulo, onde a proporção desse tipo de indústria atinge 42,7%, enquanto nas outras regiões administrativas do Estado de São Paulo é inferior a 20% do total de indústrias (13).

A mesma fonte mostra a menor importância relativa do setor tradicional no Vale do Paraíba, Grande São Paulo e São Paulo exterior ao qual as indústrias dessas regiões pertencem em proporção que oscila entre 24,5% e 31,7% e a situação inversa para as restantes regiões, onde essa proporção varia entre 57,6% e 90,2%.

Tabela I-6

ESTADO DE SÃO PAULO: VALOR DE VENDAS INDUSTRIAIS
POR REGIÕES ADMINISTRATIVAS - 1970

REGIÕES ADMINISTRATIVAS	SETOR DE INDÚSTRIA (%)		
	Tradi- cional	Inter- med.	Dinâ- mico
Grande São Paulo	31,7	25,6	42,7
São Paulo exterior	24,5	64,8	10,7
Vale do Paraíba	29,6	37,3	33,1
Sorocaba	57,6	24,1	18,3
Campinas	64,5	19,0	16,5
Ribeirão Preto	81,1	8,9	10,0
Bauru	75,5	20,9	3,6
S. José do Rio Preto	64,7	33,9	1,4
Araçatuba	90,2	8,9	0,9
Presidente Prudente	70,8	22,0	1,2

Fonte: Revista Economia Paulista, ano.1, nº 5.

Comparação semelhante realizada entre São José dos Campos e Jacareí demonstra que possuem estrutura industrial diferenciada. O crescimento industrial de Jacareí baseou-se no predomínio do setor tradicional, enquanto em São José os setores intermediário e dinâmico são predominantes. O município de São José tende a se aproximar do tipo de estrutura industrial do Vale. Verifica-se, a partir de 1955, um aumento na instalação de estabelecimentos industriais pertencentes

(13) Conforme indica o Relatório do Grupo de Descentralização Industrial da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, *Economia Paulista*, 1 (5), fev.1970. A divisão em regiões administrativas do Estado de São Paulo é apresentada no *São Paulo Desenvolvimento Atlas*, 1970.

aos setores intermediário e dinâmico, como já foi exposto, tendência que se acentua a partir de 1967. Portanto, o grande crescimento do período 1968-74 baseou-se nesse tipo de indústria. Em Jacareí, a situação é inversa, dominando o setor tradicional, como acontece na maior parte do Estado de São Paulo.

De acordo com a tabela I-2, 60,8% das indústrias de Jacareí pertencem ao setor tradicional, 5,9% ao setor dinâmico e 31,4% ao setor intermediário. Já em São José dos Campos, ao setor tradicional pertencem 37,5% do total de estabelecimentos industriais, enquanto cabem 33,9% ao setor dinâmico e 25,0% ao intermediário. As indústrias "diversas" poderiam ser encaixadas no setor dinâmico pela análise das características de cada uma, principalmente quanto àquelas localizadas em São José, e das características do próprio setor.

Até aqui as observações sobre composição da estrutura industrial dos municípios de São José dos Campos e Jacareí ativeram-se à quantidade de estabelecimentos industriais presentes. A seguir procurarei demonstrar o que eles representam em termos de alguns indicadores econômicos.

Em São José, 61,1% do valor da produção industrial em 1973 foram devidos às indústrias de material de transporte, mecânica e de material elétrico e de comunicação, gêneros estes que constituem o setor dinâmico dessa cidade. Em Jacareí, as indústrias do setor dinâmico respondem a pequena parcela do valor global da produção industrial (5,4%) enquanto os setores tradicional e intermediário dividem equitativamente o restante, conforme os dados na tabela I-7.

O consumo de energia elétrica e o número de empregos oferecidos distribuem-se setorialmente da mesma forma, ou seja, maior importância das indústrias dinâmicas em São José (58,1% da energia consumida pela atividade industrial e 55,4% do pessoal ocupado), e maior importância das indústrias tradicionais e intermediárias em Jacareí (tradicionais: 22,8% do consumo de energia e 54,2% do pessoal ocupado; intermediárias: 74,6% da energia consumida e 38,1% do pessoal ocupado). Em Jacareí o setor intermediário é representado quase que inteiramente por uma única indústria, a Simão, de celulose e papel, que é também a maior do município.

TABELA I - 7
 SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
 ENERGIA ELÉTRICA CONSUMIDA NAS INDÚSTRIAS,
 POR GÊNERO E SETOR - 1973

GÊNERO E SETOR	VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL (mil cruzeiros)					
	S. J. dos Campos		Jacareí		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Minerais não metálicos	12.279.568 (94,7%)	0,4	689.127 (5,3%)	0,1	12.968.695 (100,0%)	0,4
Madeira e mobiliário	1.712.279 (9,3%)	0,1	16.759.138 (90,7%)	2,6	18.471.417 (100,0%)	0,5
Têxtil	114.563.503 (35,5%)	4,3	208.120.275 (64,5%)	32,2	322.683.778 (100,0%)	9,7
Artefatos de tecidos, confecções e calçados	*247.038.835 (93,1%)	9,2	18.179.646 (6,8%)	2,8	265.218.481 (100,0%)	8,0
Produtos alimentares e bebidas	58.478.174 (77,0%)	2,2	17.473.409 (23,0%)	2,7	75.951.583 (100,0%)	2,3
Editorial e gráfica	1.007.534 (1,9%)	0,0	50.959.175 (98,1%)	7,9	51.966.709 (100,0%)	1,6
Tradicional (Sub-Total)	435.075.893 (58,2%)	16,3	312.180.770 (41,8%)	48,2	747.260.663 (100,0%)	22,5
Metalúrgica	40.506.082 (70,3%)	1,5	17.098.942 (29,7%)	2,6	57.605.024 (100,0%)	1,7
Química e mat. plástico	244.543.881 (67,4%)	9,1	118.173.685 (32,6%)	18,3	362.717.566 (100,0%)	10,9
Intermediário (Sub-Total)	285.049.963 (48,7%)	10,6	299.630.700 (51,3%)	46,3	584.680.663 (100,0%)	17,6
Mat. transporte e mecânica	1.029.361.342 (96,7%)	38,5	35.226.722 (3,3%)	38,5	1.064.588.064 (100,0%)	32,0
Mat. elétrico e de comunic.	605.875.195 (100,0%)	22,5	-	-	605.875.195 (100,0%)	18,2
Dinâmico (Sub-Total)	1.635.236.537 (97,9%)	61,1	35.226.722 (2,1%)	5,4	1.670.463.259 (100,0%)	50,3
Diversas	319.576.166	11,9	450	0,0	319.576.616	9,6
TOTAL	2.674.942.559 (80,5%)	100,0	647.942.166 (19,5%)	100,0	3.321.980.751 (100,0%)	100,0

Obs.: Os percentuais em coluna correspondem ao total geral da coluna. Os percentuais abaixo dos dados correspondem ao total da linha.

* indica a utilização do faturamento de 1971, inflacionado a nível de 1973.

Fonte: Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

Tabela I - 8

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
 ENERGIA ELÉTRICA CONSUMIDA NAS INDÚSTRIAS,
 POR GÊNERO E SETOR - 1973

GÊNERO E SETOR*	ENERGIA ELÉTRICA (KW/h)			
	S. J. Campos		Jacareí	
	TOTAL	%	TOTAL	%
Minerais não metálicos	537.022	0,2	1.486	0,0
Madeira e mobiliário	18.570	0,0	642.567	0,6
Textil	26.701.900	8,2	22.306.912	19,6
Artéfactos de tecido e calçados	1.600.000	0,5	2.075.600	1,8
Produtos alimentares e bebidas	2.458.073	9,6	901.358	0,8
Editorial e gráfica	1.420	0,0	20.964	0,0
Tradicional (Sub-Total)	31.316.985	9,6	25.948.887	22,8
Metalúrgica	83.538	0,0	982.354	0,9
Química e mat. plástico	93.041.742	28,5	5.956.334	5,2
Papel e papelão	-	-	77.983.000	68,5
Intermediário (Sub-Total)	93.125.280	28,5	84.921.688	74,6
Mat. transporte e mecânica	144.829.689	44,4	2.893.688	2,5
Mat. elétrico e de comunic.	44.917.174	13,8	-	-
Dinâmico (Sub-Total)	189.746.863	58,1	2.893.291	2,5
Diversas	12.304.000	3,8	n/c	-
TOTAL	326.493.128	100,0	113.763.866	100,0

* Setor correspondente ao sub-total dos gêneros discriminados imediatamente acima.

Fonte: Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

O valor da produção industrial de São José dos Campos atinge níveis superiores aos de Jacareí: participa do valor da produção global com 80,5% e Jacareí com os 19,5% restantes (tabela I-7). A indústria de São José adquiriu características de concentração de grande produção industrial, de grande número de empregos em termos absolutos e grande consumo energético, em número relativamente pequeno de estabelecimentos, representando o grande capital internacional e concentrando-se em gêneros de produção pertencentes ao setor dinâmico.

As indústrias de São José empregam, em média, maior número de pessoas do que as de Jacareí. A média de pessoas em cada estabelecimento correspondente a São José é de 535,9. Alguns gêneros industriais, tais como "Artefatos de tecidos, confecções e calçados", "Têxtil", "Material de Transporte" e as "Diversas", apresentam média superior a mil pessoas por estabelecimento. Em Jacareí a média é bem menor: 142,4 pessoas em cada estabelecimento: o gênero "Papel e papelão" é aquele que atinge a mais alta média, com 627,5 pessoas, número este muito marcado pela presença da Simão, empregadora na ocasião da pesquisa, de cerca de mil pessoas. Ver, tabela A-1, em Anexo.

As figuras 1 e 2 podem ser úteis para visualizar a magnitude das indústrias dos dois municípios, quanto ao pessoal ocupado.

A diferenciação da estrutura industrial de São José e Jacareí explica-se pela evolução da implantação industrial na área. A semelhança entre São José e Grande São Paulo reflete um dos motivos desencadeadores de seu crescimento: o extravasamento industrial da Grande São Paulo, enquanto Jacareí recebe os efeitos desse extravasamento de maneira indireta. É provável que haja modificação da tendência encontrada no momento estudado, como consequência do desestímulo às novas implantações industriais no município de São José, surgido em 1973, e que resulta da constatação de uma ampliação dos problemas urbanos a uma escala de difícil controle, em consequência do rápido crescimento industrial.

A irreversibilidade da expansão da atividade industrial em função das opções do desenvolvimento brasileiro e, em escala regional, das vantagens oferecidas pelo Vale do Paraíba, particularmente na área estudada, leva a crer que have

Tabela I - 9

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
PESSOAL OCUPADO NAS INDÚSTRIAS,
POR GÊNERO E SETOR - 1973.

GÊNERO E SETOR*	PESSOAL OCUPADO			
	S. J. Campos		Jacareí	
	TOTAL	%	TOTAL	%
Minerais não metálicos	520	1,7	85	1,2
Madeira e mobiliário	44	0,1	317	4,4
Textil	3.151	10,2	2.608	35,9
Artefatos de tecido e calçados	3.706	12,0	713	9,8
Produtos alimentares e bebidas	356	1,1	188	2,6
Editorial e gráfica	43	0,1	24	0,3
Tradicional (Sub-Total)	7.820	25,4	3.935	54,2
Metalúrgica	825	2,7	326	4,5
Química e mat. plástico	2.514	8,1	1.186	1,6
Papel e Papelão	-	-	1.255	17,3
Intermediário (Sub-Total)	3.339	10,8	2.767	38,1
Mat. transporte e mecânica	9.892	32,1	547	7,5
Mat. elétrico e de comunic.	7.189	23,3	-	-
Dinâmico (Sub-Total)	17.081	55,4	547	7,5
Diversas	2.590	8,4	16	0,2
TOTAL	30.830	100,0	7.265	100,0

* Setor correspondente ao sub-total dos gêneros discriminados imediatamente acima.

Fonte: Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

rã reorganização da localização industrial. Nesse momento, Jacareí seria um centro de acolhida das novas indústrias.

A concentração demográfica, a facilidade de circulação e a própria concentração industrial na área propiciam economias muito atraentes para as indústrias em expansão, reforçadas pelas deseconomias apresentadas pela Grande São Paulo e pelas restrições a alguns tipos de indústrias na Metrôpole.

As ligações entre as indústrias do Vale e a Grande São Paulo evidenciam-se pela complementaridade entre estabelecimentos industriais de uma mesma empresa, localizados nas cidades estudadas e na Grande São Paulo. Na Metrôpole está a matriz de 17,9% dos estabelecimentos industriais de São José e 25,0% dos de Jacareí.

Tabela I-10

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO DA
MATRIZ BRASILEIRA - 1974

LOCALIZAÇÃO	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Local	45	80,4	32	72,7
Grande S.Paulo	10	17,9	11	25,0
Outro	1	1,8	1	2,4
TOTAL	56	100,0	44	100,0

Fonte: Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

As principais correntes de abastecimento em matérias-primas são provenientes da Grande São Paulo. Ela é apontada por mais de 30,0% das indústrias como a principal área de procedência de suas matérias-primas: 46,7% para São José e 32,6% para Jacareí (tabela I-11). É uma dependência apoiada nos vínculos comerciais entre ambas as cidades e a Metrôpole: esta aparece freqüentemente como revendedora de material originário de outros Estados, seja bruto ou semibeneficiado (madeiras para as indústrias de móveis), seja elaborada (aços) ou então originário de outros países. As matérias-primas semi-elaboradas provenientes da Grande São Paulo podem ser fornecidas pela matriz ou outra divisão da própria empresa. Há casos de estabelecimentos que enviam a matéria-prima bruta para a fábrica em Jacareí e a recebem semi-elaborada para a fábrica da Grande São Paulo finalizar a elaboração.

A Metr pole centraliza em grande parte o abastecimento em matérias-primas sem diferencia o de gênero, porte ou antiguidade do estabelecimento, porém não absorve a produ o na mesma propor o: apenas 8,5% das indústrias de São José destinam sua produ o primordialmente ao mercado paulista no, predominando as que abastecem o mercado local (como local deve ser entendido o município onde está a indústria e municípios muito próximos: Jacareí ou São José, Caçapava, Guararema e outros). O mercado local engloba empresas de grande representatividade que fornecem para outras indústrias do próprio município, seja em peças para fabrica o ou para manuten o e mesmo para instala o industrial, havendo exemplos de algumas que fornecem exclusivamente   determinadas indústrias. São em geral pequenas indústrias instaladas recentemente e que constituem resultado das vantagens de aglomera o mencionadas.

A propor o de indústrias localizadas em Jacareí que dirigem sua produ o para a Grande São Paulo   mais significativa (22,2%) e cabe ressaltar que, assim como acontece no abastecimento em matérias-primas, a produ o   distribuída a outros destinos através da Grande São Paulo.

A maior parte das indústrias de São José dos Campos e Jacareí coloca sua produ o no mercado interno. Apenas uma indústria de Jacareí tem como principal mercado o externo. Ao lado do grande peso do mercado local, ou seja, o município onde está a indústria e os municípios vizinhos,   significativo o número de indústrias fornecedoras do mercado brasileiro sem especifica o de áreas mais procuradas.

A dire o dos fluxos da produ o industrial de Jacareí indica liga o mais intensa com o Estado de São Paulo, particularmente o Vale do Paraíba e a Grande São Paulo.

Tabela I-11

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO A PRINCIPAL PROCEDÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA
E PRINCIPAL DESTINO DA PRODUÇÃO - 1973

ORIGEM OU DESTINO	MATERIAS-PRIMAS				PRODUÇÃO			
	S.J.Campos		Jacareí		S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Local	4	8,9	6	13,0	30	63,8	10	22,2
Vale do Paraíba	2	4,4	3	6,5	1	2,1	6	13,3
Grande S. Paulo	21	46,7	15	32,6	4	8,5	10	22,2
Est. de S. Paulo	4	8,9	1	2,2	4	8,5	12	26,7
Outros Estados	7	15,6	11	23,9	1	2,1	1	2,2
Brasil	2	4,4	5	10,9	7	14,9	5	11,1
Exterior	5	11,1	5	10,9	-	-	1	2,2
TOTAL	45	100,0	46	100,0	47	100,0	45	100,0

Fonte: Questionario-1, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela I-12

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO A FALTA DE PESSOAL,
POR NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO - 1974

NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Todos	2	3,6	1	2,0
Não Qualificados	7	12,7	15	30,0
Qualificados	26	47,3	9	18,0
Outro	4	7,3	3	6,0
Não falta pessoal	16	29,1	22	44,0
TOTAL	55	100,0	50	100,0

Fonte: Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

Em muitos casos, os elementos que mais influíram na decisão de implantar os estabelecimentos industriais em São José dos Campos ou Jacareí não foram explicitados. A questão relativa aos motivos da escolha de um e de outro para essa implantação não foi respondida em significativa proporção (16,1% entre os de São José e 7,8% entre os de Jacareí), o que permite especular sobre as causas desse procedimento.

Com relação aos estabelecimentos industriais mais antigos, a grande ausência de resposta é explicável, na medida em que as pessoas entrevistadas podem não ter acompanhado o processo de implantação da indústria. Contudo, com relação às mais recentes, quer parecer que evitaram declarar os incentivos recebidos, que certamente influíram na decisão.

Outros declararam motivos pouco precisos, como a afirmação de que "a cidade é promissora para esse tipo de atividade", ou falaram em "condições geo-econômicas", ou em "disponibilidade da mão-de-obra". As denominações "situação geográfica" e "localização geográfica" empregadas nas tabelas e no texto sobre o motivo da escolha de dado município para implantação industrial, tem um sentido restrito. Quando o motivo da escolha de São José ou Jacareí tenha sido decorrente das suas relações com São Paulo ou Rio, foi denominado, situação geográfica, e quando decorrente das vantagens locais de mercado, denominou-se localização geográfica. Esta explicação aplica-se apenas para o entendimento das informações em tabelas e textos e não se prende a nenhuma proposta de novas conceituações em Geografia.

Afora essas ressalvas, as respostas obtidas tornam possível uma série de inferências, como caracterizar algumas indústrias nascidas localmente. Indústrias ligadas ao mercado local e dos arredores e que aí se fixaram por "condições familiares" ou seja, por pessoas que possuíam terreno na cidade ou cuja família já estava estabelecida ali. Em São José, as indústrias instaladas antes da segunda Grande Guerra o foram pelo motivo citado ou então pela proximidade e facilidade de obtenção de matérias-primas, resultando uma situação caracterizada pelo predomínio da iniciativa e capitais locais, possivelmente provenientes das atividades agrícolas e comerciais, assim como caracterizada pela utilização de matérias-primas

locais. É o caso das indústrias de cerâmica e louças, ou de laticínios, esta ligada à atividade criadora que sucedeu ao café em vários pontos no Vale. Assim como se torna possível, através das mesmas respostas, perceber a implantação paralela às grandes indústrias de capital internacional, de várias pequenas indústrias a elas ligadas, por vínculos de complementaridade produtiva. O número dessas pequenas indústrias foi certamente maior antes da recessão 1964/67, conforme foi possível notar pelo número de fábricas desativadas.

As indústrias mais recentes, instaladas a partir de 1954, apontam a situação geográfica e principalmente a localização geográfica como justificativa primeira para a decisão de escolha do local.

As que empregam maior número de pessoas tendem a explicar sua presença no município pela situação geográfica, ou seja, pela proximidade e facilidade de acesso à capital do Estado e ao Rio de Janeiro ou, então, por vantagens locais de mercado expressas pelo termo "boa localização geográfica"; outro motivo apontado foi a necessidade da descentralização, ou a vantagem representada por sair da cidade de São Paulo.

A situação geográfica apresentada por São José dos Campos é bastante semelhante à de outras cidade do Vale do Paraíba, que no estante não foram contempladas com número tão grande de indústrias como a que ela conheceu entre 1968-1974. Caçapava, Taubaté, Jacareí e Aparecida também constituem cidades com facilidade de acesso aos mercados da Grande São Paulo e Rio de Janeiro através das mesmas vias de circulação que servem a São José dos Campos e com equipamento urbano semelhante. A preferência por São José é explicada por motivos adicionais a esses. Vantagens oferecidas pela prefeitura de São José dos Campos e nunca citadas pelas empresas inquiridas representaram certamente um papel importante naquela decisão.

No início da década de 70, a Prefeitura de São José promoveu amplo programa de incentivo a indústrias que viessem a se instalar no município. De acordo com folheto bilíngüe distribuído na época, a Prefeitura propagava as vantagens oferecidas às novas indústrias pela localização e atrativos inerentes ao lugar, equipamentos de comunicação a serem implantados e outros já disponíveis; algumas dessas vantagens eram: abastecimento d'água, energia, reserva legal de faixas de ter

ra ao longo das rodovias para uso exclusivo de indústrias, o que garantia a estabilidade do custo do terreno, e o aumento da construção civil. A mesma fonte indica o propósito de que "São José dos Campos se transforme num grande centro industrial sem perder suas excelentes condições naturais de estância climática" (14).

A presença do Centro Tecnológico da Aeronáutica no município teve também papel importante na atração da indústria aeronáutica, especificamente, que se concentra próximo a ele. A formação de técnicos especializados pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica concorreu no mesmo sentido.

Müller cita no trabalho já referido (15) a maior disponibilidade de "amplos terrenos industriais" em São José dos Campos do que em Jacareí, o que explicaria uma preferência ou um desigual crescimento das instalações industriais, entre outros fatores.

Em Jacareí há grande dispersão no quadro de motivos apresentados pelas indústrias para sua instalação no município, segundo seu período de início de funcionamento, (tabela I-4). As indústrias que empregam maior número de pessoas tendem a explicar sua presença pela situação geográfica (54,6% dos estabelecimentos com mais de 220 pessoas ocupadas), ou então pela facilidade de mão-de-obra (18,2% entre elas) ou por incentivos fiscais (16) oferecidos (18,2% entre elas). Ver para esta parte, também a tabela A-1, em Anexo).

As indústrias menores, quanto ao total de pessoal ocupado, instalaram-se principalmente pelas "condições familiares", ou seja, a partir da iniciativa de pessoas já residentes no município, frequentemente possuidores de terreno no local e possivelmente reunindo capital a partir de atividades comerciais e agrícolas na própria região. São pequenos empreendedores em grande número de estabelecimentos pequenos quanto ao número de trabalhadores e quanto ao valor de produção.

(14) ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA ESTÂNCIA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Os campos de São José/The fields of São José*. Na verdade, ao município era atribuído, na época, o caráter de Estância Hidromineral Natural, de acordo com a Lei Orgânica dos Municípios, de 18 de setembro de 1947. Anteriormente, o decreto 7007, de 12 de março de 1935, lhe atribuía o caráter de Estância Climática e de Repouso.

(15) Nice L. Müller, op. cit. p. 122.

(16) Incentivos que correspondem a indústrias instaladas entre 1959 e 1968.

As indústrias de ambos os municípios, portanto, instaladas por condições familiares e que empregam pequeno número de pessoas (21 com menos de 50 pessoas ocupadas, 1 entre 51 e 100 pessoas ocupadas e 1 entre 101 e 220 pessoas ocupadas) destinam sua produção para o mercado local (12 entre as de São José e 4 de Jacareí), o que representa 85,7% e 44,4% sobre o total de cada município), características essas que afirmam seu caráter de pequenas empresas de âmbito local.

As grandes indústrias colocam-se mais em função dos mercados, o que, em suma, representa a "boa situação geográfica": a localização é favorável às relações comerciais da indústria. As indústrias maiores estão ligadas ao grande capital e às considerações sobre a necessidade de sair de São Paulo e sobre a situação geográfica o que confirma seu caráter de grandes empresas.

Por ocasião do levantamento de campo, falava-se em falta de mão-de-obra generalizada em vários setores da economia nacional - ressaltando a atividade industrial no Estado de São Paulo - assim como alguns setores da indústria se ressentiam da falta de matérias-primas, o que levou a uma ligeira recessão nesses setores. Nos municípios estudados, ao mesmo tempo em que aconteciam dispensas maciças de empregados em algumas empresas, grande parte delas declarava ressentir-se da falta de pessoal: 70,9% das indústrias de São José dos Campos e 56,0% de Jacareí, sendo que as primeiras (principalmente as do setor dinâmico) definiram essa falta em termos de pessoal qualificado e as de Jacareí, em termos de pessoal não qualificado (principalmente as do setor tradicional), conforme a tabela I-12.

O recrutamento da mão-de-obra nessas indústrias é feito através de cartazes afixados no próprio estabelecimento ou por indicação do pessoal já empregado. Poucas se utilizam de meios mais sofisticados como jornais, rádio, órgãos especializados ou outras formas. Tal procedimento indica menos grande carência real de mão-de-obra, que dificuldade resultante da conjuntura, caracterizada pela plena expansão da atividade industrial, refletindo desigualmente nos vários setores e nas várias indústrias, em muitos casos resultando da concorrência entre empresas para a aquisição da força de trabalho.

O resultado dessa concorrência é a elevação relativa dos níveis salariais em determinadas empresas, gerando menor procura de empregos nas indústrias menores, que não acompanham essa elevação. A insuficiência relativa de pessoal qualificado explica em parte os movimentos pendulares, tema do terceiro capítulo.

Um aspecto do problema que merece ser discutido é o que se refere aos níveis salariais, pois que, se esses níveis são controlados pelo Estado, seria estranhável admitir que os dirigentes de indústria da área apresentassem reclamações pelos possíveis altos salários que devem pagar. A barganha salarial coletiva foi abolida desde 1964, permanecendo apenas a barganha individual entre empregadores e empregados (17). Só recentemente (1977/78) recomeçaram formas coletivas de pressão e negociação. A única explicação cabível é a de que no local e no momento estudado a barganha era afetada pela concorrência entre os empregadores, acentuada, num período de pleno emprego e de plena expansão da indústria, como foi aquele período para o Brasil, pelo grande aumento de oferta de empregos em curto prazo, trazendo como consequência a elevação dos mínimos salariais oferecidos pelas maiores empresas, acima dos mínimos legais. Há que se considerar também que os níveis salariais das grandes empresas, particularmente das transnacionais são regidos por acordos verbais mútuos.

Portanto, as pequenas indústrias são atingidas pela concorrência e nelas se faz sentir a insuficiência da mão-de-obra até mesmo não qualificada, em troca de remuneração com base no salário mínimo estabelecido.

Quanto a disposição das indústrias no município, os estabelecimentos mais antigos situam-se na área urbana, concentrando-se na parte central, que é, ao mesmo tempo, área de ocupação residencial, e também junto a outros bairros residenciais. Elas integram-se na paisagem urbana.

Outras se localizam junto aos eixos de circulação rodoviária: ao longo das vias de ligação entre a cidade e a rodovia Dutra, ocupando com mais intensidade a que se dirige a São José dos Campos, ou então em pontos privilegiados junto à

(17) Ver, a propósito, PAUL SINGER, "O milagre" brasileiro, causas e consequências, in: *A crise do Milagre*, p. 59.

própria rodovia. Estas, de maior porte, ocupam terrenos mais extensos. Dois eixos principais de ligação entre a área urbana de Jacareí e a Dutra constituem área preferencial de localização das indústrias; um ao sul do município, tomando a direção da rodovia D. Pedro I e em direção a São Paulo, e outro ao norte, em direção a São José. Este último representa a mais recente tendência de localização industrial no município e de ocupação por bairros residenciais populares, portanto a travessa zonas não atingidas pela ocupação urbana até pouco tempo atrás.

A disposição espacial das indústrias (figura 2) traz a concentração das pequenas indústrias no centro da cidade e o alinhamento das maiores em direção a São José dos Campos, mas a pequena distância da área central. Em vista dessa disposição, é pequeno o número de indústrias que fornecem transporte ao pessoal empregado. Constituem exceção as situadas próximo ao rio Paraíba, à Via Dutra e à indústria Simão de papel e celulose, localizada no distrito de São Silvestre, perto da divisa com o município de Guararema.

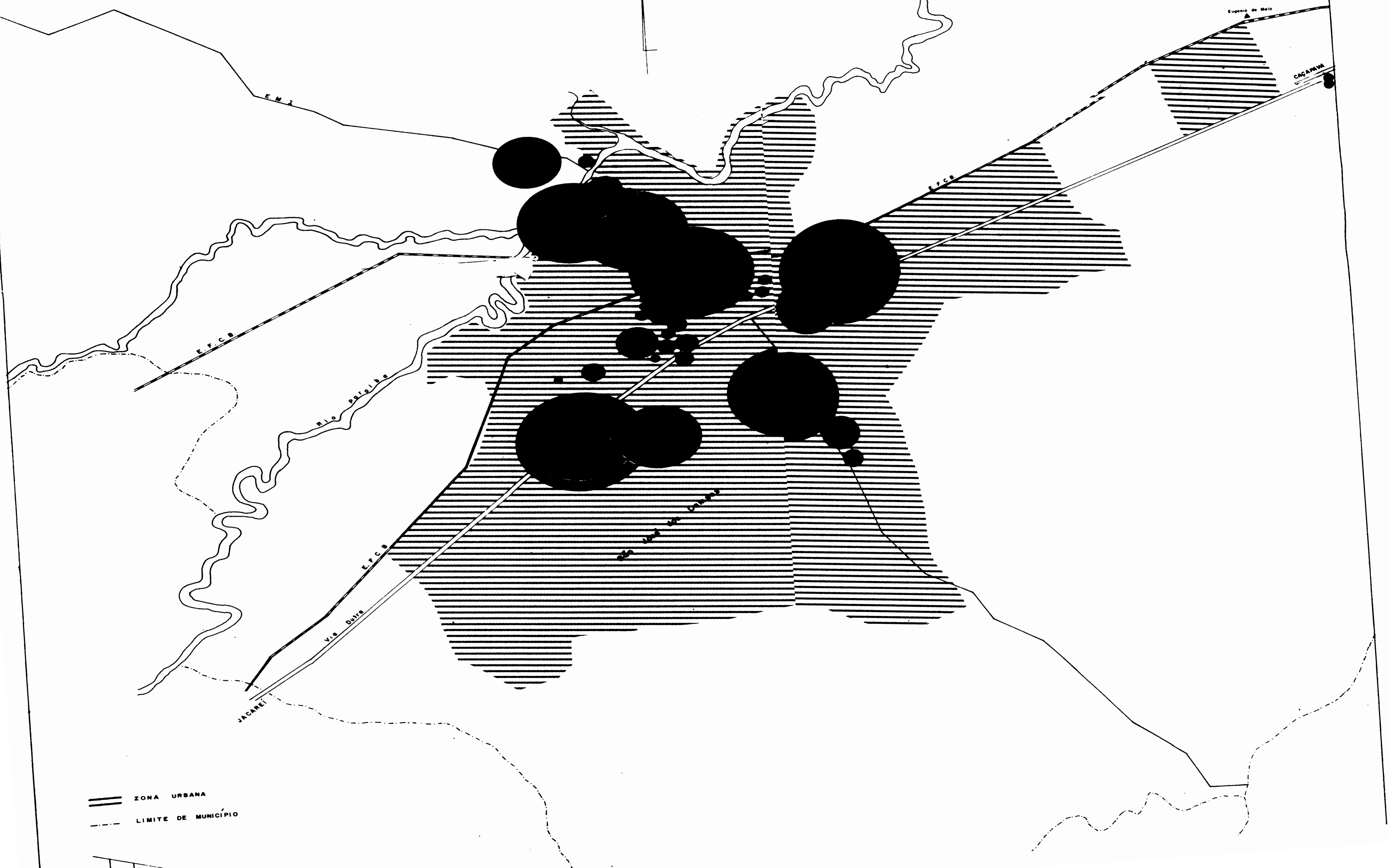
A distribuição das indústrias de São José dos Campos (figura 1) oferece aspecto diverso, porque elas fogem do aglomerado e se destacam da paisagem urbana. Por outro lado, apresenta semelhanças com o padrão encontrado em Jacareí, dado que os estabelecimentos mais antigos e menores se concentram na parte central da cidade, padrão que tende a se esvaziar desde a implantação do zoneamento industrial no município, restringe a instalação e o funcionamento de determinados tipos de indústria próximo a essa área.

A tendência predominante de localização industrial nos últimos quinze anos é situar-se próximo à rodovia, em especial no que se refere às grandes indústrias, ou ao longo das vias de ligação com o campo de pouso do CTA, junto às quais se concentram as indústrias aeronáuticas. Vários estabelecimentos industriais instalados às margens da rodovia e não distantes da zona central de cidade encontram-se, hoje, irremediavelmente incorporadas ao espaço urbano, tanto quanto a própria rodovia. Outros ocasionaram a formação de novos bairros, surgidos de loteamentos circundantes, dando origem a verdadeiros bairros "especializados" para seus trabalhadores.

FIGURA 1

INDUSTRIAS SEGUNDO CLASSES DE PESSOAL OCUPADO
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

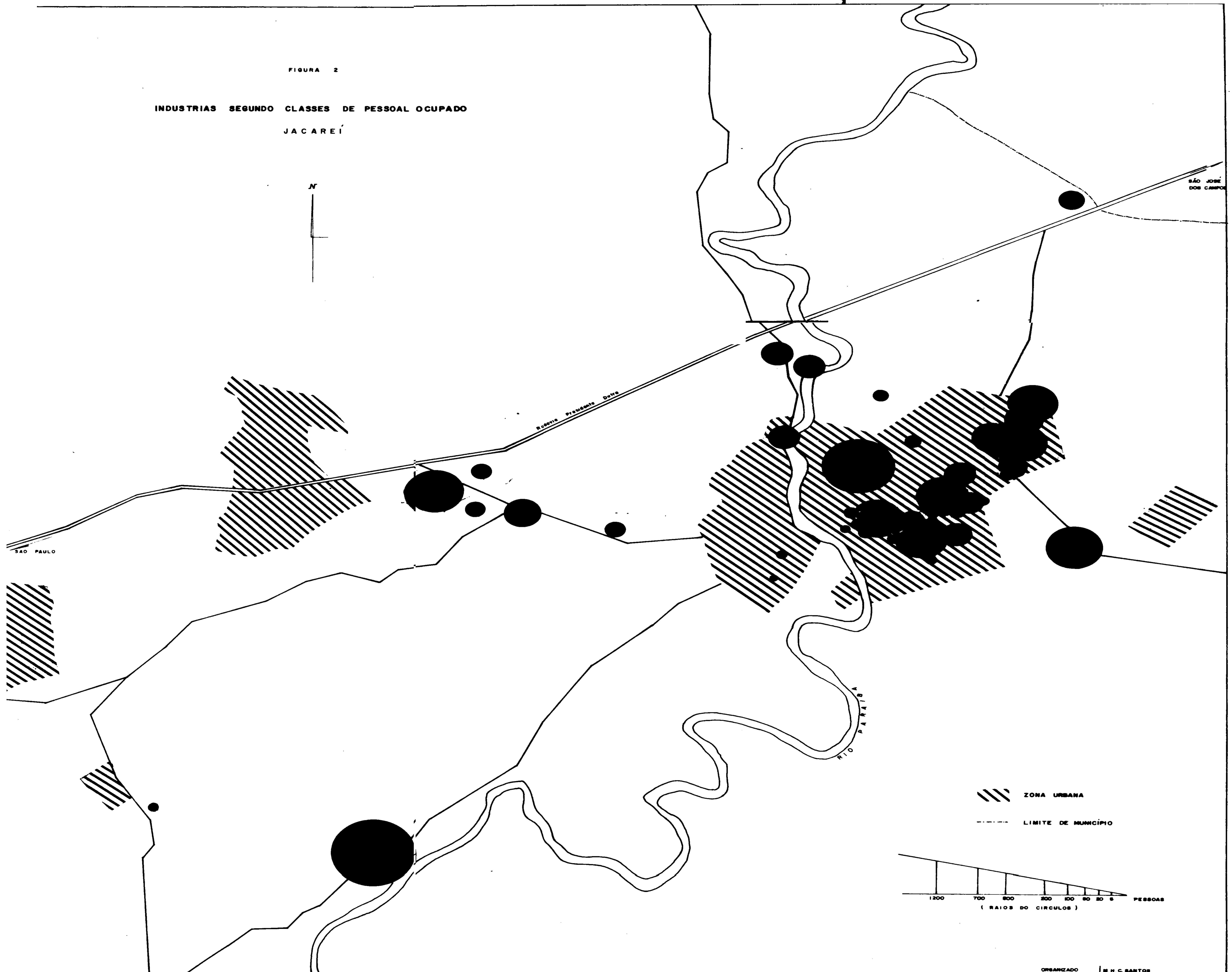
N



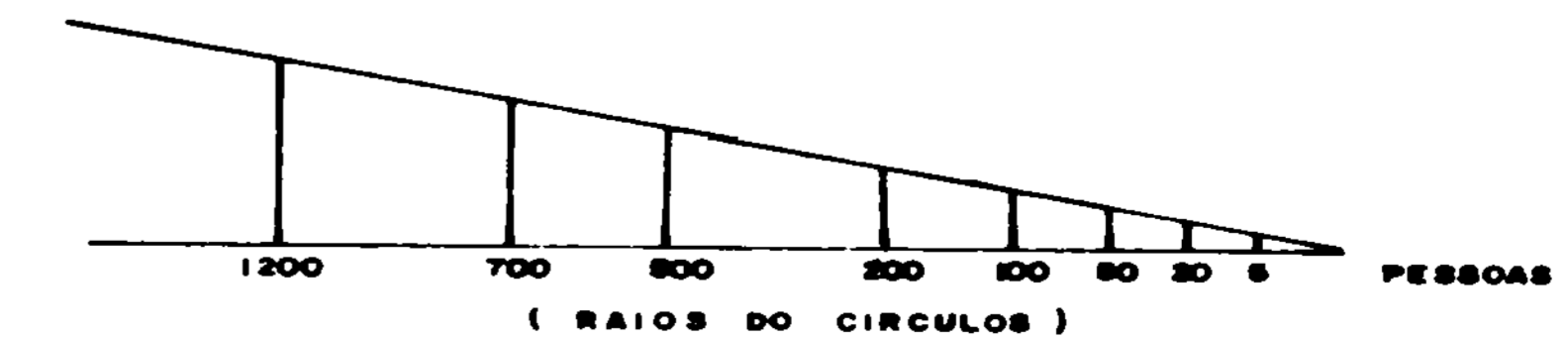
== ZONA URBANA
- - - LIMITE DE MUNICÍPIO

FIGURA 2

INDUSTRIAS SEGUNDO CLASSES DE PESSOAL OCUPADO
JACAREÍ



/// ZONA URBANA
- - - LIMITE DE MUNICÍPIO



ORGANIZADO | M. H. C. SANTOS
DESENHADO | V. CASSETI

4. A concentração da atividade industrial em São José dos Campos

A tradição industrial dos municípios em estudo assume peso importante para o crescimento da atividade industrial nesses centros. Os componentes econômicos materializados através das chamadas economias externas, ou seja, basicamente o equipamento em infraestrutura e também as vantagens de aglomeração, e a existência de condições de acesso a um mercado de dimensões razoáveis constituem pontos de apoio de ordem econômica para a implantação ou relocação de estabelecimentos destinados à atividade industrial. A participação da tradição se faz pela pré-existência de um núcleo industrial já formado, a disponibilidade de alguns serviços básicos, a pré-existência de empresários e todo um espectro de instituições e equipamentos de apoio às indústrias já instaladas. Esses componentes foram valorizados em decorrência da política econômica adotada em vários níveis, que foi intensificada na última década.

Em fins da década de 60, coincidindo com a preparação e implantação do Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970), o conceito de pólos de desenvolvimento passou a ser adotado pelo Governo e pelas instituições a ele ligadas, na definição de diretrizes de política econômica e na definição de áreas prioritárias para investimento. O PED, conforme análise de Maimon e outros, "se refere ao fato da ação conjunta do setor privado e público se dever dar em pólos de investimento e sugere que a conseqüente concentração espacial induziria o crescimento das áreas vizinhas a estes pólos". A limitação de recursos é a justificativa para a utilização da idéia de polos, "pela seleção de prioridades e sobre o impacto que pode produzir" (18).

Aqui se assentam as bases da escolha de determinadas regiões como "pólos de irradiação do desenvolvimento" e de determinadas cidades com a mesma finalidade, no caso específico do crescimento industrial. No mesmo Plano se propõe a criação do Fundo de Participação dos Estados e Municípios, cuja distribuição previa cotas proporcionalmente maiores para o interior dos Estados. Tais objetivos estão subjacentes à

(18) DÁLIA MAIMON E OUTROS, O impacto regional das políticas econômicas no Brasil, *Rev. Bras. Geog.* 39(3), p. 10.

política de descentralização industrial e à determinação de polos de desenvolvimento no Estado como foram consideradas as cidades que se tornaram sede das regiões administrativas, entre as quais se situa São José.

Na década de 50, através do Plano de Metas, colocaram-se para o país diretrizes de incentivo à indústria dedicada a produção de bens de consumo duráveis, uma indústria da urbanização. Desde então a atividade industrial tem aparecido com destaque nos Planejamentos Nacionais, ainda que haja modificações quanto ao tipo de indústria incentivado ou outros aspectos.

No período entre 1962 e 1968, a conjuntura política resultou no abandono do Plano a longo prazo e na organização de programas de ação rápida e que se voltaram prioritariamente para outros aspectos da conjuntura, tal como o combate à inflação.

Na década de 70, desde o Plano de Metas e Bases, de 1970 a 1972, concentrado em objetivos de rápido crescimento industrial (19), até os Planos Nacionais de Desenvolvimento volta a ser atribuída muita importância à atividade industrial.

Em nível estadual e municipal os fatores de ordem política foram decisivos na reorientação da localização industrial. A política de descentralização industrial do Estado de São Paulo incrementou o desdobramento de estabelecimentos industriais em direção a centros urbanos do interior do Estado.

Coerente com as metas nacionais e com as necessidades de ampliação da produção, apoiava novos projetos industriais, porém procurava dirigir a nova localização para áreas ainda não congestionadas.

O objetivo principal da descentralização fixava-se em torno de maior rentabilidade da atividade industrial, na medida em que as deseconomias geradas na Metrópole paulista podem vir a superar as economias de aglomeração para a localização industrial, assim como acentuar os problemas urbanos. Esse é o enfoque de estudo realizado pela Secretaria da Fazenda do Estado, base para a política posterior de descentralização industrial (20).

(19) Idem, p. 11.

(20) Relatório do Grupo de Descentralização Industrial da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, *Economia Paulista*, 1(5), vol.I, fev.70.

O apoio a projetos industriais efetivava-se também sob a forma de oferecimento de informações estatísticas sobre a nova área quanto à infraestrutura urbana, quanto aos níveis salariais comumente oferecidos pelas indústrias já em funcionamento no municípios e outras. Um exemplo desse apoio foi a formação de um Banco de Dados pelos Escritórios Regionais da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado.

Posteriormente, o II PND (1975-1979) incorporou a seus objetivos a preocupação com a problemática do desenvolvimento urbano, através do fortalecimento das cidades de porte médio (21), objeto de diretrizes de planejamento, no momento atual, no Estado de São Paulo.

Quanto aos municípios estudados, é possível perceber as características particulares de cada um e que resultaram na aplicação das proposições até aqui assinaladas, com intensidade diferenciada.

O município de São José dos Campos respondeu às metas do planejamento global adotando a partir de 1970, uma "administração tipo empresarial" com o objetivo de "preparar o município para receber o desenvolvimento e para não ser esmagado pelo desenvolvimento". Foi utilizado todo um instrumental de planejamento, abarcando vários setores da vida urbana, incluindo "saneamento, educação, habitação, etc" e para isso racionalizando a administração municipal, partindo do pressuposto de que o remédio para "evitar a migração desordenada (...) é preparar aquele que já mora na cidade para o mercado de trabalho que se abre (...) a Prefeitura, com o objetivo de evitar a migração para São José dos Campos passou a cuidar do ensino profissionalizante e da qualificação da mão-de-obra..) (sic!)(22).

O município de São José colaborou com a ampliação da rede de água, terraplenagem de terrenos industriais e outros benefícios às indústrias, inclusive isenção de impostos, segundo informações extra-oficiais. São José constituiu até 1977 uma estância hidromineral. Anteriormente era estância climática e de repouso, sugerindo, portanto, cuidados especiais com as características ambientais que lhe conferiram es

(21) II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), Cap.IX.

(22) SÉRGIO SOBRAL DE OLIVEIRA, Uma cidade com desenvolvimento controlado, *Problemas Brasileiros*, XII(132), p. 15 e 16.

sa classificação, nem sempre compatíveis com a atividade industrial.

Embora não lhe adviessem as vantagens adequadas em equipamento para o turismo, segundo informações do FUMEST, tampouco a categoria de estância impediu o crescimento da atividade industrial (23). Na verdade, tal condição, assegurando a manutenção do controle político municipal, na medida em que as estâncias têm seus prefeitos nomeados pelo Governo Federal, possibilitou o apoio ao setor empresarial, afastando do debate público as decisões prioritárias na área econômica (24).

Em dezembro de 1974, quando em São José dos Campos já se limitavam os incentivos às novas indústrias, foi criado em Jacareí um órgão de apoio à atividade industrial, o Grupo de Expansão Industrial, visando a "propiciar às indústrias de Jacareí e àquelas que aqui queiram se instalar, toda orientação, assessoria, informações e assistência técnica necessárias". Ao mesmo tempo, aprovava-se lei concedendo isenção de impostos municipais e cedendo máquinas e operadores da Prefeitura para serviço transitório às indústrias que viessem a se instalar no município até dezembro de 1976, da mesma forma como à ampliação de indústrias já instaladas no município em direção a zonas industriais (25).

A adoção da prioridade industrial é, em suma, decisão política que trouxe como consequência para a área grande intensificação do processo iniciado anteriormente. O incentivo à industrialização reforça um aumento de empregos, constituindo um dos elementos de direcionamento dos fluxos migratórios tanto rural-urbanos quanto interurbanos, ainda que não

(23) Conforme declarações obtidas no Fumest (Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias), São José dos Campos não recebeu quaisquer recursos financeiros para o turismo e pouco usufruiu deles, apenas algumas obras de infraestrutura urbana básica.

(24) O município de São José dos Campos recuperou sua autonomia em fins de 1977, quando deixou de ser estância. A propósito das implicações políticas das estâncias, cito as palavras de seu ex-prefeito, Sérgio Sobral de Oliveira, ditas a propósito de outra questão referente à sua administração: "Em algumas cidades onde há assim um embate político de emebistas e de arenistas, então o prefeito nunca poderia tomar uma medida destas sem passar incólume por ameaça de processo de impedimento", na revista *Problemas Brasileiros*, XII (132), p. 19.

(25) Conheça Jacareí a cidade onde o progresso chegou, *Diário de Jacareí*, 3 de novembro de 1974.

constituam causa desses fluxos. A conseqüente inflexão de novas correntes migratórias e a ampliação de antigas resultam em especificidades que serão consideradas a seguir.

São José dos Campos foi alvo de uma política de incentivos à industrialização num momento determinado e algumas implicações desse fato serão exploradas na sequência deste trabalho. Jacareí sucede no tempo a São José dos Campos e apresenta a tendência da expansão para si, de mudanças já ocorridas em São José; ampliação da indústria dinâmica, de capital internacional, aceleração das migrações e outras.

Com base na comparação entre os dois municípios todo o trabalho foi fundamentado, a procura das situações diferenciadas e seus reflexos na migração e nos movimentos pendulares.

Ambos possuem semelhanças enquanto participantes do processo de ampliação da produção e acumulação capitalista. E diferenças enquanto receptadores da expansão desse processo, conforme estímulos diferentes, em nível político e em equipamento urbano.

CAPÍTULO II

A MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

1. A proposta inicial da pesquisa e sua ampliação posterior

A pesquisa a respeito da mão-de-obra industrial de São José dos Campos e Jacareí limitou-se inicialmente a uma das peculiaridades de seu deslocamento; os movimentos pendulares. A premissa de que Jacareí seria cidade satélite de São José dos Campos, exercendo o papel de cidade-dormitório, embora não exclusivamente, surgiu através da observação empírica. Esta evidenciou grande procura de serviços, comércio e empregos em São José por parte da população de Jacareí, demonstrando intensa ligação entre ambas, fato que indicaria dependência desta em relação a São José: o número de empregos gerados em Jacareí, insuficiente para atender à sua população, provocaria essa dependência e movimentaria diariamente grande contingente de população, particularmente para trabalhar nas indústrias de São José. Formulei, então, questões sobre essa população flutuante: representaria determinadas condições criadoras da movimentação existente ou teria condições próprias de qualificação, nível salarial ou composição demográfica.

A resposta a essas indagações ou a identificação de outras, e a formulação das explicações da situação acima descrita, compuseram as primeiras tarefas desta pesquisa. A colocação inicial revelou-se parcialmente correta, dadas algumas particularidades observadas no grupo de população flutuante, e constitui objeto de análise do Capítulo III, porém se revelou muito restrita em relação a outras modificações recentes na área e que se inscrevem no espaço geográfico. O crescimento econômico e, em particular, o crescimento industrial tem repercussões mais amplas do que a satelitização de Jacareí, que por sua vez não é tão forte quanto parecia pela observação empírica inicial. Ambas compartilham do mesmo processo de crescimento em diferentes intensidades, o que gera

matizes diferentes em cada uma quanto à fisionomia urbana que se modifica; mostram novos bairros com casas autoconstruídas, novos conjuntos habitacionais, edifícios e favelas, resultantes da industrialização e rápida urbanização, muito mais visível, porém, em São José. Além do aspecto meramente fisionômico e da movimentação de mão-de-obra entre as cidades, o crescimento industrial gera uma redistribuição da mão-de-obra através do mecanismo das migrações inter e intra-regionais. Melhor seria dizer, intensifica a redistribuição da mão-de-obra, porque as migrações não são fato recente na área: há grande presença de migrantes, consequência de movimento antigo e em grande parte intensificado pelos acontecimentos conjunturais referidos no início deste trabalho..

Alguns estudos despertaram meu interesse para a questão das migrações dirigidas para áreas de concentração industrial. Dentre eles pode ser citado, o de Léa Goldenstein sobre a Baixada Santista, no qual levanta a questão dos rearranjos espaciais da mão-de-obra industrial: "O estudo da sua origem poderia servir de base a um outro estudo, que conduzisse a outras regiões do país e a outras realidades econômicas que permitiriam a evasão de uma tão numerosa força de trabalho (...) fica a constatação de que Cubatão exemplifica uma área de concentração de pessoas vindas de outras áreas, as mais diversas, numa demonstração dos rearranjos que continuamente se processam na distribuição demográfica do país. O fluxo dominante faz-se a partir das zonas mais subdesenvolvidas, ou em crise, em direção àquelas que, graças ao seu dinamismo econômico, mantem uma razoável capacidade de absorção (1).

2. Considerações sobre o estudo das migrações

O interesse pelo estudo das migrações decorre, ao que parece, do aumento crescente das cidades e das populações urbanas, processo antigo, enquanto coincidente com a industrialização nos países desenvolvidos, mas relativamente recente nos países do Terceiro Mundo, numa época de separação ou defasagem em relação ao atual processo de expansão industrial

(1) LÉA GOLDENSTEIN, *A industrialização da Baixada Santista*, p.257.

O processo de urbanização no Brasil, como em outras partes do Terceiro Mundo, manifesta-se de maneira muito mais rápida que a industrialização. Conforme observam Cardoso e Reyna (2), os setores da população, para cuja formação contribui o processo de deslocamento rural-urbano, tendem a ser absorvidos principalmente para o terciário, enquanto parte dessa população não é absorvida.

Os dados censitários para o Vale do Paraíba confirmam essa tendência, desde que aí se registrou, entre 1940 e 1950, um crescimento do emprego no setor secundário de 13,5 para 23,5%, enquanto no mesmo período a participação do terciário na estrutura de emprego passou de 22,5% para 24,9%; já na década seguinte, a participação do secundário na estrutura de emprego passou a 21,4%, enquanto a do terciário passou a 37,2%. Em quatro dos municípios do Vale do Paraíba, considerados em conjunto, São José dos Campos, Jacareí, Caçapava e Taubaté, os dados correspondentes à participação do secundário na estrutura de emprego, nesse período (1940, 1950 e 1960) são: 21,0%, 36,8% e 35,0%, e à participação do terciário: 25,3%, 27,3% e 41,2% (3). Muller, entretanto, observa a respeito das relações entre industrialização e urbanização no Vale do Paraíba: "É fato bastante conhecido o fenômeno de industrialização da região, sendo ele tacitamente considerado, por comum acordo, como sendo responsável pela urbanização moderna do Vale do Paraíba," (4).

A urbanização do Vale do Paraíba tem sido bastante rápida: enquanto a população total cresceu 110% no período entre 1940 e 1970, segundo os dados do Censo, sua população urbana cresceu 305%. São José dos Campos e Jacareí, juntamente com Caçapava e Taubaté, constituem dentro do Vale do Paraíba os municípios com mais alta coeficiente de urbanização 87,5% na década de 1960-1970, superior ao coeficiente de urbanização do conjunto do interior do Estado de São Paulo, que foi de 63,0% (5). Esses municípios conheceram significativa intensificação do incremento migratório da população entre 1940 e 1970, passando de 44,7% entre 1940-1950 para 44,2% entre 1950-1960 e 50,8% entre 1960-1970, ao mesmo tempo em que se regis

(2) FERNANDO H. CARDOSO & JOSE LUIS REYNA, *Industrialização, estrutura ocupacional e estratificação social na América Latina*, *Dados*, 2/3.

(3) CODIVAP (CONSÓRCIO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO VALE DO PARAÍBA), *Caracterização do conhecimento do Vale do Paraíba*, 1972.

(4) Nice L. Müller, op. cit. p. 79.

(5) Calculado pelo CODIVAP

trava um decréscimo relativo do incremento vegetativo: 55,3% entre 1940-1950, 55,8% entre 1950-1960 e 49,2% entre 1960-1970

Estudos recentes publicados no Brasil sobre migrações internas detêm-se no aspecto "problema" das movimentações de população, colocando-as como um dos componentes das deseconomias externas geradas nas grandes aglomerações urbanas ou, por vezes, como uma das causas. Ou, então, afirmando seu papel no incremento de uma reserva de mão-de-obra agindo como força de abaixamento de salários. Graham (6) salienta que "a grande afluência de migrantes para os mercados de trabalho do Sul indubitavelmente desempenhou um papel positivo em manter a taxa de aumento dos salários urbanos atrás da taxa de inflação e da taxa de aumento dos lucros durante grande parte do período de pós-guerra, destarte permitindo uma taxa mais alta de acumulação de capital do que teria ocorrido sem uma migração significativa". Embora no momento atual a questão salarial seja objeto de um controle centralizado pelo Estado, as migrações para os centros urbanos contribuem no mesmo sentido, mesmo que tomando outras direções que não o "Sul". Ainda segundo o mesmo autor "a principal contribuição dos migrantes para as deseconomias externas dos centros urbanos pareceria ser sua influência indireta em estimular mais lucros e produção nos centros urbanos industriais concentrados mediante oferecimento de uma oferta elástica de trabalho barato para exploração, e não por sua influência ou contribuição direta em criar condições mais desagradáveis na vida urbana" (7).

A preocupação explícita nas idéias acima restringe-se ao comportamento do migrante na "performance" econômica, seja considerando as migrações como possíveis causas de prejuízos das grandes concentrações urbanas, seja ressaltando seu papel no mecanismo de aumento da taxa de lucro. É preocupação corrente, na literatura sobre migrações, o questionamento dos benefícios ou malefícios de sua ação sobre o desenvolvimento. Becker e Oliveira (8) colocam dúvidas sobre o fator negativo representado pela migração "por sua concentra

(6) DOUGLAS H. GRAHAM, Algumas considerações econômicas para a política migratória no meio brasileiro, in: *Migrações Internas no Brasil*, p. 17.

(7) Idem, p. 17.

(8) OLGA M. S. BECKER & ZULEIKA L. C. OLIVEIRA, Proposição metodológica para análise dos diferenciais entre migrantes e nativos nas áreas metropolitanas do Sudeste, *Rev. Bras. Geog.* 37(2), p. 12.

ção acelerada nas áreas urbanas gerando problemas de desejo, redução na produtividade, marginalização e favelização", ou então questionam a migração como "fator positivo na reorganização dos padrões de estruturação do espaço, através da redistribuição de populações liberadas de áreas demograficamente saturadas e/ou economicamente deprimidas, objetivando um descongestionamento das áreas de origem (área-problema) paralelo à manutenção de uma mão-de-obra barata nas áreas de destino (complexos metropolitanos, em especial)". Outras obras analisam os grupos migrantes do ponto de vista demográfico de maneira formal (9).

O enfoque exposto acima confirma o caráter da migração como distribuidor da força de trabalho do modo mais conveniente para a produção e demonstra quanto a formação de reserva de força de trabalho, é diretamente responsável pela aceleração da reprodução do capital.

Importante é destacar que as migrações constituem fato de origem econômica e social como tal se inscrevem no espaço, tem portanto uma de suas dimensões no campo específico da Geografia. Elas representam o deslocamento da força de trabalho à procura de mercados ou seja dos lugares onde se concentra a oferta de empregos. Os deslocamentos de população realizam-se principalmente em direção às áreas urbanas, onde sua concentração será útil à acumulação de riqueza. As migrações funcionam como canais de equilíbrio para o sistema econômico, enquanto fornecedoras de trabalho em quantidade suficiente para manter o nível de salário necessariamente baixo e proporcionar uma taxa de lucro suficientemente alta. Em troca, a sociedade oferece aos migrantes os supostos benefícios de uma economia industrial-urbana. Essa mudança constitui o canal de ascensão ao modo de vida urbana, ideal do homem de hoje, ao que parece.

Não me cabe reformular proposições teóricas para os estudos das migrações, dados os limites do trabalho ao qual me propus, na medida em que não trata especificamente da problemática das migrações e das condições que lhes dão origem. Procurei apenas acrescentar observações sobre a participação do migrante na mão-de-obra industrial dos dois municípios citados e as repercussões dessa participação, para

(9) Como exemplo, a publicação do IPEA, *Migrações Internas no Brasil; aspectos econômicos e demográficos*, MILTON DA MATA e outros.

situá-lo num contexto mais amplo.

O Censo de 1970 indica, para o Vale do Paraíba, a presença de 17,3% de população nascida fora do Estado de São Paulo (18,0% para Jacareí e 25,7% para São José), sendo que a participação dos nascidos no Estado de Minas Gerais corresponde, respectivamente, a 12,3%, 12,3% e 18,1% para o Vale, Jacareí e São José. Os dados censitários, agregados por Estado, mostram a significativa participação dos migrantes na população do Vale e em particular nos municípios estudados, coincidindo em linhas gerais com os resultados obtidos nesta pesquisa. São José dos Campos e Jacareí têm sua mão-de-obra industrial constituída em grande parte por migrantes. A alta participação de migrantes no conjunto dos trabalhadores industriais é representativa do grande afluxo de populações originárias de outras áreas e que nos últimos anos se concentraram nas áreas urbanas do Vale do Paraíba.

Dentro dos limites deste trabalho, foi possível detectar a importância dos fluxos migratórios entre áreas do próprio Sudeste, que hoje se destacam em comparação com os fluxos entre Regiões. Foi possível, também, perceber detalhes maiores do que possibilitam os dados censitários publicados como, por exemplo, o exame da trajetória de migração percorrida pela população.

3. O Levantamento de Campo: necessidade, amplitude e amostragem

O levantamento de informações básicas para as análises deste e do capítulo seguinte, foi realizado através da aplicação de questionários ao pessoal ocupado nas indústrias localizadas em São José dos Campos e Jacareí, abrangidas pelo inquérito industrial.

Neste caso, o acesso às fontes primárias justificou-se pelo detalhe de informações pretendido, não encontrado nas fontes secundárias disponíveis, ao contrário do que ocorreu no inquérito junto às indústrias, sobre as quais havia disponibilidade de inúmeros levantamentos quase sempre insatisfatórios para os propósitos do estudo em questão. A utilização de questões abertas pretendia eliminar a pré-orientação das respostas.

A impossibilidade de estender o inquérito ao total da mão-de-obra, estimado na época aproximadamente 25.000, determinou a aplicação dos questionários segundo uma amostragem aleatória estratificada de 3,5% do total (10). A orientação dada para elaboração da amostragem foi no sentido de dividir a mão-de-obra em dois estratos: um constituído pela mão-de-obra residente no próprio município de trabalho e o outro, pelos residentes em municípios diferentes do de trabalho. A determinação da dimensão da amostra foi baseada no tempo disponível para realizar um inquérito estatisticamente significativo. Considerando que o universo a ser pesquisado possuía alto grau de homogeneidade, porque formado apenas pela mão-de-obra industrial, foi definido que seriam inquiridos numa proporção de 3,5% do total.

O cálculo da amostra utilizou os totais de pessoal ocupado em 1973 através das informações constantes da Relação dos 2/3, complementadas por informações do Senai (11) e da Prefeitura de São José dos Campos (12) e ainda por pequeno levantamento prévio de campo, efetuado em janeiro de 1974. Esses levantamentos possibilitaram avaliar o número total de trabalhadores e também seu município de residência, verificando-se então um total de pessoas residentes em município diferente do de residência muito menor do que a observação inicial havia demonstrado, o que justificou a estratificação amostral. O número de questionários inicialmente previsto foi de 1039 para São José e 255 para Jacareí, num total de 1295. Ao final do levantamento efetuado entre abril e setembro de 1974, o número de questionários preenchidos foi de 590 para São José e 231 para Jacareí, num total de 821, o que representou uma ausência de resposta de 36,7%. Embora possa afirmar que a ausência de resposta, superior ao previsto, não tenha alterado significativamente os resultados, na medida em que notei ser elevada a percentagem de 3,5%, devo ressaltar que ela não foi aleatória, mas determinada pela recusa de algumas empresas de possibilitar o acesso à mão-de-obra, ou

(10) Orientação da Profa. Dra. Eunice Pinho de Castro Silva, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

(11) O SENAI realiza periodicamente, levantamento de dados sobre o pessoal ocupado nas indústrias. Aqui foram utilizados os relativos à 1970.

(12) A Prefeitura de São José dos Campos levantou dados em 1973, sobre o pessoal ocupado em várias indústrias do município.

pelas dificuldades criadas para esse acesso (13).

4. A mão-de-obra industrial

4.1 Estrutura demográfica interna e nível de escolaridade

A estrutura demográfica dos trabalhadores na indústria não é evidentemente uma repetição em pequena escala da estrutura demográfica da população total, mas apresenta seletividade em alguns aspectos, como idade e sexo, com características particulares. A semelhança em linhas gerais da composição por idade, sexo, estado civil entre São José dos Campos e Jacareí passível de comparação com relação ao perfil da mão-de-obra industrial brasileira. A predominância do sexo masculino, a idade entre os 20 e 30 anos, por exemplo, é uma constante.

No conjunto, os elementos masculinos representam mais de 70% do total: cerca de 80% da mão-de-obra de São José dos Campos e cerca de 70% de Jacareí. A maior participação feminina em Jacareí deve-se à indústria têxtil, que é responsável pelo maior número de empregos do município e que emprega maior número de mão-de-obra feminina. Aí é maior também a participação de moças menores. As faixas mais expressivas, relativas ao sexo feminino, na pirâmide etária, são as que representam os elementos entre os 16 e os 26 anos, enquanto em São José se situam entre os 19 e 25 anos, sem grandes variações nesse intervalo. Após essa idade, a representatividade da mão-de-obra feminina na indústria é quase insignificante em termos numéricos, (ver figura 3).

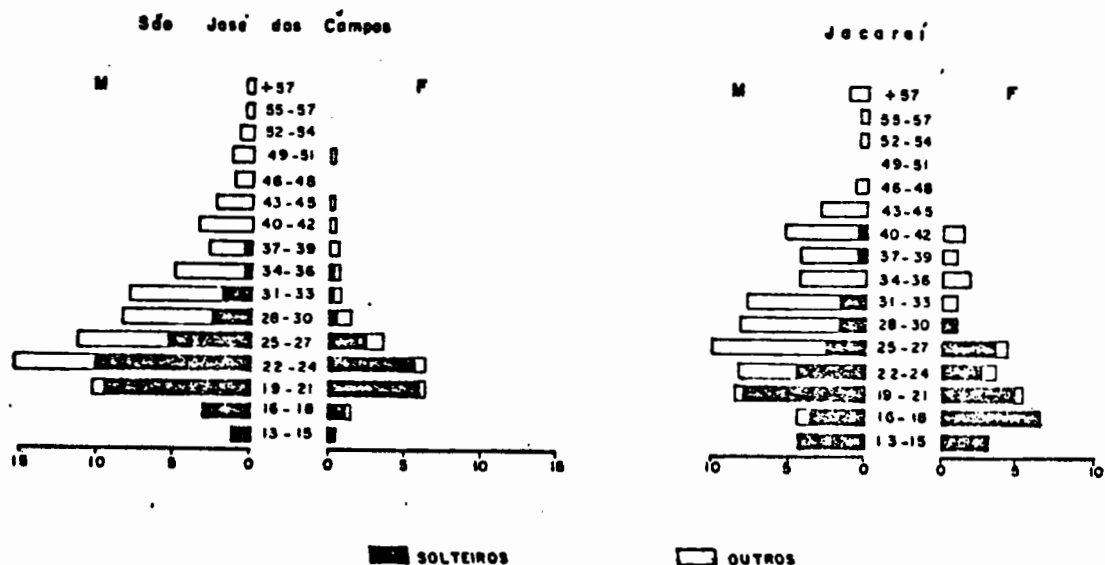
A mão-de-obra masculina tem, em sua maioria, entre 19 e 33 anos de idade, com uma concentração máxima nos 23 anos em São José e pequenos máximos aos 23 e 27 anos em Jacareí. Um detalhe nítido, típico da estrutura etária da mão-de-obra ativa, é a menor participação dos componentes na idade de 17 anos para o sexo masculino. As mulheres

(13) Nesta fase de execução do trabalho foi de muita valia, a complacência do "Clube" dos Gerentes de Relações Industriais do Vale do Paraíba, que congrega representantes de várias indústrias de São José dos Campos e de algumas de Jacareí, e cuja desaprovação ao questionário, teria tornado impossível qualquer contato com o pessoal ocupado nessas indústrias.

FIGURA 3

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: PIRÂMIDE ETÁRIA



ORGANIZADO | M. N. C. SANTOS
 DESENHADO | V. CASSETI

têm em geral entre 13 e 37 anos em Jacareí e entre 19 e 27 anos em São José dos Campos. Portanto, em Jacareí empregam-se, proporcionalmente, mais menores do que em São José, particularmente devido à indústria têxtil, empregadora de mão-de-obra feminina menor, como já foi apontado, sendo que mesmo a participação de menores do sexo masculino é maior: se em São José eles representam 5,8% do total, para Jacareí eles representam 12%.

Entre os elementos do sexo masculino há certo equilíbrio entre solteiros e não solteiros, com ligeira maioria de casados, enquanto a grande maioria das mulheres é solteira: cerca de 80% nos dois grupos. As mulheres casadas dificilmente permanecem empregadas na indústria, assim como em outros empregos de nível de menor especialização. O acréscimo de encargos sociais por ocasião das gestações é um dado que leva à menor aceitação do elemento feminino após o casamento. Por outro lado, a necessidade social da presença da mulher no lar para cuidar dos filhos dificulta o trabalho feminino.

Quanto ao grau de escolaridade formal atingido pela mão-de-obra industrial, há diferenças marcadas entre São José dos Campos, onde é mais elevado, e Jacareí. Ainda que em ambos os trabalhadores com primário incompleto (14) tenham maior destaque: 37,8% do total de São José e 45,0% de Jacareí (tabela II-1), sua proporção nos níveis mais elementares de escolarização é menor em São José e, nos níveis mais altos, menor em Jacareí. Assim, 23% dos de Jacareí têm curso primário incompleto, nível que em São José é atingido por apenas 9,3% da mão-de-obra. Enquanto isso, a proporção dos trabalhadores de São José cuja escolaridade é superior ao primário mantém-se acima da de Jacareí.

São José dos Campos conta com 48,1% da mão-de-obra com escolaridade variando entre ausentes (analfabetos) e curso primário completo, 26,6% com curso ginásial, 13,5% com curso colegial e 11,6% com curso superior (completo ou não)

Em Jacareí, as proporções correspondentes são 73,1%. Portanto, a quase totalidade possui até primário completo, 16,9%, ginásial, 6,9% até colegial e 3,5% até curso superior completo.

A indústria de São José dos Campos seleciona mão-de-obra com maior escolarização, que diretamente, nos estabelecimentos que exigem mínimos de escolarização para pertencer aos seus quadros, quer indiretamente, pela seleção de profissionais cuja formação escolar é mais elevada, ou mesmo pela oferta de salários mais altos e seleção dos elementos com níveis mais elevados de escolarização.

Pastore e Lopes (15) detectaram na mão-de-obra da indústria paulista uma correlação entre especialização profissional e escolarização formal, assim como o mais alto nível de instrução nas indústrias dinâmicas em comparação com as tradicionais. Mais adiante será visto como a aprendizagem para a função realizada na fábrica é raramente realizado em escolas. Há que se considerar, entretanto, a opinião de um empresário joseense, ao declarar que a escola (padrão) não prepara

(14) Utilizei a nomenclatura anterior à lei 5692 de 11 de agosto de 1971, porque reflete melhor a situação de escolaridade da população. A denominação 1º grau generaliza mais do que seria desejável e a separação do 1º grau em 1º e 2º fase apenas dificulta a compreensão da questão.

(15) JOSÉ PASTORE & JOÃO C. LOPES, *A mão-de-obra especializada na indústria paulista*.

Tabela II-1

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: GRAU DE ESCOLARIDADE
SEGUNDO O SEXO - 1974

São José dos Campos

GRAU DE ESCOLARIDADE	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	6	1,3	-	-	6	1,0
Primário inc.	48	10,4	7	5,4	55	9,3
Primário	165	35,9	58	44,6	223	37,8
Ginasial inc.	87	18,9	21	16,2	108	18,3
Ginasial	34	7,4	15	11,5	49	8,3
Colegial inc.	29	6,3	10	7,7	39	6,6
Colegial	35	7,6	6	4,6	41	6,9
Superior inc.	34	7,4	7	5,4	41	6,9
Superior	22	4,8	6	4,6	28	4,7
TOTAL	460	100,0	130	100,0	590	100,0

Jacareí

GRAU DE ESCOLARIDADE	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	9	5,4	1	1,5	10	4,3
Primário inc.	38	22,9	15	23,1	53	22,9
Primário	73	44,0	33	50,8	106	45,9
Ginasial inc.	23	13,9	10	15,4	33	14,3
Ginasial	3	1,8	3	4,6	6	2,6
Colegial inc.	5	3,0	1	1,5	6	2,6
Colegial	9	5,4	1	1,5	10	4,3
Superior inc.	4	2,4	1	1,5	5	2,2
Superior	2	1,2	-	-	3	1,3
TOTAL	166	100,0	65	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974

ra profissional porém lhe dá elementos para o aprendizado da função.

Os dados da mesma tabela (II-1) permitem notar o mais alto grau de escolaridade do sexo feminino comparado ao masculino, nos níveis mais elementares, situação que se altera a partir do nível colegial, onde há maior concentração dos elementos masculinos em relação ao total do sexo.

Certa correspondência entre o nível de escolaridade e o nível da função exercida pode ser observada.

Em São José há maior participação das funções mais qualificadas (tabela II-2) e maior participação de graus de escolaridade mais elevados do que em Jacareí. O próprio exemplo da mão-de-obra feminina pode ser explicado pelas funções em que ela é mais ocupada nas indústrias: semiquali ficadas e funcioná rias administrativas.

Os que associam o estudo ao trabalho e xercem funções de caráter administrativo ou são técnicos de nível médio. Essa coincidência pode ser explicada pelas exi gências prévias ao exercício da atual função, que supõe acesso à escolarização formal ou profissional em ambos os casos, alia dos às possibilidades atuais, sejam relativas à remuneração, que torna o estudo limitado para os menos qualificados (e por tanto de salários mais baixos), sejam relativas ao horário de trabalho, quando em turnos alternados, impedindo a frequê ncia a qualquer tipo de curso.

4.2. Características de emprego: função, salário e outros aspectos

As considerações que se seguem, sobre as características do emprego nas indústrias, restringem-se aos aspectos: função, remuneração e horário de trabalho.

A estrutura de funções denota o predomí nio das funções de nível semiqualeficado, que abrangem os ope radores de máquinas e outras tarefas semelhantes que dispensam planejamento ou iniciativa do indivíduo (16). Assim, 48,4% do total empregado nas indústrias de São José dos Campos e Jaca reí dedicam-se a funções desse tipo (44,6% de São José e 57,6% de Jacareí). Em segundo lugar, as funções de administração ocu pam 24,9% do total e o pessoal ocupado na produção em nível qualificado, ou sejam, os "profissionais" representa 15,3% do to tal.

As diferenças entre o grupo de São José e o de Jacareí na composição por funções e por níveis sala ria is decorrem de sua posição diversificada no processo de in dustrialização. Em São José, é mais alta a participação do pessoal ocupado em funções ditas mais qualificadas. A partici

(16) O SENAI prestou orientação para a classificação das funções da mão-de-obra industrial, através de Arnaldo D'Anna Mendes na fase anterior ao levantamento de campo e de Takenori Nakagawa na fase de codificação.

Tabela II-2

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: COMPOSIÇÃO POR SEXO, SEGUNDO
NÍVEL DE FUNÇÃO - 1974

São José dos Campos

NÍVEL DE FUNÇÃO	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não qualificado	5	1,1	3	2,3	8	1,4
Semiqualficado	177	38,5	86	66,2	263	44,6
Qualificado	99	21,5	-	-	99	16,8
Técnico nível médio	28	6,1	-	-	28	4,7
Técnico nível superior	9	1,9	-	-	9	1,5
Administração	128	27,8	38	29,2	166	28,1
Chefia de administração	5	1,1	1	0,8	6	1,0
Outro ou não informa	9	1,9	2	1,5	11	1,9
TOTAL	460	100,0	130	100,0	590	100,0

Jacareí

NÍVEL DE FUNÇÃO	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não qualificado	18	10,8	-	-	18	7,8
Semiqualficado	78	47,0	55	84,6	133	57,6
Qualificado	25	15,1	1	1,5	26	11,3
Técnico nível médio	7	4,2	-	-	7	3,0
Técnico nível superior	1	0,6	-	-	1	0,4
Administração	29	17,5	9	13,8	38	16,5
Chefia de administração	5	3,0	-	-	5	2,2
Outro ou não informa	3	1,8	-	-	3	1,3
TOTAL	166	100,0	65	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

pação de operários qualificados, técnicos de nível médio e técnicos de nível superior, em relação ao pessoal total em São José, é de 33%, enquanto em Jacareí é de 14,7%. Nas funções administrativas e auxiliares (17), estão empregados 29,1% do total de São José e 18,7% de Jacareí. Conseqüentemente a participação dos menos qualificados, como os operários semi qualificados e trabalhadores braçais, é menor do que em Jacareí: atinge a 46,0% de São José e 65,4% do pessoal total de Jacareí.

Tais dados merecem dois tipos de observação: em primeiro lugar, a diferenciação entre os dois grupos demonstra a presença de uma indústria mais modernizada em São José dos Campos, entendendo a modernização como a implantação de indústrias próprias de períodos mais recentes do processo de industrialização do capitalismo monopolista, como as de gêneros dinâmicos, grande capital, tecnologia intensiva. A solicitação de maior número de pessoal qualificado e especializado e a maior burocratização presente em São José, evidenciada pela proporção maior de funcionários administrativos e decorrente do maior porte dos seus estabelecimentos, com põe uma situação mais esclarecedora das características de sua indústria. Guglielmo (18), a propósito da indústria francesa, cita modificações na composição do pessoal operário pelo progresso da mecanização que aumenta a proporção dos operários qualificados e especializados.

Lopes (19) refere-se a índices altos de burocratização nas empresas industriais de São Paulo e Rio de Janeiro, "onde as proporções de técnicos e pessoal administrativo nos estabelecimentos industriais chegam perto de 13 por cento". A julgar por esse parâmetro, os dados das áreas em foco representam altíssimos índices de burocratização, já que entre técnicos e pessoal administrativo, a proporção atinge a 29,2% do total.

Por outro lado, parte das diferenciações

(17) Funções auxiliares são aquelas não diretamente ligadas à produção ou à administração, como por exemplo, cozinheiro, porteiro e outros.

(18) RAYMOND GUGLIELMO, "Geografia ativa da indústria" In: *A Geografia Ativa*, p. 194.

(19) JUAREZ R. B. LOPES, *Desenvolvimento e Mudança Social*, p.47.

internas entre os trabalhadores na indústria transparece na composição por funções. Considerando que tomei como objeto de pesquisa todo pessoal ocupado na indústria, sem distinção de níveis ou tipos de engajamento na produção, cabem observações sobre as diferenciações dentro desse grupo social, relativamente homogêneo se considerado em relação ao setor de atividade econômica, pois que constituem parcela homogênea da população em relação à produção: todos os entrevistados são ocupados na atividade industrial. São proletários urbanos, desde que não dispõem de meios de produção e estão ligados ao processo de produção de bens através da atividade industrial (M. Vinhas) (20). No entanto, considerados outros níveis de análise, há diferenças entre grupos dentro desse conjunto, à primeira vista homogêneo, dada sua colocação diferenciada frente à atividade produtiva interna da indústria e quanto à remuneração. O assalariado que recebe um salário pré-fixado coloca-se de modo diferente do indivíduo que recebe, além do salário, uma participação sobre o valor da transformação industrial ou sobre o valor das vendas. No inquérito realizado, estes últimos correspondem ao nível de função que engloba a administração superior, embora não seja possível afirmar que todos eles sejam remunerados dessa forma. Também o operador de máquinas, ou outro, empenhado diretamente no processo de produção da fábrica, coloca-se por isso de maneira diferente do funcionário administrativo. O pessoal diretamente ligado à produção é geralmente remunerado com base nas horas trabalhadas. Da atividade do horista depende a produtividade da fábrica, o funcionamento de parte do capital fixo e a própria produção. Talvez, não se possa falar em camadas sociais dentro da indústria, conforme a definição empregada por Lange citada em Vinhas (21) porém as argumentações até aqui possíveis explicitam a ausência de homogeneidade desse grupo social.

As empresas transnacionais, usualmente, detentoras de máxima "racionalização e eficiência administrativa" criam-se verdadeiras elites formadas pelos funcionários administrativos com cargos de chefia e elites operárias formados pela hierarquia de chefia altamente diversificada.

(20) M. VINHAS, *Estudo sobre o proletariado brasileiro*.

(21) *Idem*, p.22.

As atividades operacionais congregam a maior parte do pessoal ocupado na indústria; são as funções atribuídas aos chamados semiquualificados e dizem respeito ao controle de funcionamento das máquinas. Praticamente, metade dos trabalhadores industriais encaixa-se nessa categoria de atividade. Parte dos trabalhadores ocupados na manutenção são também semiquualificados, embora não diretamente envolvidos na produção.

Os salários fixados, por hora ou mensalmente, referem-se a duas categorias, cuja distinção é importante e cujas implicações ultrapassam as da legislação trabalhista. Guglielmo (22) apontava que a indústria moderna, pela elevação do nível técnico das fabricações e conseqüente acréscimo das necessidades em pessoal especializado, tem um aumento do número dos "mensalistas" no efetivo total empregado e citava a previsão para a França entre 1959 e 1965, de um aumento maior do número de engenheiros e técnicos que do efetivo total de trabalhadores industriais. Se no caso francês e de outros países desenvolvidos, essa modificação da composição dos quadros de trabalhadores acontece pela ampliação da pesquisa industrial, no caso de São José e Jacareí, cada composição dos quadros reflete uma situação de "modernidade" diferente com relação ao tipo de empresa e de sua administração. A maior burocratização das atividades e estabelecimentos de grande porte leva à ampliação relativa dos funcionários administrativos.

Antes de qualquer descrição ou análise dos níveis salariais vigentes nas indústrias de São José dos Campos e Jacareí, acho oportuno lembrar a respeito que são regulamentados por legislação federal, tanto o nível mínimo salarial quanto seus reajustes anuais. Poucas alterações nos níveis são efetuadas por dissídios coletivos de alguns setores trabalhistas. O período do levantamento de dados desta pesquisa (maio a setembro) corresponde ao máximo de uniformidade salarial, pois que os aumentos salariais antecipados, definidos por dissídio coletivo, começam em geral a ser pagos em outubro, o que permite comparação mais segura dos níveis salariais entre os dois municípios, um dos objeti

(22) RAYMOND GUGLIELMO, op. cit. p. 193.

Tabela II-3

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: SALÁRIO FIXO - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Menos de 1*	78	13,2	35	15,2
1	13	2,2	25	10,8
Mais de 1 a 2	173	29,3	97	42,4
Mais de 2 a 3	141	23,9	30	13,0
Mais de 3 a 4	68	11,5	13	5,6
Mais de 4 a 6	58	9,8	14	6,1
Mais de 6 a 8	29	4,9	3	1,3
Mais de 8 a 10	10	1,7	2	0,9
Mais de 10 a 15	11	1,9	7	3,0
Mais de 15 a 20	5	0,8	1	0,4
Mais de 20	4	0,7	4	1,3
TOTAL	590	100,0	231	100,0

*Inclui os não informantes (aprox. 60 em São José e 2 em Jacareí.

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela II-4

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: SALÁRIO TOTAL - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Menos de 1	17	2,9	33	14,3
1	5	0,8	19	8,2
Mais de 1 a 2	164	27,8	97	42,0
Mais de 2 a 3	131	22,2	32	13,9
Mais de 3 a 4	82	13,9	17	7,4
Mais de 4 a 6	59	10,0	15	6,5
Mais de 6 a 8	35	5,9	4	1,7
Mais de 8 a 10	10	1,7	2	0,9
Mais de 10 a 15	17	2,9	7	3,0
Mais de 15 a 20	5	0,8	1	0,4
Mais de 20	4	0,7	2	0,9
Não informa:	61	10,3	2	0,9
TOTAL	590	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela II-5

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: RENDA FAMILIAR - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Menos de 1	3	0,5	5	2,2
1	5	0,8	3	1,3
Mais de 1 a 2	76	12,9	48	20,8
Mais de 2 a 3	91	15,4	49	21,2
Mais de 3 a 4	86	14,6	34	14,7
Mais de 4 a 6	120	20,3	47	20,3
Mais de 6 a 8	58	9,8	19	8,2
Mais de 8 a 10	25	4,2	5	2,2
Mais de 10 a 15	49	8,3	12	5,2
Mais de 15 a 20	13	2,2	3	1,3
Mais de 20 a 26	11	1,9	3	1,3
Mais de 26	4	0,7	1	0,4
Não informa	49	8,3	2	0,9
TOTAL	590	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela II-6

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: RENDA MÉDIA - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
25% do salário	24	4,1	15	6,5
Mais de 25 a 50%	81	13,7	53	22,9
Mais de 50 a 75%	89	15,1	52	22,5
Mais de 75% a 1	65	11,0	34	14,7
Mais de 1 a 1,5	95	16,1	40	17,3
Mais de 1,5 a 2	66	11,2	14	6,1
Mais de 2 a 3	50	8,5	10	4,3
Mais de 3 a 5	41	6,9	5	2,2
Mais de 5 a 8	21	3,6	4	1,7
Mais de 8	8	1,4	2	0,9
Não informa	49	8,3	2	0,9
TOTAL	590	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

vos previstos, Uma segunda comparação que os dados obtidos proporcionam refere-se àquela entre os salários fixos, totais (fixos e extras) e o rendimento familiar, total e médio.

Os níveis salariais de maior frequência em Jacareí situam-se na faixa de 1 a 2 salários mínimos, à qual correspondem 53,2% de sua mão-de-obra industrial, e na faixa de 1 a 3 salários mínimos em São José dos Campos, onde se situam 55,4% de sua mão de obra industrial, excluídos aqui os ganhos extras (23). Essa primeira descrição comparativa permite constatar a diversidade de níveis salariais entre as indústrias de ambos os municípios (tabela II-3). A pequena proporção de trabalhadores com remuneração inferior ou igual ao salário mínimo em São José contrasta com a proporção representada em Jacareí pelos mesmos níveis: o que se deve em parte ao maior emprego de menores nas indústrias de Jacareí.

A variação entre ambos os casos corresponde à diferenciação na composição por funções, como foi colocado anteriormente. As elevações periódicas de salários não consideram diferentes taxas segundo níveis diferentes de produtividade por setores industriais. As implicações dessa homogeneização de salários foram estudadas em recente trabalho (24). O mecanismo posto em prática pelas empresas mais produtivas, e que de certa forma compensa essa homogeneização, é a elevação de mínimos salariais, diversificação de funções e elevação dos mínimos de qualificação exigida, o que se reflete no mercado de trabalho em termos de concorrência entre empresas.

É o que ocorre em São José dos Campos, particularmente nas indústrias representativas da modernização, mais produtivas.

O regime assalariado, que representa para o trabalhador, entre outros aspectos, uma ascensão social, é o principal motivo apontado para justificar a procura da cidade por parte dos moradores da zona rural. Os

(23) O salário mínimo regional vigente por ocasião da pesquisa era 376 cruzeiros.

(24) PAULO BALTAR - *Diferenças de Salário e Produtividade na Estrutura Industrial Brasileira* (1970).

níveis salariais mais elevados funcionam como estímulo de novas migrações, não só de áreas rurais como também urbanas. O sul de Minas Gerais é uma das áreas de onde provêm mais migrantes em direção a São José e Jacareí, como também a outros municípios do Vale do Paraíba.

Quando computados os salários totais, isto é, adicionados aos salários fixos, os valores relativos às horas extras (tabela II-4), a distribuição do pessoal segundo faixas salariais altera-se: diminui a proporção de trabalhadores nas faixas de até 3 salários mínimos e aumenta a dos que recebem até 15 salários mínimos (concentrado na faixa de 3 a 4 salários mínimos) em São José dos Campos. Em Jacareí foram registradas alterações muito menos significativas, destacando-se a diminuição do pessoal remunerado ao nível de um salário mínimo e aumento na faixa de 2 a 4 salários mínimos.

A variação dos salários pelo adição de ganhos relativos a horas extras adquire maior peso nas faixas inferiores e contribui para elevar os rendimentos familiares a faixas mínimas de 3 ou 4 salários, que poderão ser alterados ou não pelo acréscimo dos rendimentos de outros membros da família.

A tendência notada em indústrias locais de determinar mínimos salariais ligeiramente superiores aos previstos por lei, norma em algumas indústrias de grande porte, e o grande número de trabalhadores que fazem horas extras, também norma de algumas empresas, devem ser considerados elementos que interferem na distribuição do pessoal total por níveis de salário.

A distribuição dos salários totais entre os componentes da mão-de-obra industrial de São José mostra uma concentração nas faixas entre 1 a 4 salários mínimos, sendo que 50,8% do total atinge até 3 salários mínimos e a proporção acumulada de 64,7% atinge até 4 salários mínimos. Em Jacareí os salários são mais baixos: 50,2% do total situam-se na faixa salarial entre 1 e 2 salários mínimos e a porcentagem acumulada até 3 salários mínimos atinge 64,1%.

Quanto aos níveis de rendimento familiar, isto é, o salário dos entrevistados, acrescido da renda dos outros elementos da família, situam-se em faixas obviamente mais elevadas. (tabela II-5). Para efeito de facilitar a

comparação, foram mantidas as mesmas faixas por salários mínimos. Assim, entre as famílias do pessoal ocupado em São José dos Campos, a renda concentra-se entre 1 e 6 salários mínimos; compreendendo 42,9% até 4 salários e acumulada até 6 salários, atinge 63,2%. Em Jacareí, a renda concentra-se também entre 1 e 6 salários, compreendendo 42,0% até 3 e 56,7% se acumulada até 4, e 77,0% se acumulada até 6 salários mínimos.

A renda familiar média fornece elementos importantes na avaliação dos rendimentos, na medida em que considera o rendimento familiar bruto em relação ao número de pessoas que ele deve prover (tabela II-6). Em São José dos Campos, a maior frequência (75,7%) é de famílias cuja renda mensal média se coloca entre 26% do salário mínimo e 3 salários mínimos, e em seguida (56,0% das famílias) aquelas com até 1,5 salários. Em Jacareí, 77,4% das famílias tem sua renda média entre 26% e 1,5 salários mínimos, sendo 45,4% até 75% do salário mínimo e 60,1% entre 75% e 1 salário.

Quanto ao regime de horário de trabalho, em torno de 59% da mão-de-obra segue o horário normal, isto é, quatro horas pela manhã e outras quatro à tarde, com intervalo para almoço e pequenas variações na distribuição das oito horas diárias. O restante trabalha em turnos alternados ou fixos, correspondendo basicamente ao pessoal ocupado na produção e manutenção. Estes correspondem a 39,1% em São José dos Campos e 39,0% em Jacareí. O funcionamento de um estabelecimento industrial em turnos é indicador do uso mais ou menos intensivo do capital imobilizado. Aqui se equiparam os dois municípios, que apresentam diferenças apenas quanto à proporção de pessoal que trabalha em turnos fixos ou alternados, o que parece influir mais na vida do trabalhador do que na da empresa, sendo 14,6% em São José e 29,0% em Jacareí sob regime de turnos alternados e 24,5% em São José dos Campos e 9,1% em Jacareí sob regime de turnos fixos, (ver tabela II-7).

Tabela II-7

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: HORÁRIO DE TRABALHO - 1974

HORÁRIO	S.J.Campos		Jacareí	
	Nº	%	Nº	%
Normal	344	58,3	138	59,7
Dois turnos alternados	36	6,1	36	15,6
Tres turnos alternados	50	8,5	33	14,3
Primeiro turno fixo	92	15,6	12	5,2
Segundo turno fixo	51	8,6	7	3,0
Terceiro turno fixo	2	0,3	2	0,9
Outro	4	0,7	3	1,3
Não informam	11	1,9	-	-
TOTAL	590	100,0	231	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

5. A participação dos migrantes na mão-de-obra industrial

5.1. A origem dos fluxos migratórios

São José dos Campos e Jacareí compõem, juntamente com outras cidades, uma situação adequada à mobilização de grande contingente migratório. A concentração industrial, vantajosa para as empresas pela redução de custos, por causa do aproveitamento de uma "mesma infraestrutura de energia, água, esgotos, transporte, comunicações e outros, e pelas economias externas que decorrem da complementaridade entre os estabelecimentos industriais oferecem um atrativo para as migrações, cujo oferecimento nem sempre é proporcional às aspirações de ascensão sócio-econômica do elemento migrante" (25).

O trabalho na atividade industrial em São José dos Campos e Jacareí emprega mais migrantes do que indivíduos que nunca migraram. Foram, no presente estudo, considerados migrantes todos aqueles que residem em município diferente do de nascimento.

Os migrantes correspondem a 77,3% dos 590 entrevistados em S. José dos Campos e 66,7% dos 231 entrevistados em Jacareí. Excluindo os não-residentes no município de trabalho, os migrantes constituem 77,96% dos 481 moradores e trabalhadores em S. José dos Campos e 66,2% dos moradores e trabalhadores em Jacareí, que totalizam 219 pessoas, (tabela A-3). Isso representa uma diferença praticamente irrelevante e por isso os dados serão considerados em conjunto, independentemente do município de residência.

A participação da mão-de-obra migrante é sempre majoritária em todos os setores das indústrias de São José dos Campos e Jacareí. Sempre mais de 60% de pessoal originário de outros municípios participa da mão-de-obra, seja em indústrias "tradicionais", "intermediárias", "dinâmicas" ou "diversas". Entretanto, essa participação é mais elevada nas indústrias que correspondem ao setor chamado dinâmico, para o município de S. José dos Campos, enquanto no município de Jacareí, é mais elevada a participação de migrantes na mão-de-obra das indústrias que correspondem ao setor tradicional.

(25) PAUL SINGER, "Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo", In: *Economia Política da Urbanização*, 4ª ed. p. 32.

Tabela II-8

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
PARTICIPAÇÃO DOS MIGRANTES POR
SETOR DE INDÚSTRIA - 1974

SETOR DE INDÚSTRIA	S.J.Campos %	Jacareí %
Tradicional	68,0	69,4
Intermediário	79,1	64,7
Dinâmico	81,2	61,8
Diversas	76,3	-

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

A coincidência entre o emprego de mais migrantes nos setores tradicional em Jacareí e dinâmico em São José dos Campos não se deve a características internas do determinado setor, mas ao fato de que eles são os setores que utilizam maior proporção da mão-de-obra (48,3% em Jacareí e 44,2% em São José dos Campos) e são, portanto, responsáveis por maior número de novos empregos, justificando assim a maior utilização dos migrantes.

São José dos Campos, onde foi instalado maior número de indústrias e cuja oferta de empregos industriais é maior, conta com mais migrantes. Nessa área, a migração é estimulada pelo crescimento da oferta de empregos. Há uma ligação direta entre os dois fatos: Jacareí, com menos oferta de empregos, possui menor participação dos migrantes na mão-de-obra.

Entre os entrevistados de São José dos Campos participam residentes em Jacareí, que em grande parte são migrantes. Os aspectos diferenciados entre residentes e não-residentes serão tratados no próximo capítulo. Em escala regional, porém, não há um processo migratório para cada município. A migração é para ambos o resultado de um processo único, mais intenso em São José dos Campos pelos efeitos da concentração industrial e menos intenso em Jacareí, onde acontece também como reflexo do crescimento de São José dos Campos (parte do povo é atraído por São José dos Campos, mas levado a residir em outro município), mas também como resultado da implantação industrial local.

Entre as pessoas nascidas na atual município de residência, ou seja, os não-migrantes alguns se mudaram da zona ru

FLUXOS MIGRATÓRIOS DA MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL DE
 SÃO JOSÉ DOS CAMPOS • JACAREÍ
 (CONSIDERANDO LOCAL DE NASCIMENTO)

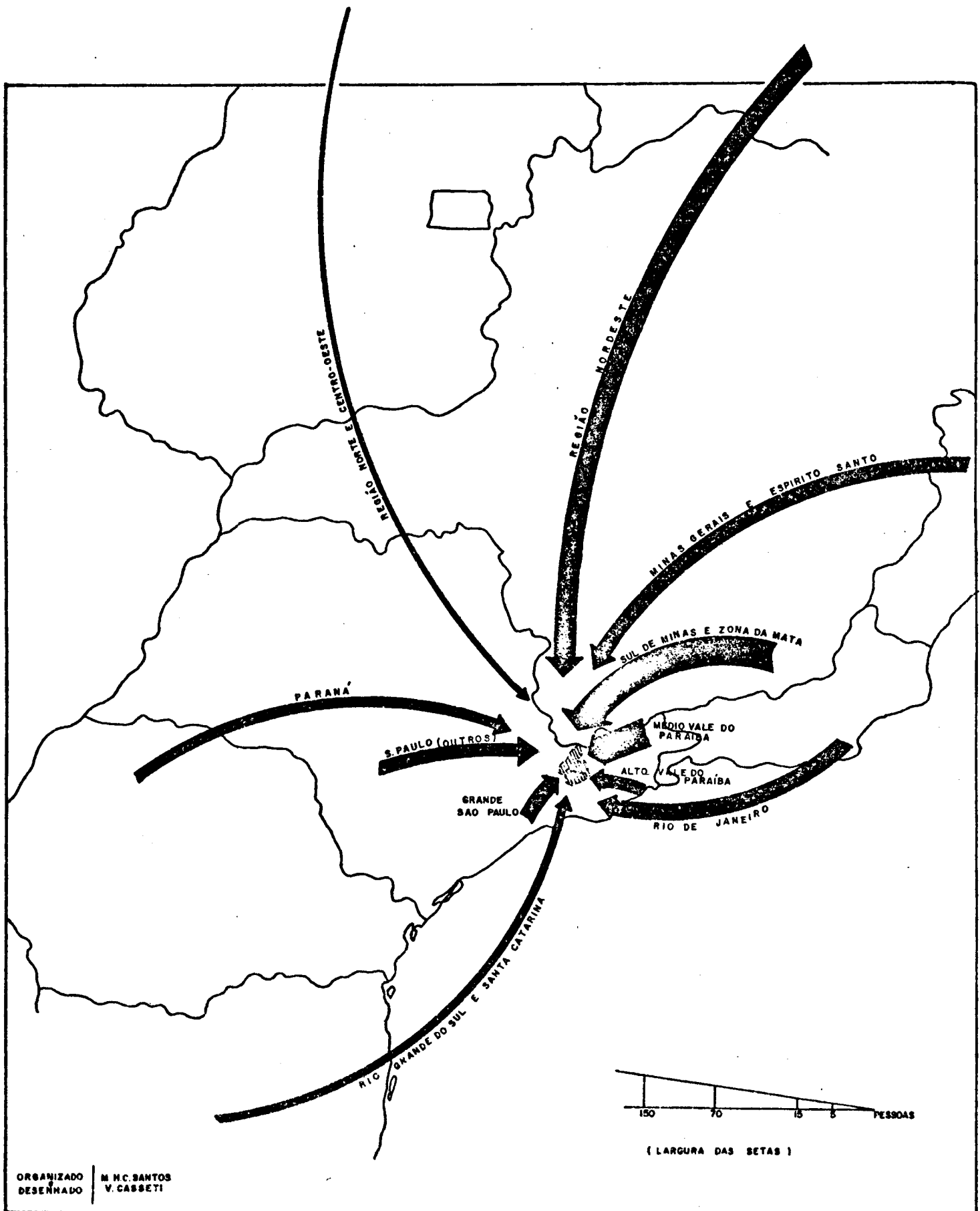


FIGURA 4

ral para a zona urbana do próprio município de nascimento: 1,5% do total de São José dos Campos e 10,8% de Jacareí. Portanto, excluindo as migrações propriamente ditas e as mudanças intra municipais, haveria 125 pessoas empregadas na indústria de São José dos Campos (21,2% do total) e 52 pessoas de Jacareí (22,5% do total) que realmente nunca realizaram nenhum tipo de migração.

A corrente migratória originada no Estado de Minas Gerais é antiga no Vale do Paraíba, conforme apontam os dados censitários disponíveis e outros trabalhos publicados. Müller (26) mencionava a presença significativa dos mineiros na população do Vale. A migração mineira tradicional é um dos elementos de direcionamento do atual fluxo migratório, particularmente intensos entre o sul do Estado e os municípios em foco, na medida em que a presença de familiares no local funciona como apoio para a migração de novos elementos. Esse fluxo caracteriza, ao lado de outros, uma situação de predomínio nos movimentos migratórios intra-regionais, dentro portanto do próprio Sudeste, muito mais do que de fluxos provenientes de outras regiões do país.

O ponto de partida na coleta de informações sobre a origem geográfica dos migrantes foram os municípios posteriormente agrupados em microrregiões homogêneas, conforme foram definidas pelo IBGE em 1968, algumas das quais foram agrupadas em sub-regiões, enquanto áreas com menor frequência de casos foram agrupadas em Estados ou Regiões, de modo a identificar 12 áreas de origem: Médio Vale do Paraíba Paulista, Sul de Minas Gerais e Zona da Mata Mineira, Minas Gerais (restante) e Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Grande São Paulo, Alto Vale do Paraíba, Estado de São Paulo (restante), Região Nordeste, Regiões Norte e Centro-Oeste, Região Sul (com exceção do Estado do Paraná, e exterior).

A distribuição geográfica dos migrantes, quanto ao seu local de nascimento, denota a predominância do Médio Vale do Paraíba Paulista e do Sul de Minas e Mata Mineira (figura 4 e tabela II-9). Entre os trabalhadores de São José dos Campos, o fluxo originário do Sul de Minas e Mata mineira supera o total dos não-migrantes.

(26) Nice L. Müller, op. cit.

Tabela II - 9

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: ZONA DE ORIGEM
POR LOCAL DE NASCIMENTO - 1974

LOCAL DE NASCIMENTO	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS					JACAREÍ								
	ZONA DE ORIGEM					ZONA DE ORIGEM								
	RURAL Nº	%	URBANA Nº	%	n/c Nº	TOTAL Nº	%	RURAL Nº	%	URBANA Nº	%	n/c Nº	TOTAL Nº	%
Minas (Sul e Zona da Mata)	69 (44,5%)	35,0	84 (54,2%)	21,8	2 (1,3%)	155 (100,0%)	26,3	22 (52,4%)	21,6	19 (45,2%)	15,1	1 (2,4%)	42 (100,0%)	13,2
Médio Vale do Paraíba	39 (35,5%)	19,8	70 (63,6%)	18,2	1 (0,9%)	110 (100,0%)	18,6	17 (44,7%)	16,7	21 (55,3%)	16,7	-	38 (100,0%)	16,5
Interior (Estado de S. Paulo)	18 (32,1%)	9,1	38 (67,0%)	9,9	-	56 (100,0%)	9,5	7 (53,8%)	6,9	6 (46,2%)	6,9	-	13 (100,0%)	5,6
Grande São Paulo*	4 (14,8%)	2,0	23 (85,2%)	6,0	-	27 (100,0%)	4,6	8 (50,0%)	7,8	8 (50,0%)	6,3	-	16 (100,0%)	6,9
Alto Vale do Paraíba	15 (57,7%)	7,6	11 (42,3%)	2,9	-	26 (100,0%)	4,4	3 (60,0%)	2,9	2 (40,0%)	4,0	-	5 (100,0%)	2,2
Região Nordeste	8 (36,4%)	4,1	14 (63,6%)	3,6	-	22 (100,0%)	3,7	3 (30,0%)	2,9	5 (50,0%)	4,0	2 (20,0%)	16 (100,0%)	4,3
Minas (outros) e Espírito Santo	8 (44,4%)	4,1	10 (55,6%)	2,6	-	18 (100,0%)	3,1	4 (40,0%)	3,9	6 (60,0%)	4,8	-	10 (100,0%)	4,3
Estado do Rio de Janeiro	1 (6,3%)	0,5	14 (87,5%)	3,6	1 (6,3%)	16 (100,0%)	2,7	4 (36,4%)	3,9	7 (63,6%)	5,6	-	11 (100,0%)	4,6
Paraná	2 (20,0%)	1,0	7 (70,0%)	1,8	1 (10,0%)	10 (100,0%)	1,7	2 (50,0%)	2,0	2 (50,0%)	1,6	-	4 (100,0%)	1,7
Exterior	2 (22,2%)	1,0	4 (44,4%)	1,0	3 (33,3%)	9 (100,0%)	1,5	-	-	5 (100,0%)	4,0	-	5 (100,0%)	2,2
Regiões Norte Centro-Oeste e Sul	2 (28,6%)	1,0	5 (71,4%)	1,3	-	7 (100,0%)	1,2	-	-	-	-	-	-	-
Nunca migraram	29 (21,6%)	14,7	105 (78,4%)	27,3	-	134 (100,0%)	22,7	32 (41,6%)	31,4	46 (58,4%)	35,7	-	77 (100,0%)	33,3
TOTAL	197 (33,4%)		385 (65,3%)		8 1,4	590 (100,0%)	100,0	102 (44,2%)		126 (54,5%)		3 (1,3%)	231 (100,0%)	100,0

Fonte: Questionário-2, levantamento de campo, 1974.

* Estado de São Paulo com exceção do Médio e Alto Vale do Paraíba e Grande São Grande São Paulo.
n/c Não consta a informação.

Algumas áreas de origem dos migrantes participantes da mão-de-obra industrial de S. José dos Campos e Jacareí, foram caracterizadas em recente estudo (27), como de "forte evasão populacional" e classificadas como "áreas com reduzido dinamismo de economia agrícola e baixo nível tecnológico, constituindo-se em zonas de depressão populacional". Desta maneira estão definidas áreas tais como o Sul de Minas, a Zona da Mata de Minas, ambas consideradas como única área de origem, neste trabalho, e o Alto Vale do Paraíba.

O Sul de Minas e a Mata Mineira constituem áreas de forte migração não só para o Estado de São Paulo, como para o interior do país. Com relação a São Paulo, a proximidade e a facilidade de acesso permitem um interrelacionamento amudado. Silva & Arruda (28) observam que o sistema urbano do Sul de Minas está submetido à área de influência de São Paulo facilitada através da fácil articulação pela rede ferroviária e rodoviária. "A presença nas proximidades de Minas de várias cidades paulistas faz com que a força de São Paulo seja exercida de maneira marcante exceto no setor Sudeste onde há interpretação da influência do Rio". No mesmo trabalho apresentam a Zona da Mata como dotada de "fortes vinculações ao Rio de Janeiro", o que entretanto não a impede de ser uma das áreas de grande envio de migrantes tanto quanto o Sul do Estado, área essa de densidade fraca, rural.

O Sul de Minas apresenta densidade demográficas urbanas das mais altas do Estado e tem uma "estrutura fundiária caracterizada pela alta proporção de minifúndios - 80,7% dos imóveis rurais possuem de 0 a 50 hectares..." (29), o que constitui elemento importante para entender a área como origem de grande parte dos migrantes e além de tudo, de grande parte dos migrantes rurais.

Entretanto, a maior parte dos indivíduos entrevistados declarou origem urbana, conforme a tabela II-9. Entre os de Jacareí, a origem urbana corresponde a ligeira maioria (53,3%) que, no grupo de São José dos Campos, é mais acentuada (62,5%). Poucas áreas de origem dos migrantes enviam fluxo su

(27) OLGA M. S. BECKER E OUTROS, *Área de atração e evasão populacional no Brasil no período 1960-1970*, mimeo.

(28) JANE DE S. SILVA & MARIA APARECIDA ARRUDA, *Estrutura espacial do Estado de Minas Gerais. Análise e Conjuntura* 7(2). p. 10

(29) Programa de armazenamento para o sul de Minas. *Análise e Conjuntura*. 7(2) p. 15.

perior de migrantes originários de zonas rurais. Em São José dos Campos, apenas os nascidos nos municípios do Alto Vale do Paraíba declaram origem rural em sua maior parte. Em outras áreas há equilíbrio entre as duas origens, como no Norte e no Centro-oeste, ou pequena maioria, como no Sul de Minas e Mata Mineira, à rural. Em Jacareí, os nascidos no Alto Vale do Paraíba, Sul de Minas e Mata e no interior do Estado de São Paulo são predominantemente de origem rural. Os números em que se fundamentam essas informações referem-se à questão específica, dirigida à pessoa entrevistada, sobre o caráter urbano ou rural de seu local de nascimento. A veracidade da informação, ou, melhor dizendo, a propriedade da informação não foi testada em todos os casos, o que pode levar a supor que vários originários da zona rural não informam sua origem como tal. É frequente acontecer que indivíduos ligados a áreas rurais informem apenas o local de nascimento ou de registro, que corresponde à sede do município ou sua área urbana; por isso, talvez essa maioria urbana seja um fato aparente quanto à origem primeira dos migrantes da mão-de-obra industrial de S. José dos Campos e Jacareí.

Muitos dentre eles, porém, passaram por outros municípios de residência antes do atual, quase sempre exercendo atividades urbanas, o que resultaria em maioria real de migrantes provenientes de áreas urbanas ao se deslocarem para o atual local de residência.

A fundamentação teórica dos estudos sobre etapas migratórias remonta ao trabalho clássico de Ravenstein, (30) realizado em fins do século passado sobre as migrações da Europa industrializada. Uma de suas leis da migração estabelece que as migrações se realizam por estágios, sendo primeiro atraídos os habitantes das regiões mais próximas. Suas leis dizem respeito ao mecanismo das migrações, mais do que às causas dos movimentos migratórios. É necessário também que se lembrem as limitações históricas de seu trabalho e a variação no tempo do conceito de distância, que pode levar a diferentes interpretações ou à determinação da maior ou menor abrangência ou validade dos seus princípios.

(30) Milton da Mata e outros, op. cit.

Singer (31) critica o estudo das etapas migratórias individuais antes do estudo global do processo migratório visto como um processo social. Segundo ele, "deixa de ter sentido investigar-se a migração como um movimento de indivíduos num dado período entre dois pontos, convencionalmente considerados como de origem e de destino. Quando uma classe social se põe em movimento, ela cria um fluxo migratório que pode ser de longa duração e que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino". Considera hipótese básica aquela de que o fluxo migratório originado por determinados fatores estruturais determina os movimentos unitários, que só podem ser compreendidos no quadro mais geral daquele. As colocações de Singer, realçando as migrações como processo social, são muito importantes na análise do significado das etapas percorridas pelos migrantes e das limitações dessa análise.

Poucos são os estudos que se detêm nesse tipo de análise. Recente trabalho do IBGE a respeito das "proposições metodológicas para análise dos diferenciais entre migrantes e nativos nas áreas metropolitanas do Sudeste" (32) considera o estudo das etapas migratórias essencial para entender o processo migratório, porém o declara inviável. Segundo o mesmo trabalho, o estudo de etapas migratórias "forneceria valiosas informações para a interpretação dos diferenciais através da identificação de caracteres como:

a) a tipologia das correntes migratórias, se há predominância de deslocamentos oriundos 1-) de outros pontos do sistema urbano estadual ou nacional comprovando assim o processo migratório por etapas; 2-) de áreas próximas, seja de origem rural ou urbana pertencentes ao raio de influência da metrópole.

b) a trajetória empreendida pelo migrante".

(31) Paul Singer. op. cit. p. 31

(32) OLGA M. S. BECKER & ZULEIKA, Proposição metodológica para análise dos diferenciais entre migrantes e nativos nas áreas metropolitanas do Sudeste. *Rev. Bras. Geog.* 37(2), p. 3.

Tabela II-10

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: SEXO POR NÚMERO DE ETAPAS
MIGRATÓRIAS - 1974

NÚMERO DE ETAPAS	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS						JACAREÍ					
	Masc.		Fem.		Total		Masc.		Fem.		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Uma	166	45,4	54	60,7	220	48,4	47	40,9	20	52,6	67	29,0
Duas	90	24,6	20	22,5	110	24,2	38	33,0	9	23,7	47	20,3
Três	49	13,4	9	10,1	58	12,7	16	13,9	4	10,5	20	8,7
Quatro	24	6,6	3	3,4	27	5,9	6	5,2	3	7,9	9	3,9
Cinco	25	6,8	3	3,4	28	6,2	4	3,5	1	2,6	5	2,2
Seis e mais	12	3,3	-	-	12	2,6	4	3,5	1	2,6	5	2,2
TOTAL	366	100,0	89	100,0	455	100,0	115	100,0	38	100,0	153	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela II-11

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: ÚLTIMO LOCAL DE PROCEDÊNCIA
DOS MIGRANTES - 1974

PROCEDÊNCIA	S.J. Campos		Jacareí		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Grande S. Paulo	91	20,1	49	31,6	140	22,9
Sul de Minas e Mata	114	25,1	25	16,1	139	22,8
Vale do Paraíba	83	18,3	18	11,6	101	16,6
Est. de S. Paulo (out.)	56	12,3	16	10,3	72	11,8
Est. Rio de Janeiro	29	6,4	11	7,1	40	6,6
Alto Vale do Paraíba	22	4,8	5	3,2	27	4,4
Minas (out.) e E. Santo	14	3,1	7	4,5	21	3,4
Paraná	13	2,9	6	3,9	19	3,1
S.J. Campos a Jacareí	9	2,0	10	6,4	19	3,1
Jacareí a S.J. Campos	6	1,3	1	0,6	7	1,1
S José/Jacareí a arredores	4	0,9	1	0,6	5	0,8
Nordeste	5	1,1	5	3,2	10	1,6
Exterior	3	0,7	1	0,6	4	0,6
Norte e Centro-Oeste	3	0,7	-	-	3	0,5
Sul	2	0,4	-	-	2	0,3
TOTAL	454	100,0	155	100,0	609	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

**FLUXOS MIGRATÓRIOS DA MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL DE
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS • JACAREÍ**
(CONSIDERANDO LOCAL DE PROCEDÊNCIA)

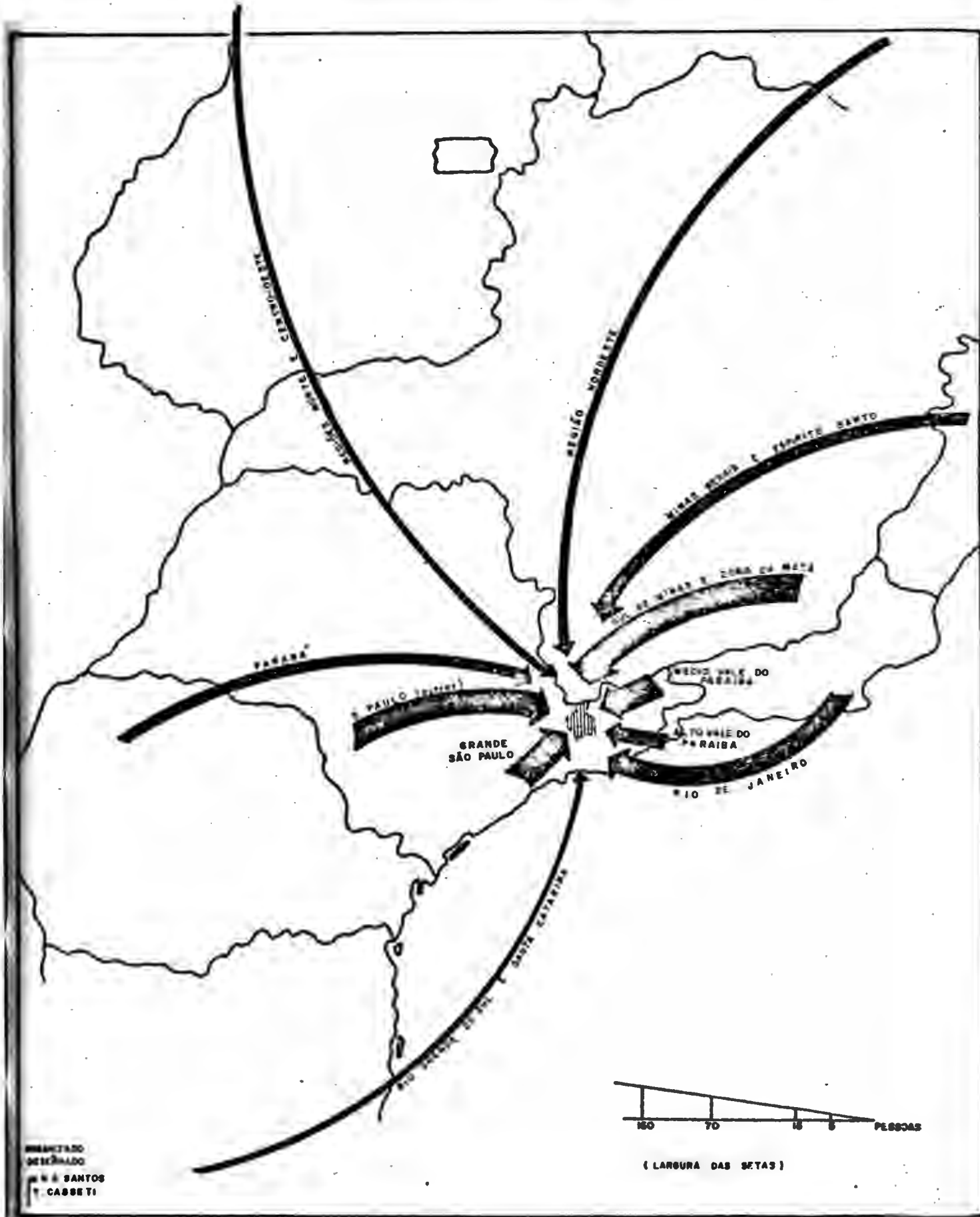


FIGURA 6

Salienta ainda que a experiência de vida do migrante, condicionada por seus traslados anteriores, mantém estreita vinculação com o status socio-econômico apresentado ou a ser alcançado pelo migrante na área de destino, e que o número de deslocamentos efetuados e a sua natureza poderão ser tomados como indicadores de um grau maior ou menor de adaptação do migrante ao contexto urbano.

Procurei ver até que ponto algumas dessas proposições metodológicas são aplicáveis e, quando aplicadas, até que ponto são elucidativas. É importante ter em mente as idéias de Singer, mas repito que considero os movimentos individuais ou de pequeno grupo como integrantes dos movimentos globais e dele representativos, desde que considerados em sua posição relativa. A trajetória da migração dos trabalhadores na indústria de São José dos Campos e Jacareí esclarece pontos sobre o caráter de sua movimentação migratória. Tratando-se predominantemente de migrações intra-regionais, as etapas realizam-se entre pontos mais próximos, do que seria o caso em fluxos inter-regionais. Óbvio, porém conveniente lembrar, que para alguns migrantes e mesmo não-migrantes entrevistados o atual local de residência corresponde a uma etapa, parte de um ciclo não encerrado. Para uma avaliação mais precisa de sua proporção, ver o trecho referente aos migrantes em potencial, ou seja, aqueles que possivelmente realizarão uma nova migração sob dadas condições.

Entre os migrantes, o mais frequente é a passagem por um ou dois municípios de residência, entre o município de nascimento e o de residência atual. Cada mudança de município será considerada uma etapa migratória entre o município de nascimento e o município de residência atual. Uma etapa migratória consiste, pois, na mudança do município de nascimento para o atual, sem estágio intermediário; duas etapas migratórias referem-se à mudança para um município intermediário antes do atual. Nessas condições, encontram-se aproximadamente 70% do total. Os restantes realizaram mais de duas etapas. A frequência de cinco ou mais etapas é muito pequena e, por vezes, refere-se a casos bem específicos, como de militares ou, então, de trabalhadores em construção de estradas, assim como seus familiares. A baixa frequência de etapas migratórias evidencia um conhecimento prévio do local de migração, ao menos

enquanto sua disponibilidade de empregos.

Observando a composição, por sexo, de cada grupo, a participação dos elementos masculinos cresce progressivamente à medida que se tem maior número de etapas migratórias entre os trabalhadores de São José dos Campos. A menor participação masculina corresponde aos não migrantes. Esta última afirmação é válida também para Jacareí, onde permanece constante a participação masculina, com exceção para o grupo que realizou quatro etapas migratórias, no qual essa participação cai quase ao nível dos não-migrantes.

Comparando o local de nascimento dos migrantes com o local da última etapa migratória, puderam ser constatadas algumas diferenças resultantes da sua migração pregressa. É muito frequente o migrante ter-se dirigido a São José ou Jacareí, depois de uma etapa migratória no município de São Paulo, ou qualquer outro da Grande São Paulo. A Grande São Paulo é a região de nascimento de 4,6% da mão-de-obra de São José e 6,9% da de Jacareí, e marca presença muito mais positiva como etapa migratória posterior. O município da Capital foi o último local de residência (independentemente de quantas etapas se constitua toda a trajetória) de 15% da mão-de-obra de São José dos Campos e de 16,8% dos de Jacareí. Incluindo os outros municípios da Grande São Paulo, essa proporção atinge 20,1% e 31,6% relativamente a São José e Jacareí.

Os dados globais para os dois municípios mostram uma frequência muito grande de migrantes, cuja última etapa foi o Sul de Minas ou a Zona da Mata mineira (22,8% do total, sendo 25,1% de São José e 16,1% de Jacareí), e também muito grande a frequência dos que vieram de outro município do Vale do Paraíba, exceto de São José e Jacareí (16,6%, sendo 18,3% do total de São José e 11,6% de Jacareí). O interior do Estado de São Paulo aparece em seguida, representando a última etapa migratória para 11,8% do total (12,3% de São José e 10,3% do total de Jacareí) (ver figura 5).

A preocupação de conseguir um emprego (e emprego em fábrica) é a melhor idéia que grande parte dos entrevistados tem de trabalho. Ela leva ao grande deslocamento populacional que se verifica em direção aos centros urbanos, tanto maior quanto maior é a cidade. O emprego significa, antes de tudo, a segurança da legislação trabalhista. Essa segurança, representada por um salário fixo mensal, aposentadoria, assistência

médica, 13º salário, FGTS, materializa a idéia que o migrante tem da ascensão social a que se refere a bibliografia existente. A ausência presumível dessa segurança no local de origem constituiria o motivo da migração.

5.2. As motivações para a migração.

A análise dos motivos da última migração evidencia que o principal é a procura de emprego, ou a procura de melhores condições de vida; 50,7% dos migrantes de São José dos Campos e 52,2% dos migrantes de Jacareí, considerando os motivos pessoais e familiares aglutinados, isto é, independentemente de ter cabido aos informantes a decisão de migrar.

A questão foi colocada com a finalidade de captar os motivos da última migração, do ponto de vista dos entrevistados. Cabe agora colocar as dimensões em que podem ser encaradas essas respostas, pois elas não se referem à todas as etapas migratórias, quando existiu mais de uma. Quando a mudança foi para um município vizinho, as explicações têm caráter mais restrito, pois se referem a pequena mudança. Em geral os motivos apresentados foram mais amplos.

No caso estudado, o migrante dirige-se a centros urbanos, dos quais já conhece as possibilidades de obtenção de oferta de emprego. Por vezes emprega-se e depois realiza a mudança efetiva, o que não se aplica a outros tipos de migração.

As migrações, portanto, se fazem à procura de melhores oportunidades de emprego. Outros motivos são declarados com menos frequência. A razão principal é apresentada com algumas diferenças: alguns colocam genericamente o problema - procura de lugar onde há mais facilidade de emprego; outros particularizam - arrumaram trabalho e depois se mudaram; outros, por desemprego; outros, ainda, em busca de novo tipo de emprego, o que pode significar que são originários da zona rural em busca de um emprego urbano; em suma, está claro que do ângulo do migrante é a quantidade de empregos disponíveis e aos quais ele teria acesso que direciona a mudança. Quando a decisão de migrar não foi do indivíduo entrevistado, o resultado do inquérito é semelhante: a procura de melhores condições de vida sempre significando a busca de um lugar com maior oferta de empregos..

Parte da massa de trabalhadores rurais ou pequenos

proprietários rurais sem condições de se capitalizar de modo a prover condições de sustento à família, frequentemente numerosa, encontra-se em condições incertas e desloca-se para a cidade em busca de um emprego. A nova situação de engajamento no sistema econômico sob a forma de assalariado é a alternativa que se lhe apresenta.

A presença de elementos da família na cidade constituiu-se no segundo principal motivo para a migração. Em São José dos Campos e em Jacareí respectivamente, 5,8% e 9,7% dos trabalhadores indicam a presença de parentes ali residentes como o principal motivo da mudança, (tabela II-12). Muitos entre aqueles que declararam outros motivos tinham familiares já residindo no município. A família (ampla) pode representar o canal de informação das possibilidades de emprego, das outras vantagens do lugar, pode até representar a primeira moradia no novo local de residência. Rossini (33) cita a grande solidariedade entre os novos migrantes e os parentes e amigos imigrados há mais tempo: "Por isso o imigrante está, em geral, sempre pronto a ajudar, inclusive hospedando parentes e conterrâneos que procuram se estabelecer perto dele. O imigrante bem sucedido é um canal de mobilidade para todo o grupo de origem".

Alguns motivos particulares interferem na decisão de migrar. Parte dos migrantes trabalhando atualmente na Simão originam-se de municípios onde se localizam indústrias de papel, ou cita-as em sua trajetória de migração.

A rotatividade alta de empregos na região tem o efeito, entre outros, de estímulo à migração, na medida em que certa quantidade de empregos é colocada continuamente em disponibilidade, aos quais todos teriam acesso, inclusive os recém-chegados. Alguns indivíduos chegam para procurar trabalho; encontrando-o, vêm então se fixar no município. Há, na verdade, uma oferta fictícia superior à oferta real de empregos, que se lhes apresenta como forma de melhoria das condições de vida.

(33) ROSA E. ROSSINI, O Estado de São Paulo - a intensidade das migrações e do êxodo rural/urbano, *Ciência e Cultura* 29 (7), p.783 e 785.

Tabela II-12

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MOTIVO DA ÚLTIMA MIGRAÇÃO - 1974

MOTIVO	MIGRANTES			
	S.J.Campos		Jacarei	
	Nº	%	Nº	%
Migrante	159	35,5	58	35,2
Mais facilidade de emprego	21	4,7	12	7,3
Presença de familiares	14	3,1	8	4,8
Novo tipo de emprego	14	3,1	4	2,4
com Transferência	13	2,9	1	0,6
decisão Estudo e emprego	13	2,9	-	-
de Estudo	8	1,8	-	-
migrar Aquisição de casa própria	4	0,9	1	0,6
Próximo ao local de emprego	41	9,2	8	4,8
Outro	9	2,0	9	5,5
Não informa				
Migrante	68	15,2	28	17,0
Para melhorar	14	3,1	4	2,4
Transferência	7	1,6	2	1,2
que Sair da roça	5	1,1	4	2,4
seguiu Presença de familiares	22	4,9	14	8,5
a Outro	36	8,0	12	7,3
família Não sabe				
TOTAL	448	100,0	165	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

As aspirações dos migrantes concentravam-se na obtenção de um emprego, por estarem empenhados fundamentalmente em mudar para melhorar suas condições de vida. O pequeno número de pessoas que aspira a nova mudança é indicador de que possam ter atingido o objetivo inicial, ou de que não há alternativa melhor que a do momento; quanto aos não-migrantes, fica evidente, pelos números obtidos, que não vêem esperança em mudar. Isso tem certa lógica, desde que estejam devidamente empregados e, ao que tudo indica, com remuneração mais alta do que a anterior; encontraram condições favoráveis à venda de sua força de trabalho. A maior parte deles não pretende mesmo mudar. Em geral não há explicação definida: simplesmente estão satisfeitos, sem motivo para sair (ver tabela II-12). Estes representam, em São José dos Campos, 44,2%, e em Jacareí 40,9% do total. Ou estão satisfeitos com o trabalho (16,8% e 10,2%) ou já estão estabelecidos com família e tudo (6,6% e 9,3%), ou simplesmente não declararam o motivo (6,1% e 12,9%).

Aqueles que pretendem mudar o fariam por trabalho melhor (2,2% e 1,8% sobre os totais de São José dos Campos e Jacareí). Alguns, portanto, não estão totalmente satisfeitos com as condições de trabalho, principal motivo impulsionador da migração, ou percebem possibilidades de busca de melhores condições. Outros, por não gostarem do lugar (2,0% e 1,3%, respectivamente São José dos Campos e Jacareí), ou por motivos genéricos, como: desejo de voltar ao lugar de origem, estudar, casar, morar mais perto do trabalho, custo de vida muito alto. Esta última razão só apareceu em São José dos Campos e indica a situação relativa do município na ocasião, marcada por uma elevação geral dos custos de vida desde a habitação até a alimentação, acentuada pelo rápido crescimento da população.

Procurando identificar os migrantes em potencial, encontrei-os naqueles que não têm planos de mudança, mas são sensíveis a um possível apelo migratório. Realizariam uma mudança no caso de haver determinadas condições. Entre elas estaria, em primeiro lugar, a presença de melhores condições de trabalho (2,9 em São José dos Campos e 3,6, em Jacareí), de emprego (1,0 e 2,2%) ou outras condições (2,0 e 2,7%).

Algumas diferenças entre a tendência geral das respostas obtidas em São José dos Campos e Jacareí merecem desta

que. Em São José, a proporção de pessoas que não desejam migrar é pouco maior que em Jacareí (82,0% e 79,7%), é maior também a proporção de pessoas que pretendem mudar (10,7% e 7,5%). Os migrantes em potencial são proporcionalmente mais numerosos em Jacareí (12,8%) do que em São José dos Campos (7,3%).

A estratificação desses mesmos dados, para migrantes e nativos, mostra em ambos os grupos o predomínio dos motivos generalizados para não migrar: acostumados com o lugar, não têm mais idade para isso e acomodados englobam mais da metade dos não migrantes (55,2%), ou seja, uma proporção maior que para os migrantes (41,0%). É possível que esse resultado esteja ligado às motivações da migração. Aqueles que nunca migraram não têm com clareza, ao nível de sua consciência, os motivos para não migrar, ao contrário dos que já realizaram uma migração. Estes localizam um motivo importante para justificar sua permanência: o trabalho. É o motivo apresentado por 19,3% entre eles: a satisfação com o trabalho, ou a certeza de um emprego, ou, ainda, porque São José dos Campos "tem bom campo de trabalho".

Para os não-migrantes, a família é o segundo motivo mais importante para não sair. Entre eles, 11,2% não se mudariam por causa da família, seja porque ela está estabelecida no local, seja porque eles dependem da família ou, apenas, porque a família mora ali mesmo".

Em Jacareí, a maior parte dos entrevistados também não pretende mudar-se, está satisfeita ou, ainda, não tem motivos para sair. A diferença com relação à São José é que esse motivo é válido na mesma proporção para migrantes e nativos.

Quanto à escolha de novo local para residência, os 18,0% que pretendem mudar-se limitam-se ao Grande São Paulo, ou outro lugar (Rio de Janeiro, ou outros), ou, então, voltar ao local de origem. Em São José dos Campos, os aspirantes à nova migração (correspondem a 10,7% do total) limitam-se à preferência do Grande São Paulo ou outro município mais distante (Rio de Janeiro, ou outros) ou então a voltar ao município de origem.

Os indecisos (7,3%) situam suas preferências entre voltar ao município de origem, ou mudar-se para "onde houver melhores salários", ou, ainda, para qualquer outro lugar. Em

Jacareí, aspiram a voltar à terra natal, ou mudar-se para São José dos Campos, ou lugares mais distantes, excluindo o Vale do Paraíba e o Grande São Paulo. Entre eles, 7,5% pretende sair para voltar (ao local de origem), morar em São José dos Campos ou então qualquer lugar não definido. 12,8% são possíveis aspirantes à migração e suas preferências recairiam no Grande São Paulo, ficando São José dos Campos ou "onde houver melhores salários" em segundo plano.

Tabela II-13

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: ASPIRAÇÕES A FUTURA MIGRAÇÃO- 1974

MIGRANTE EM POTENCIAL	MOTIVO	S.J.Campos		Jacareí	
		Nº	%	Nº	%
Não	Trabalho	99	16,8	23	10,2
	Familia	39	6,6	21	9,3
	Casa própria	21	3,6	11	4,9
	Estudo	13	2,2	1	0,4
	Cond. melhorou	7	1,2	1	0,4
	Custo de vida	4	0,7	-	-
	Mudar é pior	4	0,7	1	0,4
	Sem motivo p/sair	261	44,2	92	40,9
	Não informam	36	6,1	29	12,9
	Sub-total	484	82,0	179	79,6
Sim	Trabalho	13	2,2	4	1,8
	Não gosta daqui	12	2,0	3	1,3
	Custo de vida	8	1,4	-	-
	Estudo	4	0,7	-	-
	Casamento	4	0,7	-	-
	Perto loc.trabalho	3	0,5	1	0,4
	Outro	16	2,7	7	3,1
	Não informam	3	0,5	2	0,9
Sub-total	63	10,7	17	7,6	
Talvez	Trabalho	17	2,9	8	2,6
	Desemprego	6	1,0	5	2,2
	Família	1	0,2	4	1,8
	Estudo	1	0,2	3	1,3
	Outro	12	2,0	6	2,7
	Não informam	6	1,0	3	1,3
	Sub-total	43	7,3	29	12,9
TOTAL		590	100,0	225	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

A mão-de-obra industrial de São José dos Campos e de Jacareí, observadas isoladamente apresentam algumas características particulares. O destaque da participação dos elementos femininos e dos menores em Jacareí e os níveis mais elevados de escolaridade, qualificação e salários em São José dos Campos, sobressaem-se quanto à composição demográfica e o emprego.

Quanto a participação dos migrantes, torna-se evidente a unidade de ambos enquanto áreas de migração, tanto quanto a intensidade dos fluxos quanto à sua origem geográfica. A distribuição dos fluxos migratórios no espaço demonstra a importância de outras variáveis que induzem a população a migrar, que não o crescimento industrial e o aumento de empregos. Eles direcionam a migração mais do que constituem sua origem.

O migrante que participa da mão-de-obra industrial da área estudada, têm conhecimento prévio de suas perspectivas de emprego e em função delas escolhem a área de destino. Isto provavelmente não corre em outras áreas ou em outras situações de migração.

Capítulo III

MOVIMENTOS PENDULARES PARA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

1. Considerações sobre o estudo dos movimentos pendulares

Uma segunda dimensão da movimentação de população ampliada pelo crescimento da atividade industrial consiste nos movimentos pendulares entre São José dos Campos e outros municípios. Esse termo designa os movimentos diários de população em direção ao local de trabalho dentro de grandes aglomerações urbanas ou entre cidades diversas. Os movimentos pendulares da mão-de-obra ocupada nas indústrias de São José, partindo de cidades próximas, constituem fluxo significativo e em seu estudo está centrada esta parte do trabalho.

Os estudos a que tive acesso, sobre os movimentos pendulares, definem-nos como uma movimentação intra-urbana nas aglomerações metropolitanas, resultada das dimensões da cidade, em que a população se desloca para habitar áreas suburbanas ou periféricas. São poucos os trabalhos que têm por objeto o estudo dos movimentos pendulares; estes, comumente, estão incluídos em obras mais gerais.

Os movimentos pendulares, portanto, têm sido estudados como fenômeno inerente às grandes aglomerações urbanas, em particular em áreas metropolitanas, circunscrevendo-se no conjunto das relações intrametropolitanas. Estudo publicado pelo IBGE, em 1969, sobre a determinação das áreas metropolitanas, refere-se a um dos indicadores estabelecidos para inclusão de um município nas áreas metropolitanas definidas para o Brasil e que seria a presença de "pelo menos 10% de sua população total deslocando-se diariamente em viagens intermunicipais para o município que contém a cidade central ou outros municípios

da área" (1). No mesmo estudo é destacada a presença de "problemas econômicos e sociais de um espaço, no qual vive uma população frequentemente em uma unidade político-administrativa diferente daquela em que o chefe da família obtém sua receita" (2), num enfoque que introduz a questão das vantagens de receber e fornecer contingentes migratórios diários, numa estrutura que mantém a autonomia municipal e numa forma de organização do espaço que privilegia os espaços portadores das atividades produtivas.

Essa questão se coloca no caso dos municípios de função exclusivamente residencial - os municípios ou cidades-dormitório. No presente caso há intensa movimentação de mão-de-obra, porém não se trata daquele caso e sim de cidades onde está presente a produção em diferentes graus e em concentração desigual, de modo a originar um fluxo maior em direção a São José.

Conforme trabalho recente, também da equipe do IBGE, a ocorrência dos movimentos pendulares se dá nas áreas metropolitanas entre seu núcleo e as células metropolitanas periféricas ou nos casos de maior maturidade do complexo metropolitano. Cita como causa dos movimentos pendulares "a saturação dos espaços físicos disponíveis destinados em especial à atividade industrial, ocasionando sua descentralização para unidades territoriais periféricas; o volume crescente de mão-de-obra do núcleo que passa a buscar aproveitamento em outras parcelas da área metropolitana; a intensificação da proximidade física dos municípios da periferia em relação ao núcleo, ocasionada pelas crescentes facilidades de transporte e comunicação, possibilitando que suas populações se dirijam diariamente à metrópole na busca de trabalho e de serviços educacionais mais especializados. [Os movimentos pendulares intrametropolitanos surgem, desta maneira, como indicadores de integração entre o núcleo e a periferia, contribuindo para a identificação, entre outros tantos aspectos, do estágio de metropolização da

(1) MARILIA V. GALVÃO E OUTROS, Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas, *Rev. Bras. Geog.* 31 (4), p. 57.

(2) Idem, p. 61.

área estudada" (3).

Neste estudo não se trata de área metropolitana, dado que a área em questão não o será a curto prazo. Trata-se de fluxo de trabalhadores entre municípios diferentes, cidades médias, representando movimentos pendulares interurbanos. Embora a pesquisa tenha sido realizada nas duas cidades, os dados apresentados referem-se a S. José onde esses movimentos são significativos. O conjunto de informações relativas a Jacareí apenas será considerado quando se tornar necessária uma análise comparativa.

São José dos Campos, por seu recente e rápido crescimento, conheceu uma valorização imobiliária decorrente da ampliação dos serviços básicos urbanos (água, esgoto, pavimentação de ruas), que provocou alta nos preços dos terrenos e modificações no uso desse espaço melhorado, em geral em áreas vizinhas ao centro, e alimentou a especulação imobiliária.

As moradias mais populares e os terrenos desocupados cedem lugar a prédios de apartamentos e à ocupação para fins comerciais. A área valorizada é procurada para usos mais lucrativos que o residencial.

A especulação imobiliária e a especulação com aluguéis invadiu a cidade. O problema da habitação emerge com destaque dentre os outros problemas urbanos. Os loteamentos populares buscam áreas de menor custo sem aqueles serviços básicos geralmente localizados mais distantes do centro da cidade. Frequentemente os terrenos centrais desocupados são tomados por favelas.

A construção civil em São José dos Campos acompanhou o crescimento industrial e demográfico em ritmo e período de ocorrência. Entre 1972 e 1974 se deu verdadeira corrida no setor, como comprovam os indicadores de licenças para construir e de licenças de "habite-se" concedidas no município. No ano de 1972 (tabela III-1) o crescimento abrupto do número de licenças para construir no município de São José dos Campos supera o total de São Paulo, Campinas e outros municípios, sendo que apenas Brasília apresentou total superior a São José. Entre os municípios incluídos na tabela, os pertencentes à Grande São Paulo mostram diminuição desse total no período em

(3) Olga M. S. Becker & Zuleika L. C. de Oliveira, op. cit., p.7 e 8.

Tabela III-1

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E OUTROS MUNICÍPIOS
LICENÇAS PARA CONSTRUIR - 1969/1972

MUNICÍPIO	Número de Licenças			
	1969	1970	1971	1972
S. José dos Campos	1.069	710	678	2.484
Campinas	1.994	1.518	3.629	3.419
S. Bernardo do Campo	2.574	4.890	6.345	4.843
S. Paulo	22.472	21.375	22.110	20.846
Curitiba	3.251	2.362	1.910	1.520
Brasília	1.763	4.854	1.965	13.449

Fonte: I.B.G.E.

Tabela III-2

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E OUTROS MUNICÍPIOS
LICENÇAS DE "HABITE-SE" - 1969/1972

MUNICÍPIO	Número de Licenças			
	1969	1970	1971	1972
São José dos Campos	140	582	656	351
Campinas	2.172	2.283	900	1.439
S. Bernardo do Campo	602	1.781	3.029	2.853
S. Paulo	13.030	13.535	14.591	18.806
Curitiba	2.186	2.414	1.359	2.081
Brasília	4.070	6.605	2.040	1.559

Fonte: I.B.G.E.

foco. Examinando os mesmos indicadores para um mês tomado ao acaso (novembro /72), o total de São José é superior aos demais, com exceção de Brasília.

Esses dados indicam o início da corrida da construção civil, já que na mesma época o número de licenças de "habite-se" indicador das construções já concluídas é bem pequeno, inferior ao das cidades citadas. (tabela III-2). O período de euforia 1972-74 resultou na construção de "110 edifícios (a maioria de alto luxo) (...) Em contrapartida, a cidade se ressentiu de um déficit habitacional da ordem de 16.000 unidades, segundo cálculos recentes da Prefeitura Municipal" (4) como consequência da retração de após 1974, quando o mercado imobiliário e por consequência o setor da construção civil do município foram profundamente afetados.

A camada da população que não pode arcar com os custos da habitação nas áreas mais valorizadas tem procurado residir em outros municípios, fato que tem sido captado por empresas imobiliárias, com o lançamento de loteamentos nesses municípios, que procuram atingir o mercado de São José dos Campos. A título de ilustração, pude presenciar a propaganda de uma construtora de determinado conjunto habitacional localizado em Caçapava, dirigida a trabalhadores de indústrias de São José.

2. Os fluxos de migração diária

O deslocamento diário de considerável contingente de pessoas para São José dos Campos, proveniente de municípios contíguos ou não, constitui, como já foi assinalado, uma segunda dimensão das correntes de abastecimento de mão-de-obra estabelecidas a partir de todo o quadro de crescimento industrial já exposto. O caráter temporário e local dos movimentos pendulares diferenciam-se quanto à duração de tempo e espaço dos movimentos migratórios mais amplos.

O fluxo migratório diário é maior entre São José e Jacareí, municípios contíguos, cujos espaços urbanos são muito próximos e tendem à conurbação, na medida em que há incorporação de novas áreas ao espaço urbano de uma em direção à outra, seguindo

(4) JOÃO B. DE OLIVEIRA, Construção sem mercado em São José, *O Estado de São Paulo*, 23 de novembro de 1977.

os eixos rodoviários representados pela rodovia Dutra e pelas estradas secundárias que se comunicam com a rodovia, especialmente de Jacareí, em direção a S. José. As cidades são muito próximas entre si, aproximadamente 17 km, o que representa um percurso de cerca de 15 minutos pela rodovia. As novas indústrias de S. José - essencialmente as grandes - instalaram-se ao longo da própria rodovia, a maioria delas seguindo a direção de Jacareí (figura 1), e levam atrás de si vários dos novos loteamentos residenciais, o que acelerará a formação de uma conurbação.

Além de Jacareí, originam-se fluxos diários de outras cidades, principalmente Caçapava tradicional cidade-dormitório de S. José e Taubaté. Outras cidades do Vale do Paraíba (Aparecida e Pindamonhangaba, na amostra) e da Grande São Paulo (Mauá, Guarulhos e São Paulo) enviam pessoas em menor quantidade, e pela semelhança apresentada com relação a vários aspectos de sua composição serão aqui considerados como dois fluxos: Vale do Paraíba (outros) e Grande São Paulo. A figura 6 mostra que as faixas que representam os fluxos são menos largas à medida que a distância aumenta.

Além da proximidade física e espacial entre as duas cidades, há uma proximidade quanto a alguns aspectos estudados comparativamente nos dois conjuntos amostrais. Os dados obtidos permitem a comparação entre o fluxo migratório diário dirigido para S. José e do fluxo dirigido para Jacareí. Entretanto, por ser irrelevante, este não será estudado, mas apenas mencionado, quando for necessário. Embora para as outras cidades, o mesmo tipo de informação não seja disponível, parece evidente, pelo dimensionamento dos fluxos para S. José, que seriam dispensáveis, e tanto mais quanto mais distante estiverem.

Enquanto 94,8% da mão-de-obra ocupada nas indústrias de Jacareí residem no próprio município, a proporção relativa a S. José dos Campos é de 81,5%. Os 18,5% restantes são divididos entre Jacareí (10,5%), Caçapava (4,6%), Taubaté (2,5%), Grande São Paulo (0,6%) e Vale do Paraíba (outros) (0,4%).

A concentração da atividade industrial em S. José dos Campos é uma das causas dos fluxos diários. Os municípios cuja oferta de empregos não absorve toda a mão-de-obra ali residente passam a funcionar como área residencial para uma mão-de-obra que se dirige a outros locais, embora não exclusivamente residencial nos casos estudados. As características da indústria instalada em S. José apontando crescimento rápido da demanda de

pessoal qualificado leva as indústrias a ampliarem sua área de fornecimento de mão-de-obra, incentivando a movimentação de trabalhadores por várias formas, entre as quais o fornecimento de transporte.

3. Caracterização da mão-de-obra flutuante

3.1. A participação dos migrantes nos fluxos dos movimentos pendulares

Analisando a origem geográfica do contingente de mão-de-obra flutuante, destaca-se a freqüência mais intensa dos indivíduos que não residem no município de nascimento, portanto dos considerados migrantes, em comparação com os não-migrantes. Os dados sobre Jacareí, cidade da qual constam dados sobre trabalhadores flutuantes e não flutuantes, indicam percentagem de migrantes bem menor entre o grupo que permanece na cidade (66,2% de migrantes) do que entre os que saem para trabalhar em S. José (80,6% de migrantes), conforme tabela III-3.

Tal comportamento justifica-se pela própria motivação da migração: procura de emprego ou de lugar com maiores oportunidades de emprego. O indivíduo que realiza uma migração de caráter amplo dispõe-se com maior facilidade a procurar emprego em outro lugar onde haja maior oferta. Resta perguntar por que ele também não estabelece lá sua residência, evitando o desgaste físico do transporte diário e seu custo.

A resposta está subordinada à análise das condições de habitação, transporte e salários que conjuntamente induzem aos deslocamentos diários. Quase 20% dos empregos industriais de S. José são ocupados por residentes em outros municípios, o que representa mão-de-obra flutuante da ordem de mais de três mil pessoas em 1974 apenas na atividade industrial. Destas, podem ser avaliadas em 1.700 as que residem em Jacareí. Como se caracteriza essa mão-de-obra flutuante e como se relaciona com o grupo que permanece no próprio município de residência? É o que as páginas seguintes propõem-se a responder.

Por isso, foram examinados alguns aspectos demográficos, da mão-de-obra flutuante assim como aqueles selecionados com o emprego, as condições de habitação e as de transporte para o percurso diário entre local de domicílio e de trabalho.

Tabela III-3

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL, PARTICIPAÇÃO DOS MIGRANTES POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA

S. José dos Campos

MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	Migrantes		Não Migrantes		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
São José dos Campos	375 (93,3%)	82,2	106 (6,7%)	79,1	481 (100,0%)	81,5
Jacareí	50 (80,6%)	11,0	12 (19,4%)	9,0	62 (100,0%)	10,5
Caçapava	14 (51,9%)	3,1	13 (48,1%)	9,7	27 (100,0%)	4,6
Taubaté	14 (93,3%)	3,1	1 (6,7%)	0,7	15 (100,0%)	2,5
Grande São Paulo	2 (66,7%)	0,4	1 (33,3%)	0,7	3 (100,0%)	0,6
V. Paraíba (outros)	1 (50,0%)	0,2	1 (50,0%)	0,7	2 (100,0%)	0,4
TOTAL	456 (77,3%)	100,0	134 (22,7%)	100,0	590 (100,0%)	100,0

Jacareí

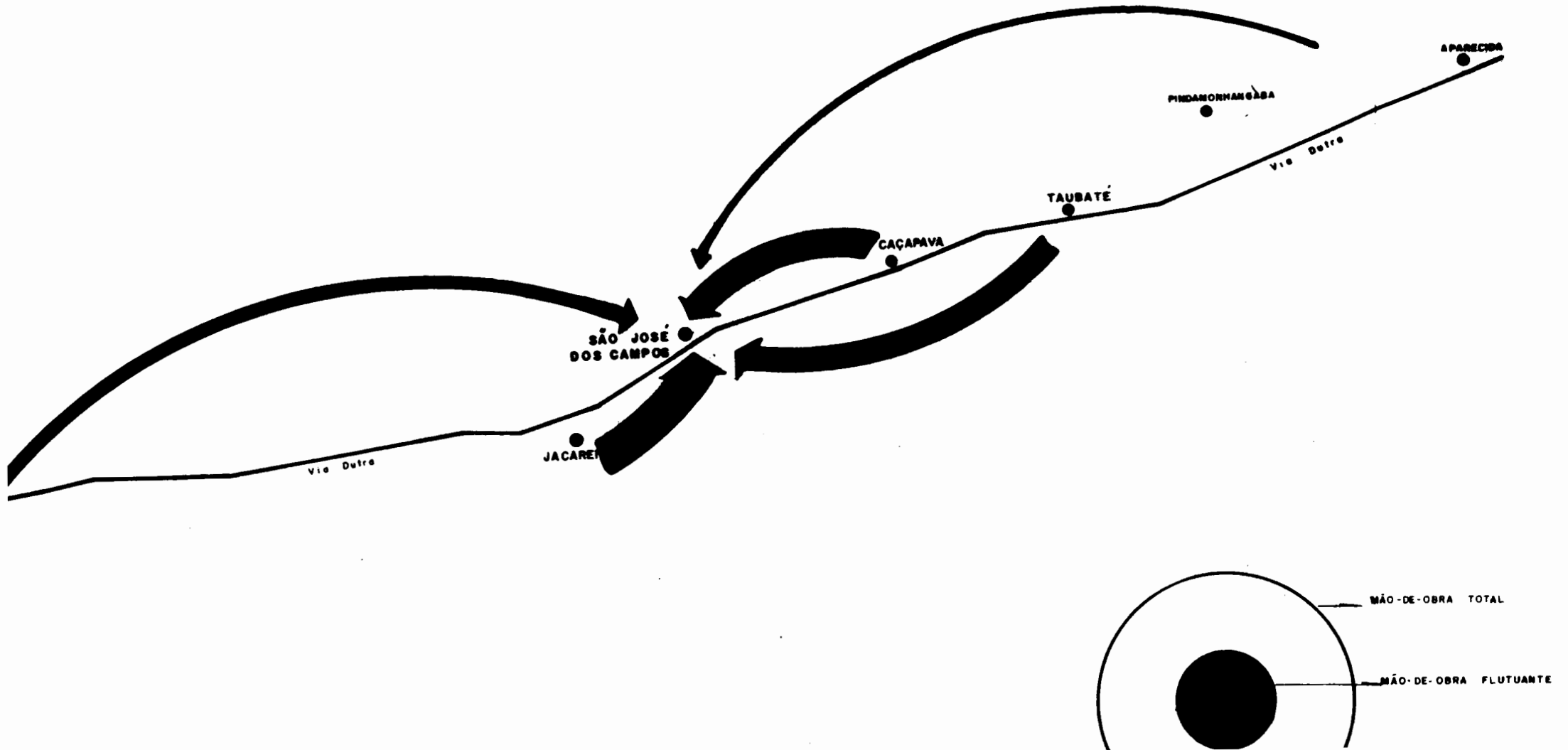
MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	Migrantes		Não Migrantes		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jacareí	145 (66,2%)	94,2	74 (33,8%)	96,1	219 (100,0%)	94,8
Guararema	3 (60,0%)	1,9	2 (40,0%)	2,6	5 (100,0%)	2,2
São José dos Campos	3 (100,0%)	1,9	-	-	3 (100,0%)	1,3
Grande São Paulo	2 (66,7%)	1,3	1 (33,3%)	1,3	3 (100,0%)	1,3
Santa Branca	1 (100,0%)	0,6	-	-	1 (100,0%)	0,4
TOTAL	154 (66,7%)	100,0	77 (33,3%)		231 (100,0%)	100,0

OBS.: Os valores entre parenteses representam a % em relação ao total da linha.

Fonte: Questionário-2, levantamento de campo, 1974.

FIGURA 6

MOVIMENTOS PENDULARES PARA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



3.2. A composição do grupo quanto a aspectos demográficos

A maior parte dos componentes do grupo flutuante situa-se na faixa etária de 22 a 24 anos e pertencem ao sexo masculino (ver tabela III-4).

O pessoal mais velho não participa dos movimentos pendulares: poucos têm mais de 42 anos. As pessoas do sexo feminino não se deslocam das cidades mais distantes.

Quanto à escolaridade formal, não há uniformidade entre os municípios fornecedores de mão-de-obra para São José. A composição quanto à escolaridade dos residentes em Jacareí assemelha-se aos não flutuantes (residentes em São José). Entre os residentes nos outros municípios, é progressivamente de mais alto nível à medida que o município de origem é mais distante, conforme indicam os dados na tabela III-5.

O total geral representa a tendência de todos os entrevistados e a proporção relativa de indivíduos de cada nível de formação escolar foi a base para a avaliação dos grupos de cada município. A distribuição da escolaridade em São José é aquela que mais se aproxima da tendência geral. Taubaté tem distribuição semelhante à de Caçapava, com a ressalva de que a proporção do pessoal de nível ginásial incompleto é superior à de Caçapava. Dentre os trabalhadores residentes em Caçapava, a proporção daqueles cuja formação atinge nível primário incompleto é inferior ao apresentado pela totalidade dos entrevistados enquanto a proporção nos níveis mais altos é superior. Os residentes nos municípios mais distantes têm no mínimo o grau colegial.

O exame desses dados deve considerar a escolaridade juntamente com a função. Como já foi assinalado no capítulo referente à caracterização da mão-de-obra industrial, há uma coincidência entre nível de escolaridade formal e nível de função, embora esta não dependa de aprendizagem escolar na maior parte dos casos. A mão-de-obra flutuante apresenta escolaridade proporcionalmente mais elevada em relação à domiciliada em São José dos Campos.

3.3. Particularidades relativas à função

A mão-de-obra ocupada na produção em níveis mais altos de qualificação, tais como operários qualificados, técnicos de nível médio e técnicos de nível superior, é a que, propor-

Tabela III-4

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO IDADES POR CLASSES - 1974

IDADE EM ANOS	S.J.CAMPOS		JACAREÍ		CAÇAPAVA		TAUBATÉ		G.S.PAULO		V.PARAÍBA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 18	34	7,1	4	6,5	1	3,7	-	-	-	-	-	-	39	6,6
19 a 21	82	17,0	9	14,5	6	22,2	3	20,0	-	-	-	-	100	16,9
22 a 24	105	21,8	15	24,2	3	11,1	7	46,7	-	-	-	-	130	22,0
25 a 27	71	14,8	8	12,9	7	25,9	1	6,7	-	-	2	100,0	89	15,1
28 a 30	54	11,2	4	6,5	1	3,7	-	-	-	-	-	-	59	10,0
31 a 33	37	7,7	8	12,9	5	18,5	2	13,3	1	33,3	-	-	53	9,0
34 a 36	26	5,4	4	6,5	3	11,1	1	6,7	-	-	-	-	34	5,8
37 a 39	18	3,7	1	1,6	-	-	1	6,7	-	-	-	-	20	3,4
40 a 42	16	3,3	6	9,7	1	3,7	-	-	1	33,3	-	-	24	4,1
43 a 45	13	2,7	2	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	15	2,5
Acima de 45	25	5,2	1	1,6	-	-	-	-	1	33,3	-	-	27	4,3
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela III-5

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO ESCOLARIDADE - 1974

GRAU DE ESCOLARIDADE	S.J.CAMPOS		JACAREÍ		CAÇAPAVA		TAUBATÉ		G.S.PAULO		V.PARAÍBA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	5	1,0	1	16,7	-	-	-	-	-	-	-	-	6	1,0
Primário inc.	48	10,0	6	9,7	1	3,7	-	-	-	-	-	-	55	9,3
Primário	189	39,3	26	41,9	6	22,2	2	13,3	-	-	-	-	223	37,8
Ginasial inc.	89	18,5	10	16,1	5	18,5	4	26,7	-	-	-	-	108	18,3
Ginasial	39	8,1	4	6,5	5	18,5	1	6,7	-	-	-	-	49	8,3
Colegial inc.	30	6,2	4	6,5	3	11,1	2	13,3	-	-	-	-	39	6,6
Colegial	30	6,2	6	9,7	-	-	3	20,0	2	66,7	-	-	41	6,9
Superior inc.	29	6,0	3	4,8	5	18,5	2	13,3	1	33,3	1	50,0	41	6,9
Superior	22	4,6	2	3,2	2	7,4	1	6,7	-	-	1	50,0	28	4,7
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

cionalmente, reside em maior número fora do município de trabalho. Portanto os movimentos pendulares atendem principalmente à demanda de pessoal qualificado. Enquanto os semiquualificados e não qualificados que constituem os níveis inferiores na produção, ao lado dos funcionários administrativos e gerentes, residem em sua maioria em São José dos Campos.

Em cada fluxo destaca-se determinado nível de função: é mais significativa a proporção de semiquualificados residentes em Jacareí (53,2%), de funcionários administrativos em Caçapava (51,9%) e operários qualificados em Taubaté (42,9%). Em números absolutos, a quantidade de semiquualificados é maior, pois estes constituem a maioria dos trabalhadores na indústria. A totalidade dos administradores superiores e dos trabalhadores não qualificados reside no próprio município de São José, assim como 80% dos funcionários administrativos.

Cada grupo representado pelos municípios envolvidos tem feição própria quanto à composição por função. No fluxo de Jacareí, a maioria é de semiquualificados, semelhante à de São José. No grupo de Taubaté, que se individualiza bastante em relação à distribuição dos outros municípios, os operários qualificados juntamente com os técnicos de nível médio chegam a 64,3%. No grupo enviado por Caçapava, a maioria é de funcionários administrativos (51,9%), superior portanto à participação dos funcionários administrativos em relação ao total da mão-de-obra industrial. O grupo de Taubaté individualiza-se bastante em relação à distribuição dos outros municípios,

Entre os trabalhadores em geral, o aprendizado para as funções que exercem na fábrica foi feito na própria empresa, já na ocupação atual, sem curso algum. Mais da metade coloca-se nessas condições (52,0% em São José e 56,7% em Jacareí). A outra forma de treinamento que assume importância é a realizada através da ocupação anterior (14,2% de São José e 11,7% de Jacareí). Em terceiro lugar, aparece a escola no aprendizado e refere-se a técnicos de nível médio ou superior. Corresponde a 11,4% dos trabalhadores em São José e 5,2% dos trabalhadores em Jacareí. Nesta, sobrepujam os que aprenderam em escola aqueles que declararam "com a prática" (8,7%) e "não houve necessidade de aprendizado" (7,4%); estes, com referência a trabalhadores não qualificados ou em funções auxiliares. Outras formas aparecem de maneira irrelevante.

A aprendizagem em escola é pouquíssimo significativa para a mão-de-obra industrial em geral. Somando os que tiveram treinamento pela prática na antiga ocupação e na atual sem curso, que correspondem basicamente ao mesmo tipo de aprendizado, chega-se a 69,9% dos trabalhadores de São José e 76,7% de Jacareí.

Os moradores de Jacareí e trabalhadores em São José têm um tipo de treinamento diferente dos que trabalham em Jacareí mesmo: é uma proporção maior que aprendeu na escola (8,1 % dos que saem e 5,0% dos que ficam) dos que aprenderam na atual função com cursinho na fábrica (3,2% e 1,4%) e também quanto aos que aprenderam na antiga ocupação (22,6% e 11,4%). Este último dado mostra como as indústrias preparam a mão-de-obra umas para as outras. As indústrias de São José utilizam mão-de-obra treinada pelas indústrias da redondeza. As fábricas de Jacareí preparam a mão-de-obra e as novas empresas podem contar com pessoal treinado, se não na função, pelo menos no tipo de trabalho fabril.

Entre os trabalhadores flutuantes de cada município, são mais "escolarizados" aqueles de Taubaté. A antiga ocupação é mais importante em Caçapava do que nos outros; quanto a atual, ela é da mesma importância para o grupo de Jacareí e de São José: em torno de 53%.

A distribuição da mão-de-obra, tomando por base apenas os salários fixos, mostra que o grupo flutuante concentra-se proporcionalmente em faixas salariais mais elevadas do que o grupo fixo. Assim, enquanto a maior parte da mão-de-obra global se concentra nas faixas salariais de mais de 1 a 2 ou até 3 salários mínimos (29,3% e 23,9%), os residentes em São José dos Campos - o grupo fixo - concentram-se nas mesmas faixas salariais (30,8% e 24,1%), e os residentes em Jacareí também, porém é mais marcante a faixa mais elevada (27,4% e 33,9%). Os residentes em Caçapava recebem entre 1 e 2 ou entre 3 e 6 salários mínimos (53,4%), e os restantes, acima de 3 a 8 salários mínimos. Portanto, há uma tendência à concentração em faixas salariais progressivamente mais elevadas, à medida que a distância do local de residência é maior. Para explicar isso, poderiam ser formuladas duas hipóteses: a mão-de-obra residente fora de São José é atraída por melhores salários ou, então, só é possível sua locomoção diária pelos melhores salários.

Tabela III-6

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO
A FUNÇÃO - 1974

NÍVEL DE FUNÇÃO	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não qualificado	8	1,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	1,4
Semiqualficado	223	46,4	33	53,2	6	22,2	1	6,7	-	-	-	-	263	44,6
Qualificado	74	15,4	13	21,0	5	18,5	6	40,0	1	33,3	-	-	99	16,8
Técnico nível médio	20	4,2	2	3,2	1	3,7	3	20,0	2	66,7	-	-	28	4,7
Técnico nível superior	7	1,5	1	1,6	1	3,7	-	-	-	-	-	-	9	1,5
Administração	134	27,9	12	19,4	14	51,9	4	26,7	-	-	2	100,0	166	28,1
Chefia de administração	6	1,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	1,0
Outro ou não informa	9	1,9	1	1,6	-	-	1	6,7	-	-	-	-	11	1,9
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela III-7

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO TREINAMENTO
PARA A FUNÇÃO ATUAL - 1974

TREINAMENTO	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Desnecessário	22	4,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	22	3,7
Em andamento	10	2,7	2	3,3	1	3,7	1	6,7	-	-	-	-	14	2,4
Prática	24	5,0	4	6,4	2	7,4	1	6,7	1	33,3	-	-	32	5,4
Ocupação anterior	66	13,7	14	22,6	9	33,3	3	20,0	2	66,	-	-	94	15,9
Ocupação atual s/curso	257	53,4	34	54,8	11	40,8	4	26,7	-	-	1	50,0	307	52,0
Ocupação atual c/curso	31	6,9	2	3,2	1	3,7	1	6,7	-	-	-	-	35	5,9
Escola	54	11,2	55	8,1	3	11,1	4	26,7	-	-	1	50,0	67	11,4
Outro	13	2,7	1	1,6	-	-	-	-	-	-	-	-	14	2,4
Não informa	4	0,8	-	-	-	-	1	6,7	-	-	-	-	5	0,8
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Esta é, porém, uma tendência limitada, posto que os que recebem salários realmente elevados - e assim foram considerados os que vão acima de 15 salários mínimos - residem em São José dos Campos. Pode ser notada certa correspondência com a distribuição das funções, onde fica evidente a participação marcada de operários qualificados e técnicos nos fluxos dos movimentos pendulares e a ausência dos menos qualificados e dos ocupantes de cargos de chefia administrativa. A estes últimos correspondem certamente os mais altos salários. Jacareí não se individualiza tanto quanto os outros municípios, chega a parecer um bairro de São José. À medida que a distância aumenta, o grupo flutuante tende a apresentar maior especificidade quanto aos níveis salariais e funções.

Aqui pode estar uma explicação dos movimentos pendulares em direção a São José: a atração dos salários mais al-

tos para os trabalhadores. Em relação às empresas, é a garantia de uma área mais ampla de reserva de mão-de-obra muitas vezes já treinada nas indústrias desses outros municípios. Caso dos mais frequentes nas histórias de vida relatadas é o primeiro emprego numa das indústrias de Jacareí e o seguinte numa grande empresa de São José dos Campos.

3.4. O percurso domicílio - emprego

A intensidade do tráfego entre São José dos Campos e Jacareí, pela manhã e a tarde, foi um dos elementos que se destacou na observação inicial, particularmente o tráfego de ônibus de algumas indústrias ou de empresas concessionárias.

As condições de transporte viabilizam a movimentação diária intermunicipal. A rodovia permite que os estabelecimentos industriais situados em São José dos Campos se comuniquem com igual facilidade tanto com sua área urbana como com as outras cidades citadas. A rodovia desvincula a indústria da cidade. A própria localização das indústrias junto à rodovia facilita a captação de mão-de-obra em distâncias maiores: todas as indústrias estabelecidas ao longo da Via Dutra utilizam, em maior ou menor quantidade, a mão-de-obra residente em outras cidades. Entre as localidades fora desse eixo são poucas as que se utilizam da mão-de-obra flutuante. É preciso considerar também que algumas indústrias de São José têm acesso mais fácil para as cidades de Jacareí e Caçapava do que para alguns pontos de sua própria cidade. Importante é salientar o aspecto da ampliação do espaço de captação de mão-de-obra industrial que também se desvincula da cidade onde se instala, o que acrescenta novas alternativas quanto à disponibilidade de mão-de-obra às indústrias, além da reserva proporcionada pelas migrações.

Há certa equivalência entre o tempo despendido no percurso residência-trabalho realizado pelos trabalhadores flutuantes e pela maior parte dos que residem no mesmo município de trabalho. Os deslocamentos diários tomam tanto tempo ao pessoal residente nos municípios vizinhos quanto aos residentes em São José. Os que se deslocam desde Jacareí e Caçapava gastam entre 20 e 30 minutos no percurso. E os residentes em São José o fazem entre 15 e 20 minutos. Taubaté, entretanto, dista de 30 a 60 minutos, as cidades do Vale, de 30 a 50 minutos e a Grande São Paulo, mais de uma hora, tanto para atingir São Jo-

sé como para os que se dirigem daquela para Jacareí.

Os estabelecimentos industriais de São José dos Campos que ocupam o pessoal residente em outro município constituem 25,4% do total, localizados junto à rodovia ou as vias de acesso, e em geral oferecem condução aos empregados, mantendo linhas para a cidade de São José e para as outras. O custeio é feito pelos usuários, seguindo critérios diferentes para cada empresa. Usualmente, esta subsidia parte do custo e desconta em folha de pagamento.

A condução oferecida pela empresa, seja ônibus ou perua, é a mais utilizada no município de São José. Ela supre as deficiências de outros meios de transporte, como o ônibus urbano, que é um dos menos utilizados nesse percurso - apenas 6,1% da mão-de-obra o utiliza entre residência e local de trabalho - e oferece vantagens de ambos os lados: aos usuários e às empresas. Para as empresas, ela evita problemas de atrasos que certamente ocorreriam de outra forma, que no caso dos horistas significam alteração no ritmo e custo da produção. Aos usuários, porque evita, além dos atrasos, os consequentes descontos. Além do mais, ela é, regra geral, mais barata que os outros meios de transporte. Quanto aos que não a utilizam, o mais freqüente é percorrer a pé esse percurso (17,5%), ou de bicicleta (10,0%), ou então de automóvel (13,5%).

Quanto maior é a distância entre o município de residência, menor é a proporção dos que utilizam automóvel no percurso, considerando os indivíduos que possuem um.

3.5. As condições de habitação

A habitação é em grande parte responsável pela movimentação pendular diária, na medida em que seu custo determina a procura de locais mais afastados do emprego para residir.

Os custos da habitação decorrem do uso do solo urbano e de sua valorização em função de melhorias tais como a extensão de obras de infraestrutura urbana, utilização do espaço central da cidade de São José para o comércio e os serviços gerando uma utilização mais intensiva do espaço urbano pela construção de edifícios.

Tabela III-8

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO O
SALÁRIO FIXO - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 1*	70	14,6	5	8,1	1	3,7	2	13,3	-	-	-	-	78	13,2
1	11	2,3	2	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	13	2,2
Mais de 1 a 2	148	30,8	17	27,4	8	29,6	-	-	-	-	-	-	173	29,3
Mais de 2 a 3	116	24,1	21	33,9	2	7,4	2	13,3	-	-	-	-	141	23,9
Mais de 3 a 4	52	11,8	4	6,5	7	25,9	4	26,7	-	-	1	50,0	68	11,5
Mais de 4 a 6	43	8,9	6	9,7	4	14,8	4	26,7	1	33,3	-	-	58	9,8
Mais de 6 a 8	17	3,5	4	6,5	2	7,4	3	20,0	2	66,7	1	50,0	29	4,9
Mais de 8 a 10	6	1,2	2	3,2	2	7,4	-	-	-	-	-	-	10	1,7
Mais de 10 a 15	9	1,9	1	1,6	1	3,7	-	-	-	-	-	-	11	1,9
Mais de 15 a 20	5	1,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,8
Mais de 20	4	0,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,7
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

* Inclui os não informantes (aprox. 60)

Tabela III-9

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO MEIO DE TRANSPORTE
UTILIZADO NO PERCURSO DOMICÍLIO-EMPREGO - 1974

MEIO DE TRANSPORTE	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
A pé	84	17,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	84	1
Bicicleta	48	10,0	-	-	1	3,7	-	-	-	-	-	-	49	
Ônibus indústria	222	46,2	42	67,7	21	77,8	15	100,0	-	-	-	-	300	5
Ônibus urbano	31	6,4	5	8,1	-	-	-	-	-	-	-	-	36	
Ônibus interurbano	6	1,2	7	11,3	1	3,7	-	-	-	-	-	-	14	
Automóvel	65	13,5	5	8,1	1	3,7	-	-	-	-	2	100,0	73	1
Perua lotação	13	2,7	-	-	2	7,4	-	-	-	-	-	-	15	
Outro	12	2,5	3	4,8	1	3,7	-	-	3	100,0	-	-	19	
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	10

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

A despesa absoluta com habitação não é maior em São José do que nos outros municípios. Isto que poderia parecer paradoxal com relação às afirmações anteriores, torna-se claro quando do exame dos dados de despesa comparados aos da qualidade da habitação. A qualidade é avaliada pelo total de dependências da residência e das instalações sanitárias. Grande parte das residências alugadas em São José possuem entre 3 e 7 dependências, em Jacareí entre 4 e 5, em Caçapava entre 4 e 6, em Taubaté 5 e nos restantes entre 5 e 9 dependências. A despesa com a habitação para a mão-de-obra de São José situa-se entre 25% do salário mínimo até 1 salário para 35,2% dos moradores em São José e 37,1% dos moradores em Jacareí. Nesses como nos outros municípios é possível notar a concentração de pessoas com despesa semelhante em dois níveis: um inferior a 2 salários e outro superior a 8 salários mínimos, sendo que o nível inferior a 50% do salário é frequente em São José e Jacareí e pouco frequente nos demais, (veja tabela III-10).

Ocorre a permanência daqueles com rendimentos suficientemente elevados para usufruir dos bairros bem equipados da cidade, em São José dos Campos, assim como daqueles que não dispõem de rendimentos suficientes para residir em outro município e portanto permanecem nos bairros menos equipados em serviços urbanos. Esta é a tendência geral demonstrada pela mão-de-obra ante a situação habitacional desta parte do Vale do Paraíba.

A localização interna ou externa das instalações sanitárias foi tomada como um indicador das condições da residência. Constitui um indicador também da auto-construção que toma conta de vários bairros dos arredores dessas cidades. 28% das habitações dos entrevistados de São José tem as instalações sanitárias fora da casa. Em Jacareí há uma parte menor de residências nessas condições, e em Taubaté é menor ainda e em Caçapava ausente para os trabalhadores entrevistados.

No município de São José, a habitação assume formas muito variadas: mora-se em casa própria, alugada e em aquisição (83%). O restante divide-se em casas cedidas, repúblicas, pensões e favelas. Moradias que variam entre uma e 18 dependências. A proporção de residências próprias, alugadas ou em

Tabela III-10

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO DESPESA
COM A HABITAÇÃO - 1974

SALÁRIOS MÍNIMOS	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
25% do salário	11	2,3	2	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	14	2,4
Mais de 25 a 50%	58	12,1	10	16,1	2	7,4	1	6,7	-	-	-	-	71	12,0
Mais de 50 a 75%	61	12,7	6	9,7	1	3,7	3	20,0	-	-	-	-	71	12,0
Mais de 75% a 1	50	10,4	7	11,3	5	18,5	1	6,7	-	-	-	-	63	10,7
Mais de 1 a 1,5	42	8,7	6	9,7	3	11,1	1	6,7	-	-	1	50,0	53	9,0
Mais de 1,5 a 2	19	4,0	4	6,5	2	7,4	2	13,3	1	33,3	-	-	28	4,7
Mais de 2 a 3	7	1,5	4	6,5	-	-	-	-	-	-	-	-	11	1,9
Mais de 3 a 5	5	1,0	2	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	7	1,2
Mais de 5 a 8	3	0,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,5
Mais de 8	216	44,9	20	32,3	14	51,9	6	40,0	2	66,7	1	50,0	259	43,9
Não informa	9	1,9	1	1,6	-	-	-	-	-	-	-	-	10	1,7
TOTAL	481	100,0	62	100,0	27	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	590	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela III-11

São José dos Campos

HABITAÇÃO: NÚMERO E LOCALIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
SEGUNDO O MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA

MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS							
	Uma(Dentro)		Duas e mais		Uma(Fora)		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S. José dos Campos	254 (60,5%)	77,0	49 (11,7%)	86,0	117 (27,9%)	88,0	420 (100,0%)	80,8
Jacareí	41 (71,9%)	12,4	3 (5,3%)	5,3	13 (22,8%)	9,8	57 (100,0%)	11,0
Caçapava	22 (91,7%)	6,7	-	-	2 (8,3%)	1,5	24 (100,0%)	4,6
Taubaté	11 (78,6%)	3,3	2 (14,3%)	3,5	1 (7,1%)	0,8	14 (100,0%)	2,7
Grande São Paulo	2 (66,7%)	0,6	1 (33,0%)	1,8	-	-	3 (100,0%)	0,6
V. Paraíba (outros)	-	-	2 (100,0%)	3,5	-	-	2	0,4
TOTAL	330 (63,5%)	100,0	57 (11,0)	100,0	133 (25,6%)	100,0	520 (100,0%)	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela III-12

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA SEGUNDO O TIPO DE
POSSE DO DOMICÍLIO - 1974

POSSE DO DOMICÍLIO	SJC Campos		Jacareí		Caçapava		Taubaté		GSPaulo		VParaíba		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Casa própria	185	40,0	18	29,0	13	50,0	5	33,3	2	66,7	1	50,0	224	39,3
Alugada	164	35,5	28	45,2	10	38,5	6	40,0	1	33,3	1	50,0	210	36,8
Em aquisição	34	7,4	11	17,7	1	3,8	2	13,3	-	-	-	-	48	8,4
Cedida	30	6,5	2	3,2	-	-	1	6,7	-	-	-	-	33	5,8
Pensão	26	5,6	2	3,2	1	3,8	1	6,7	-	-	-	-	50	5,3
Hotel	2	0,4	-	-	1	3,8	-	-	-	-	-	-	3	0,5
República	17	3,7	1	1,6	-	-	-	-	-	-	-	-	18	3,2
Outro	4	0,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,7
TOTAL	464	100,0	62	100,0	26	100,0	15	100,0	3	100,0	2	100,0	570	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974.

aquisição sobe a 86%, 91% e 92%, respectivamente para Taubaté, Jacareí e Caçapava. Metade dos residentes em Caçapava possui casa própria. Em Jacareí e Taubaté, essa proporção é de 30%, mas 15% estão adquirindo casa, enquanto apenas 7% o fazem em São José, o que significa que a população que pretende adquirir casa própria o faz nos municípios vizinhos.

É interessante observar que a aquisição de residências foi motivo apontado por 1,8% dos migrantes diários residentes fora de São José para explicar sua última mudança de município. Embora representem parcela pequena, é interessante notar que, entre estes, a maior parte reside atualmente em Jacareí principalmente ou Taubaté e Caçapava. Portanto a aquisição de residências tem sido motivo de evasão para municípios vizinhos a São José, numa tendência a engrossar os fluxos migratórios diários.

Com relação à posse da habitação, os municípios fornecedores de mão-de-obra a São José apresentam algumas diferenças entre si: Jacareí e Taubaté possuem a maior proporção de moradores em residências que estão sendo adquiridas (considerando os moradores de cada cidade separadamente), assim como de moradores em residências alugadas, o que confirma a hipótese de que os adquirentes de casa própria procuram os municípios vizinhos; em Caçapava, aproximadamente a metade dos moradores reside em casa própria, proporção menor vive em casas alugadas e pequena parte, em residências em aquisição.

Os altos preços dos aluguéis em São José são indicadores da sua valorização imobiliária. Isso provoca uma diversificação das formas de resolver os problemas de moradia. Em muitos casos, os custos com habitação restringem-se ao pagamento das despesas de luz, água e impostos.

Os movimentos pendulares resultam portanto da conexão de vários fatores, entre os quais, aqueles que contribuíram para o crescimento industrial tal como se deu em São José, em última instância, como um atrativo para as migrações e condutor de um processo de utilização diferenciada do solo urbano e conseqüentemente de valorização diferenciada desse espaço. Resultam por sua vez na expansão da área de reserva de força de trabalho para a indústria e eventualmente outros setores de atividade, visto que, torna acessível parte da população domiciliada fora do centro onde estão instaladas.

À medida que se distanciam mais, os fluxos explicam

-se pela atividade industrial, dadas as características de mão-de-obra incluída na movimentação diária. Particularmente a tende as necessidades de mão-de-obra de mais alto nível de qualificação para a produção industrial e resguarda a mobilidade do pessoal. Deve ser destacado o papel da rede de circulação e a disposição das indústrias ao longo dessa rede como um dos componentes da situação de mobilidade entre local de emprego e de domicílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões deste trabalho foram sendo expostas no decorrer de cada parte, restando pois a tarefa de reunir as mais importantes a título de encerramento.

A pesquisa demonstrou a existência de situações diferenciadas de crescimento industrial nos municípios estudados, decorrente de pré-condições econômicas, realizadas ou marcadas por decisões de caráter político. Assim, o núcleo industrial tradicional constituído por Jacareí evoluiu menos rapidamente no sentido da incorporação das novas grandes indústrias de capital internacional e adere à condição de fornecedor de mão-de-obra para a vizinha São José, ao mesmo tempo em que continua a apresentar importante atividade industrial e se prepara para, num futuro próximo, assumir papel semelhante ao dela, contribuindo para a ampliação da área de concentração industrial do Sudeste do Brasil ligada à Grande São Paulo.

São José dos Campos cresceu auxiliada por fatores de ordem política, tornando-se disponível ao novo capital, aos novos empreendimentos e desligando-se do passado de estância e centro comercial e núcleo industrial médio, para tornar-se a principal cidade do Vale industrializado, feita "cidade-pólo" do Vale do Paraíba, e no contexto do Vale do Paraíba, assumindo o papel da antiga capital regional, Taubaté.

O crescimento da indústria do Vale do Paraíba, particularmente em São José dos Campos e Jacareí, encontra-se ligado ao processo de acumulação capitalista brasileiro do Sudeste, marcado por sua ligação com as indústrias da Grande São Paulo.

A descentralização industrial posta em prática no Estado de São Paulo representa a expansão da produção, isto é, a ampliação espacial da produção/acumulação capitalista. Os objetivos imediatos de descongestionamento da Metrôpole paulista, definidos para essa descentralização, transformam-se em objetivo de expansão da atividade industrial essencial ao processo

de acumulação, para áreas potencialmente favoráveis, das quais participam os municípios estudados.

Assim, o crescimento diferenciado da atividade industrial entre eles resulta da expansão diferenciada no espaço do processo de produção industrial. Nesse processo de expansão, São José resulta primeiro em área privilegiada, enquanto Jacareí, no momento estudado, resulta em área menos atingida, resultando em maior atração em relação às correntes migratórias por parte da primeira, que atrai populações inclusive da Grande São Paulo.

No campo da distribuição intra-regional de populações dá-se a transferência de contingentes populacionais de áreas deprimidas do Sudeste, como Sul de Minas e Zona da Mata de Minas e do Alto Vale do Paraíba, em direção à área de concentração da produção, que, à medida que se amplia, passa a ser ponto onde se detêm esses migrantes. Se antes eles tinham como objetivo final a Grande São Paulo, hoje têm novas opções para o direcionamento de sua migração. A procura da área em foco representa nova inflexão na trajetória de migração, pois ficou evidente a chegada de pessoas originárias do interior do Estado de São Paulo e da própria Grande São Paulo, que representava para os migrantes a última etapa desejada. A passagem de muitos pela Grande São Paulo marca a sua presença importante como destino migratório.

Quanto ao reflexo dessa expansão como criadora de empregos, foi visto que se constitui em importante fator de direcionamento de fluxos migratórios, ainda que a criação de empregos não seja na realidade o principal objetivo dessa expansão e seja responsável hoje por uma super-oferta de mão-de-obra, que constitui reserva indispensável ao processo produtivo. Pesquisas relativas à absorção de mão-de-obra forneceriam informação sobre o aproveitamento do contingente migrado nas atividades econômicas e daquele efetivo não aproveitado, que não foi objeto deste trabalho.

Ainda que o número de empregos industriais não seja equivalente ao total de migrantes a ser, em princípio, absorvido, ele constitui, ou provoca esse excedente de força-de-trabalho, indispensável à manutenção de atividade, no sistema de produção capitalista.

Além das repercussões em escala regional, foram ob

servadas durante o trabalho, as repercussões em escala local ou, talvez, sub-regional, como foram considerados os movimentos pendulares e as modificações na fisionomia urbana.

Os movimentos pendulares representam, ao mesmo tempo, a compensação para a oferta diferenciada de empregos, a expressão do espaço diferenciado quanto ao uso e valor e a ampliação da reserva de mão-de-obra. A infra-estrutura de circulação amplia o espaço de reserva de força de trabalho, englobando áreas mais distantes dos centros empregadores, o que é expressado através das migrações diárias.

A intenção de desenvolver São José dos Campos sem ocasionar problemas para a cidade e seus habitantes resultou ineficaz. O crescimento de uma cidade não é totalmente controlável mesmo quando planejado com utilização de vasto instrumental. O propósito de prever e resolver todos os problemas urbanos é utópico, dados os limites do planejamento em nível municipal, porque os problemas extravassam a possibilidade de atuação nesse nível.

ANEXOS

Tabelas

Tabela A-1
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS: NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS OCUPADAS
POR GÊNERO E SETOR - 1973

GÊNERO E SETOR	S.J. Campos			Jacareí		
	A	B	C	A	B	C
Minerais não metálicos	520	4	130,0	85	2	42,5
Madeira e mobiliário	44	3	14,6	317	5	63,4
Têxtil	3.151	3	1.050,3	2.608	10	260,8
Artefatos de tecido e calçados	3.706	1	3.706,0	713	2	356,5
Produtos alimentares e bebidas	356	6	59,3	188	9	20,8
Editorial e gráfica	43	4	10,7	24	3	8,0
S.TRADICIONAL (sub-total)	7.820	21	372,3	3.935	31	126,9
Metalúrgica	825	10	82,5	326	7	46,5
Química e material plástico	2.514	4	628,5	1.186	7	169,4
Papel e papelão	-	-	-	1.255	2	627,5
S.INTERMEDIÁRIO (sub-total)	3.339	14	238,5	2.767	16	172,9
Mat. transporte e mecânica	9.892	5	1.978,4	547	3	182,3
Mat. elétrico e de comunicação	7.189	14	513,5	-	-	-
S.DINÂMICO (sub-total)	17.081	19	899,0	547	3	182,3
Diversas	2.590	2	1.295,0	16	1	16,0
TOTAL	30.830	56	535,9	7.265	51	142,4

Fonte: Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

Obs: A - Número de pessoas ocupadas
B - Número de estabelecimentos
C - Média de pessoas ocupadas por estabelecimento

Tabela A-2

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
INDÚSTRIAS SEGUNDO PESSOAL OCUPADO POR PRINCIPAL MOTIVO DE INSTALAÇÃO - 1973

São José dos Campos

MOTIVO	PESSOAL OCUPADO													
	Até 50		51 - 100		101-200		201-500		501-1000		+ de 1000	Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Situação geográfica	1	4,0	2	22,2	-	-	1	25,0	1	33,3	1	33,3	6	12,8
Localização geográfica	7	28,0	2	22,2	1	33,3	1	25,0	-	-	2	66,7	13	27,7
Condições familiares	13	52,0	1	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	14	29,8
Fornecer a ind. próxima	-	-	1	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,1
Facilidade mat. prima	-	-	2	22,2	1	33,3	1	25,0	-	-	-	-	4	8,5
Sair de São Paulo	-	-	-	-	1	33,3	-	-	2	66,7	-	-	3	6,4
Condições físicas	-	-	-	-	-	-	1	25,0	-	-	-	-	1	2,1
Outro	4	16,0	1	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	5	10,6
TOTAL	25	100,0	9	100,0	3	100,0	4	100,0	3	100,0	3	100,0	47	100,0

MOTIVO	PESSOAL OCUPADO													
	Até 50		51 - 100		101-200		201-500		501-1000		+ de 1000	Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Situação geográfica	1	4,2	1	33,3	3	33,3	4	44,4	1	100,0	1	100,0	11	22,4
Localização geográfica	4	16,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	8,5
Condições familiares	8	33,3	-	-	1	11,1	-	-	-	-	-	-	9	19,1
Fornecer a ind. próxima	2	8,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,3
Facilidade mat. prima	1	4,2	1	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,3
Sair de São Paulo	1	4,2	-	-	1	11,1	-	-	-	-	-	-	2	4,3
Mão-de-obra	2	8,3	-	-	2	22,2	2	22,2	-	-	-	-	6	12,8
Incentivos fiscais	-	-	1	33,3	1	11,1	2	22,2	-	-	-	-	4	8,5
Outro	5	20,8	-	-	1	11,1	1	11,1	-	-	-	-	7	14,9
TOTAL	24	100,0	3	100,0	9	100,0	9	100,0	1	100,0	1	100,0	47	100,0

Fonte: Questionário-1, Levantamento de Campo, 1974.

Tabela A-3

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL: MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA POR CONDIÇÃO DE
MIGRAÇÃO - 1974

CONDIÇÃO DE MIGRAÇÃO	São José dos Campos						Jacareí						TOTAL	
	SJCampos		Outro		Total	Jacareí		Outro		Total	Nº	%		
	Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%					
Migrante	375	78,0	81	74,3	456	77,3	145	66,2	9	75,0	154	66,6	610	74,3
Não migrante	106	22,0	28	25,7	134	22,7	74	33,8	3	25,0	77	33,3	211	25,7
TOTAL	481	100,0	109	100,0	590	100,0	219	100,0	12	100,0	231	100,0	821	100,0

Fonte: Questionário-2, Levantamento de Campo, 1974

Pesquisa sobre mão-de-obra industrial - Dep. de Geografia - USP

Atenção: NÃO preencher os espaços, |.
Quando o espaço for insuficiente, completar no verso.

| | Razão social da firma _____

| | Endereço _____

| | Município _____ | | Distrito _____
| | ou Bairro _____

| | Endereço da sede (matriz) _____

| | Município _____ | | Estado _____

| | Atividade principal do estabelecimento _____

| | Outras atividades _____

| | Data de início de funcionamento _____

| | Área construída _____ | | Área total _____

| | Motivo da instalação da indústria neste local: _____

| | A indústria mantém condução para o pessoal? Sim ____ Não ____ | |

| | Especificar tipo de veículo e quantidade: _____

| | Fornece treinamento para o pessoal? Sim ____ Não ____ | |

| | Especificar cursos, convênios: _____

| | Fornece assistência social, médica ou consultoria? Sim ____ Não ____ | |

| | Especificar o tipo: _____

| | Há falta de pessoal? Sim ____ Não ____ | |

| | Especificar de que nível: _____

| | Como é feito o recrutamento de pessoal para a indústria? _____

| | Que critérios são utilizados para a seleção do pessoal?

| | É Satisfatório o nível do pessoal da região? Porquê?

| | Origem da matéria prima consumida - 1973

MATÉRIA PRIMA	QUANTIDADE	ORIGEM
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

| | Destino da produção - 1973

PRODUTO	QUANTIDADE	DESTINO
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

| | Energia consumida (em _____)

1969	170	71	172	73
_____	_____	_____	_____	_____

| | Valor total da produção em \$: 1969

1970	1971
_____	_____

1972	1973
_____	_____

Personal ocupado (dez.)	1969	1970	1971	1972	1973
TÉCNICO DE NÍVEL SUPERIOR					
TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO					
OPERÁRIO QUALIFICADO					
OPERÁRIO SEMIQUALIFICADO					
OPERÁRIO NÃO QUALIFICADO					
TOTAL					
ADMINISTRADORES SUPERIORES					
ADMINISTRADORES INTERMEDIÁRIOS					
ADMINISTRADORES SUBALTERNOS					
TOTAL					

Questionário-1

Modelos dos questionários

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Obras gerais

1. BALTAR, PAULO - *Diferenças de Salário e Produtividade na Estrutura Industrial Brasileira (1970)*, Campinas, Tese de mestrado, DEPE-IFCH - UNICAMP. Mimeo. 1977.
2. BECKER, BERTA - As migrações internas do Brasil, reflexo de uma organização interna desequilibrada. *Rev. Bras. Geog.* 30(2). p. 98-116.
3. BECKER, OLGA M.S. e outros - *Áreas de atração e evasão populacional no Brasil no período 1960 - 1970*, Rio de Janeiro, 1978, mimeogr.
4. BECKER, OLGA M.S. & OLIVEIRA, ZULEIKA R.C. de - Proposição metodológica para análise dos diferenciais entre migrantes e nativos nas áreas metropolitanas do Sudeste. *Rev. Bras. Geog.*, Rio de Janeiro, 37(2): 3-43, abr./jun. 1975.
5. BERNARDES, LISIA M.C. - Sobre o processo de metropolização no Brasil, *Rev. Geográfica*, Rio de Janeiro, 71, dez. 1969.
6. BETHLHEIM, CHARLES - *Planificación y crecimiento acelerado*. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.
7. BRASIL Presidência da República. II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Rio de Janeiro. Serv. Graf. IBGE, 1975.
8. CANO, WILSON - *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, Rio de Janeiro, 1977. Difel (Corpo e Alma do Brasil, 53).
9. CARDOSO, FERNANDO H. & REYNA, JOSÉ LUIS - Industrialização, estrutura ocupacional e estratificação social na América Latina. *Dados* 2/3: 4-31.
10. CASTELLS, MANUEL - *Problemas de investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa, Presença, 1975.
11. CHALINE, CLAUDE - Population active et agglomérations urbaines britanniques; interpretation géographique des resultats du Recensement de 1961. *Annales de Géographie*, LXXVI (417), sep-oct. 1967.

12. CHENERY, HOLLIS B. - A study of industrial growth, N. York, ONU, 1969.
13. CLAVAL, PAUL - La theorie des villes. *Revue Geographique de L'est*, VIII (1 e 2), 1960.
14. CONSÓRCIO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO VALE DO PARAÍBA (CODIVAP) - *Caracterização do conhecimento do Vale da Paraíba* - 1971; caracterização e ampliação dos conhecimentos existentes sobre a região do Vale do Paraíba - diagnósticos resultantes. 1972.
15. COURGEAU, DANIEL - Migrants et migrations. *Population*, 1, jan-fer 1973.
16. DEAN, WARREN - *A industrialização de São Paulo; 1880-1945*. São Paulo, Difusão Européia do livro/USP, 1971 (Corpo e Alma do Brasil).
17. GALVÃO, MARILIA V. e outros - Áreas de pesquisa para de terminação de áreas metropolitanas. *Rev. Bras. Geog.* 31(4):53-127, out/dez. 1969.
18. GEIGER, PEDRO P. & DAVIDOVITCH, FANY - Aspéctos do fato urbano no Brasil. *Rev. Bras. Geog.*, Rio de Janeiro, XXIII(2): abr./jun.1961.
19. GELMAN, MAURICE - Structure demographique et origine de la population industrielle grenobloise. *Revue de Géographie Alpine*, LI(1), 1963.
20. GEORGE, PIERRE - "Problemas, doutrina e método". In: - *A geografia ativa*. 3^a ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
21. GEORGE, PIERRE - Tendences nouvelles de la localisation des industries à l'interieur des agglomerations urbaines. *Economie Appliquée*, 21(1):31-40, 1968.
22. GOLDENSTEIN, LÉA - *A industrialização da Baixada Santista*; estudo de um centro industrial satélite. São Paulo, USP/ GEOG., 1972.
23. GRAHAM, DOUGLAS H. - Algumas considerações econômicas para a política migratória no meio brasileiro. In: Costa, Manuel Augusto, ed. - *Migrações Internas no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1971, p.13-33. (Monografia, 5).

24. GUGLIELMO, RAYMOND - "Geografia ativa da indústria". In: GEORGE, P. e outros - *A geografia ativa*, 3ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
25. KAYSER, BERNARD - *Migration de main d'oeuvre et marchés du travail*, Paris, CCDE, 1971.
26. LA CORTE, NELSON DE - *A estrutura da indústria no estado de São Paulo*, 1972, mimeogr. (Tese doutoramento)
27. LEME, RUI A.S. - *Contribuição à Teoria da localização industrial*, São Paulo, FCEEA/USP, Boletim nº39.
28. LOPES, JUAREZ R.B. e outros - *Emprego e Força de Trabalho na América Latina*. São Paulo, Cebrap, 1971, mimeogr.
29. LOPES, JUAREZ R.B. - *Desenvolvimento e Mudança Social ; formação da sociedade urbano-industrial no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
30. MAIMON, DALIA e outros - O impacto regional das políticas econômicas no Brasil. *Rev. Bras. Geog.* Rio de Janeiro, 39(3):3-53, jul/set. 1977.
31. MARTINS, LUCIANO - *Industrialização, burguesia nacional e desenvolvimento; introdução à crise brasileira*. Rio de Janeiro, Saga, 1968. (Imagem do Brasil, 7).
32. MATA, MILTON DA e outros - *Migrações internas no Brasil; aspectos econômicos e demográficos*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1973.
33. MELLO, JOÃO MANUEL C. - O capitalismo tardio; contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira. Campinas, 1975, mimeogr. (Tese de doutoramento).
34. MULLER, NICE L. - *O fato urbano na bacia do rio Paraíba; estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1969. (Biblioteca Geográfica Brasileira, A, 23)
35. OLIVEIRA, FRANCISCO DE - A economia brasileira, crítica à razão dualista. *Seleções Cebrap*, 1:7-78, 3ª ed. [São Paulo], Brasiliense/Cebrap, 1977.
36. OLIVEIRA, SÉRGIO S. DE - Uma cidade com desenvolvimento controlado. *Problemas Brasileiros*, XII, nº 132, agosto 1974: p. 14-19.

37. PASTORE, JOSÉ & LOPES, JOÃO DO CARMO - *A mão-de-obra especializada na indústria paulista*. São Paulo, IPE-USP, 1973.
38. PAVIANI, ALDO - Commuting in the Brazilian Federal District. *Rev. Geográfica*, 77, dez. 1972.
39. PROGRAMA de armazenamento para o sul de Minas. *Análise e Conjuntura*. Belo Horizonte. 7(2).
40. ROSSINI, ROSA ESTER - Estado de São Paulo - A intensidade das migrações e do êxodo rural/urbano. *Ciência e Cultura*, São Paulo 29(7), jul. 1977.
41. SANTOS, MILTON - *Por uma Geografia Nova*; da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo, Hucitec/USP, 1978.
42. SÃO PAULO (ESTADO). SEPLAN-DEE. *Finanças Públicas e Estaduais - 1971*, nov./72. Mimeogr.
43. SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Fazenda. Relatório do Grupo de Descentralização Industrial. *Economia Paulista* 1(5), vol. 1, fev. 1970.
44. SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Economia e Planejamento - Erplan Vale do Paraíba. *Perfil da III Região Administrativa do Estado de São Paulo*. São José dos Campos. 1973, mimeogr.
45. SILVA, JANE DE S. & ARRUDA, MARIA APARECIDA - Estrutura espacial do Estado de Minas Gerais. *Análise e Conjuntura*. Belo Horizonte 7(2):2-11, fev. 1977.
46. SILVA, SÉRGIO - Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo, Alfa Omega, 1976.
47. SINGER, PAUL - *Desenvolvimento e crise*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
48. SINGER, PAUL - "Evolução da economia brasileira: 1955 - 1975". In: *A crise do "milagre"*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976. p. 77-119.
49. SINGER, PAUL - "Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo". In: *Economia Política da urbanização*. 4ª ed. Braziliense/Cebrap. 1977.
50. SINGER, PAUL - "O "milagre" brasileiro": causas e consequências. In: *A crise do "milagre"*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976. p.15-76

51. VIMONT; CLAUDE - Conditions de vie et emploi des jeunes travailleurs, Population, 3, mai-jun 1968, p.536-538.

II. Outros

52. CONHEÇA Jacareí a cidade onde o progresso chegou. *Diário de Jacareí*, Jacareí, 3 nov. 1974. (Edição Especial).
53. OLIVEIRA, JOÃO BATISTA - Construção sem mercado em São José. *O Estado de São Paulo*. 23 nov. 1977.
54. SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Economia e Planejamento. *São Paulo Desenvolvimento Atlas*, 1970.
55. BRASIL. IBGE. Recenseamentos gerais. *Censos demográficos* de 1940, 1950, 1960 e 1970. Rio de Janeiro.
56. BRASIL: IBGE. Recenseamentos gerais. *Censos agrícolas, industrial, comercial e de serviços* de 1940, 1950, 1960 e 1970. Rio de Janeiro.

TABELA I - 7
 SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ
 ENERGIA ELÉTRICA CONSUMIDA NAS INDÚSTRIAS,
 POR GÊNERO E SETOR - 1973

GÊNERO E SETOR	VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL (mil cruzeiros)					
	S. J. dos Campos		Jacareí		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Minerais não metálicos	12.279.568 (94,7%)	0,4	689.127 (5,3%)	0,1	12.968.695 (100,0%)	0,4
Madeira e mobiliário	1.712.279 (9,3%)	0,1	16.759.139 (90,7%)	2,6	18.471.417 (100,0%)	0,5
Têxtil	114.563.503 (35,5%)	4,3	208.120.275 (64,5%)	32,2	322.683.778 (100,0%)	9,7
Artefatos de tecidos, confecções e calçados	*247.038.835 (93,1%)	9,2	18.179.646 (6,8%)	2,8	265.218.481 (100,0%)	8,0
Produtos alimentares e bebidas	58.478.174 (77,0%)	2,2	17.473.409 (23,0%)	2,7	75.951.583 (100,0%)	2,3
Editorial e gráfica	1.007.534 (1,9%)	0,0	50.959.175 (98,1%)	7,9	51.966.709 (100,0%)	1,6
Tradicional (Sub-Total)	435.079.893 (58,2%)	16,3	312.180.770 (41,8%)	48,2	747.260.663 (100,0%)	22,5
Metalúrgica	40.506.082 (70,3%)	1,5	17.098.942 (29,7%)	2,6	57.605.024 (100,0%)	1,7
Química e mat. plástico	244.543.881 (67,4%)	9,1	118.173.685 (32,6%)	18,3	362.717.566 (100,0%)	10,9
Intermediário (Sub-Total)	285.049.963 (48,7%)	10,6	299.630.700 (51,3%)	46,3	584.680.663 (100,0%)	17,6
Mat. transporte e mecânica	1.029.361.342 (96,7%)	38,5	35.226.722 (3,3%)	38,5	1.064.588.064 (100,0%)	32,0
Mat. elétrico e de comunic.	605.875.195 (100,0%)	22,6	-	-	605.875.195 (100,0%)	18,2
Dinâmico (Sub-Total)	1.635.236.537 (97,9%)	61,1	35.226.722 (2,1%)	5,4	1.670.463.259 (100,0%)	50,3
Diversas	319.576.166	11,9	450	0,0	319.576.616	9,6
TOTAL	2.674.942.559 (80,5%)	100,0	647.942.166 (19,5%)	100,0	3.321.884.725 (100,0%)	100,0

Obs.: Os percentuais em coluna correspondem ao total geral da coluna. Os percentuais abaixo dos dados correspondem ao total da linha.

* indica a utilização do faturamento de 1971, inflacionado a nível de 1973.

Fonte: Questionário-1, levantamento de campo, 1974.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.fflch.usp.br/>.



1971-2021